

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA

**ENSINO DE HISTÓRIA A UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN:
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM ARTES VISUAIS**

**SÃO MATEUS-ES
2020**

WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA

ENSINO DE HISTÓRIA A UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN:
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM ARTES VISUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo

SÃO MATEUS-ES
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

F679e

Fontana, Wiviany Teixeira Borges.

Ensino de história a uma criança com síndrome de Down: experiências educativas com artes visuais / Wiviany Teixeira Borges Fontana – São Mateus - ES, 2020.

157 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

1. Síndrome de Down. 2. Artes visuais. 3. História. 4. Inclusão.
I. Thiengo, Edmar Reis. II. Título.

CDD: 371.92

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA

**ENSINO DE HISTÓRIA A UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE
DOWN: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM ARTES VISUAIS**

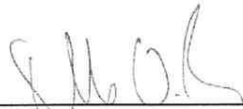
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 15 de dezembro de 2020.

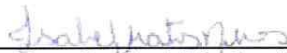
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Isabel Matos Nunes
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

“Educar é empenhar-se por fazer o outro crescer, desenvolver-se, evoluir”.

Maria Teresa Eglér Mantoan

Dedico esta dissertação, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado no decorrer de meus dias; ao meu esposo Geraldo Fontana, aos meus filhos Águida e Henrique, e a todos os meus familiares, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Que esta vitória seja exemplo para muitos outros indivíduos, principalmente para minhas joias: meus filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo direcionamento no decorrer de minha caminhada, principalmente, nos momentos em que quase desisti de estudar.

Ao meu orientador Dr. Edmar Reis Thiengo, pela dedicação e paciência com minhas escritas. Seus conhecimentos compartilhados fizeram grande diferença em todas as áreas da minha vida. Obrigada pelo comprometimento e pela qualidade de minha dissertação.

À minha cunhada Valéria Cristina Calvi Fontana, que sempre me motivava a prosseguir e com a qual compartilhei inúmeros desafios.

A uma colega, professora de História, que sempre me mostrava uma luz, uma confiança nos momentos desafiadores desta pesquisa.

Aos colegas, pela cooperação mútua durante todo o curso de mestrado, principalmente, na reta final, com o ensino remoto.

RESUMO

A inclusão de uma criança é uma necessidade dentro das escolas, a fim de garantir uma educação de qualidade e possibilitar o direito de todos os alunos, com necessidades especiais ou não, de exercer e usufruir de uma educação satisfatória. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é discutir as contribuições das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem para um estudante com síndrome de Down nas aulas de História. Para tanto, foram consultadas obras de diversos autores, entre os quais, as teorias de Michael Farrell (2008), que descreve os tipos de dificuldades de aprendizagem, abordando estratégias de ensino e aprendizagem e considerando o tipo de deficiência; o trabalho de Ana Cristina Dias Rocha Lima (2016), que oferece uma reflexão sobre as práticas pedagógicas apropriadas para alunos com síndrome de Down; de Patricia Aguiar de Oliveira (2013) utilizou-se as estratégias motivadoras para o ensino de História utilizando filmes, imagens e iconografia; e de Lev Semenovitch Vigotski (1997; 2007; 2008; 2011) utilizou-se os conceitos de zona de desenvolvimento iminente e a mediação pedagógica para o desenvolvimento cognitivo, que se constrói de fora para dentro. A pesquisa é de cunho qualitativo, foi desenvolvido por meio de um estudo de caso junto a um aluno com síndrome de Down, pertencente a uma turma de 8º ano de uma escola de Educação Infantil do município de Presidente Kennedy-ES, sendo aplicado um plano de estudos utilizando as artes visuais. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o professor de História, o professor auxiliar e com a mãe do aluno. Os resultados mostraram que as artes visuais aumentaram a atenção durante as aulas e houve mais retenção dos conteúdos ensinados de História. Ao utilizar as artes visuais foi possível integrar conhecimentos históricos por meio da exploração e do uso de diferentes técnicas oferecidas pelas linguagens artísticas, gerando e produzindo novas ideias. Ademais, o esforço da família e dos professores ao oferecer atividades diferenciadas, com o intuito de adaptar a resposta educacional às necessidades particulares do aluno, possibilitou obter resultados positivos nas aulas de história. Como produto desta dissertação foi elaborada uma proposta de formação para os professores de História do Ensino Fundamental, que se propõe a aplicar atividades dessa disciplina com as artes visuais.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Artes Visuais. História. Inclusão.

ABSTRACT

The inclusion of a child is an need within schools in order to guarantee quality education and enable the right of all students, with special needs or not, to exercise and enjoy a satisfactory education. In this context, the objective of this study is to discuss the contributions of the use of visual arts in the teaching and learning process to a student with Down syndrome in History classes. For this purpose, the works of several authors were consulted, among which the theory of Michael Farrell (2008), which describes the types of learning difficulties, addressing teaching and learning strategies taking into account the type of disability; in the work of Ana Cristina Dias Rocha Lima (2016), who offers a reflection on the appropriate pedagogical practices for students with Down syndrome; by Patricia Aguiar de Oliveira (2013), motivating strategies were used for teaching history using films, images and iconography; and Lev Semenovitch Vigotski (1997; 2007; 2008; 2011), we used the concepts of zone of imminent development and pedagogical mediation for cognitive development, which is built from the outside in. The research is of a qualitative nature, using a case study with a student with Down syndrome, belonging to an 8th grade class at an early childhood school in the municipality of Presidente Kennedy-ES, through the application of an education plan. studies using the visual arts. Semi-structured interviews were also conducted with the history teacher, the assistant teacher and the student's mother. The results showed that the visual arts provided more attention during classes and more retention of the contents taught in the teaching of History. Using visual arts, it was possible to integrate historical knowledge through the exploration and use of different techniques offered by artistic languages, promoting the generation of ideas. It was concluded that the effort of the family and teachers, offering differentiated activities, in order to adapt the educational response to the particular needs of the student, made it possible to obtain positive results in history classes. As a product of this dissertation, a training proposal was prepared for teachers of History of Elementary Education, which proposes to experience activities in this discipline involving the visual arts.

Keywords: Down syndrome; Visual arts; Story; Inclusion.

LISTA DE FUGURA

Figura 1 – Trissomia do par cromossômico 21.....	21
Figura 2 – Atividade 3 do plano de aula	64
Figura 3 - Atividade 4 do plano de aula.....	66
Figura 4 - Atividade 5 do plano de aula.....	67
Figura 5 - Atividade 6 do plano de aula.....	68
Figura 6 - Atividade 8 do plano de aula.....	69
Figura 7 - Atividade 9 do plano de aula.....	70

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EADSNE	Agência Europeia para Necessidades Especiais e Educação Inclusiva
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAFI	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Madre Gertrudes de São José
NEE	Necessidades Educativas Especiais
SCIELO	Biblioteca Eletrônica Científica On-line
SEM	Salas de Recursos Multifuncionais
TGD	Transtorno Global de Desenvolvimento
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
ZDI	Zona de Desenvolvimento Iminente
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	15
1.2 JUSTIFICATIVA.....	16
2 DISCUSSÕES TEÓRICAS	18
2.1 UMA PESQUISA SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E INCLUSÃO.....	18
2.2 SÍNDROME DE DOWN: TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21.....	20
2.3 APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.....	23
2.4 INCLUSÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: UM OLHAR SOBRE A BNCC.....	25
2.5 ENSINO DE HISTÓRIA COM AS ARTES VISUAIS.....	29
2.5.1 Professor de História X Educação Inclusiva	34
3 METODOLOGIA	40
3.1 AMBIENTE DA PESQUISA.....	41
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	42
3.3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	43
3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS.....	46
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	48
4.1 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O TRABALHO JUNTO AO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN.....	49
4.2 PERCEPÇÃO DA MÃE DO ALUNO SOBRE O ENSINO OFERECIDO NA ESCOLA.....	54
4.3 RELATO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA PROPOSTO.....	59
5 PRODUTO EDUCACIONAL	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – PROPOSTA DE FORMAÇÃO.....	82
APÊNDICE B: ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA DE HISTÓRIA E À PROFESSORA AUXILIAR.....	114
APÊNDICE C: ENTREVISTA APLICADA À MÃE.....	115
APÊNDICE D: PLANO DE AULA.....	116
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PROFESSORES.....	147

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO RESPONSÁVEL LEGAL.....	149
ANEXO C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	151
ANEXO D: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.....	153
ANEXO E: AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.....	154
ANEXO F: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	155

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pauta-se em uma análise sobre a situação atual relacionada ao uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem de alunos com síndrome de Down nas aulas de História, em uma escola municipal de Presidente Kennedy-ES. Aborda aspectos como problemas e desafios enfrentados por esses alunos devido às limitações que lhes são peculiares e até que ponto essas condições impostas pelos aspectos biológicos da deficiência afetam seu processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos estão cercados por mídias digitais, com grande apelo visual, são recursos importantes no trabalho junto à boa parte deles. Com a popularização do uso da Internet, o acesso a informações tornou-se mais prático, rápido e dinâmico, pois elas se apresentam articulando textos a imagens. Nesse contexto, utilizar as artes visuais na sala de aula é uma estratégia pedagógica que pode envolver os estudantes que cresceram em um ambiente midiático, no qual, muitas vezes, o visual se sobrepõe à palavra escrita, na premissa de um ditado popular associado a Confúcio¹¹: “Uma imagem vale mais que mil palavras”.

Assim, ao planejar uma aula, o professor deve buscar atender às necessidades de todos os seus alunos, incluindo o público da educação especial, caso na turma tenha algum, bem como criar estratégias auditivas, visuais e táteis, a fim de estimular a curiosidade e a atenção de todos.

No caso de uma criança com síndrome de Down, as habilidades de aprendizado podem ser afetadas de diferentes maneiras, geralmente, ocorre comprometimento intelectual leve a moderado, há atrasos nas habilidades motoras e de fala e ela pode precisar de ajuda com o autocuidado, como se vestir e se arrumar (VOIVOIDIC, 2008).

Em geral, crianças com síndrome de Down aprendem mais facilmente por estímulos visuais. Diante desse contexto, o docente deve dar mais ênfase à aprendizagem visual, por meio de demonstrações visuais, e figuras e ilustrações

¹¹ Confúcio é conhecido como o primeiro professor da China que queria fazer educação amplamente disponível e foi fundamental para estabelecer a arte de ensinar como vocação. Antes de Confúcio, famílias aristocráticas contratavam tutores para educar seus filhos em artes específicas, e funcionários do governo instruíam seus subordinados nas técnicas necessárias, mas ele foi o primeiro a devotar toda a sua vida a aprender e ensinar, com o propósito de transformar e melhorar a sociedade (OLINTO, 2001, p. 28).

devem ser usadas para auxiliar na apresentação de instruções eficazes em todas as áreas do currículo (LIMA, 2016).

No passado, as crianças com síndrome de Down não eram consideradas capazes de aprender e, frequentemente, não recebiam educação e não podiam frequentar escolas regulares. Atualmente, no entanto, essas crianças e jovens se beneficiam de uma abordagem abrangente da educação. Muitos podem realizar grandes coisas ao aprenderem habilidades de leitura e escrita nas escolas. A principal diferença é a necessidade de mais tempo de processamento, além de muitas oportunidades de repetição e adição de pistas visuais e táteis.

Entretanto, na visão de Resende et al. (2017), a participação desses sujeitos na sociedade é dificultada pela presença de preconceitos que foram construídos ao longo do tempo, sendo agravados pela ignorância sobre as possibilidades de alunos com essa síndrome. A família costuma superproteger a criança, enquanto na escola, muitas vezes, as pessoas envolvidas com o ensino e aprendizagem não se sentem preparadas, e na sociedade é notório o tratamento assistencialista que recebem. Desacreditados pela sociedade e protegidos pela lei, há os que superam as dificuldades e conseguem romper as barreiras da abjeção para alcançar sua autonomia.

Concordando com Mantoan (2003), ao afirmar que educar é se esforçar pelo crescimento, desenvolvimento e evolução do outro, entende-se que somente buscando novas formas de ensinar, nas quais a aprendizagem esteja ao alcance de todos, é possível haver uma educação inclusiva que de fato inclua e não deixe ninguém para trás.

Por concordar com o entendimento de Mantoan sobre a educação inclusiva, espera-se com este estudo que os educadores da rede municipal deem mais atenção aos efeitos das imagens como suporte para os estudantes com síndrome de Down e na melhoria de suas realizações na prática escolar. Assim, pretende-se fornecer neste estudo informações sobre os diferentes métodos de aprendizagem que podem ser utilizadas na aprendizagem desses alunos e como o uso das artes visuais pode apoiar as limitações impostas por essa síndrome.

Como implicação teórica, intenta-se, por meio deste estudo, auxiliar o professor de História a explorar o material visual em livros didáticos e recursos tecnológicos, tendo como fonte a rede mundial de computadores (internet). Tudo para estimular a interpretação e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno com síndrome de Down,

bem como impactar, positivamente, seu desempenho, sua independência e interação social.

Contudo, para melhor situar o interesse pela educação e, posteriormente, pela educação especial, é importante apresentar o caminho percorrido. Minha vida acadêmica iniciou-se no ano de 1998, quando decidi ingressar no curso de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Madre Gertrudes, de São José (FAFI), atualmente Centro Universitário São Camilo-ES. Logo em seguida também iniciei um curso de especialização (pós-graduação) em História Moderna e Contemporânea na mesma faculdade.

Desde o segundo ano de graduação leciono a disciplina de História, na modalidade Fundamental II, na rede municipal de Presidente Kennedy/ES, meu município de origem, com experiências nas três escolas polos deste município, e também na rede estadual, no Ensino Fundamental II, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no Ensino Médio. Com o decorrer do tempo, com as experiências cotidianas e as diversidades encontradas em sala de aula, busquei capacitar-me ainda mais e desenvolver estratégias de ensino para contribuir, de fato, com um processo ensino-aprendizado efetivo e produtivo.

Entretanto, em meio às adaptações básicas de um casamento e dois filhos, também me deparei com uma concorrência inevitável em minha área de atuação, momento em que decidi, então, retornar à sala de aula com dois objetivos: além de enriquecer meus conhecimentos, me qualificar um pouco mais para o mercado de trabalho. Assim, me inscrevi para o processo seletivo do mestrado profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, sendo aprovada e iniciando cheia de expectativas o curso no ano de 2019.

Paralelo a isso, atualmente, como professora lotada no município de Presidente Kennedy, atuo como coordenadora da disciplina de História do Projeto “Kennedy Educa Mais”, que atende em três polos da rede, no segmento Ensino Fundamental II. Entre as responsabilidades desse projeto destacam-se as reuniões de área para planejamento quinzenalmente nas escolas, a preparação, a aplicação e a correção de simulados, a presença nas aulas para auxiliar os professores regentes, além de aulas de dança, música, balé e teatro no contraturno dos estudantes. E este ano foi estruturado e disponibilizado um novo ambiente para atender a educação especial: uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com vários recursos para facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação especial.

Nesse contexto e pautada pela experiência de vivenciar a forma tradicional de ministrar as aulas de História para alunos com síndrome de Down, este estudo visa contribuir para o enriquecimento teórico, bem como auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis aos conteúdos de História para alunos com síndrome de Down, tendo em vista a lacuna em pesquisas nesse segmento.

É válido ainda mencionar, pela vivência como professora, que a inclusão de alunos da educação especial acontece apenas na teoria e não na prática na maioria das escolas. Somado a isso, os professores, apesar da capacitação que têm, ainda não se sentem preparados para atender aos alunos da educação especial com síndrome de Down em suas aulas.

Assim, por acreditar que o estudante com síndrome de Down é um sujeito histórico e que as mudanças metodológicas da prática pedagógica do professor são importantes, inicio essa caminhada de pesquisa científica.

1.1 DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

Quanto ao problema de pesquisa, ao analisar o impacto das artes visuais nos estudantes com síndrome de Down, observou-se que elas podem desempenhar um papel facilitador na vida desses indivíduos, permitindo-lhes se envolverem nas atividades normais da vida e serem mais sociáveis e independentes.

Dessa forma, em relação ao problema deste estudo, tem-se o seguinte questionamento: como as artes visuais pode ser um caminho alternativo no processo de aprendizagem de uma criança com síndrome de Down, no ensino de História?

Assim, o objetivo geral deste estudo é discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem para um estudante com síndrome de Down nas aulas de História.

Após definir o objetivo geral, delinearam-se os objetivos específicos, a saber:

- a) Identificar diferentes estratégias de ensino de História que utilizem artes visuais;
- b) Verificar o envolvimento do estudante com síndrome de Down nas aulas de História ao utilizar as artes visuais;
- c) Descrever a apropriação de conceitos relativos à História do Brasil por um aluno com síndrome de Down, ao utilizar as artes visuais;

- d) Propor uma formação para os professores de História sobre as necessidades básicas que envolvem os cuidados e as práticas pedagógicas necessárias para o processo de ensino e aprendizagem de alunos com síndrome de Down.

1.2 JUSTIFICATIVA

A inclusão é uma necessidade incontestável dentro das escolas, a fim de garantir uma educação de qualidade e garantir o direito de todos os alunos, com necessidades especiais ou não, de exercer e usufruir de uma educação satisfatória. No entanto, ao refletir sobre os desafios da educação inclusiva, ainda é evidente a grande dificuldade dos professores de promover a inclusão de alunos com síndrome de Down, por exemplo, nas séries finais do Ensino Fundamental.

Apesar da preocupação vital dedicada a esses alunos, permanecem raras as situações de uso das artes visuais como suporte metodológico dentro do processo de ensino e aprendizagem de História para esses alunos.

Diante dessa realidade, esta pesquisa é relevante pela necessidade de desenvolver um estudo no município de Presidente Kennedy-ES abordando o uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem de História de crianças com síndrome de Down e, assim, contribuir para um ambiente de aprendizagem eficaz. Vale ressaltar que, devido ao indivíduo com síndrome de Down ter uma memória visual maior do que a auditiva, optou-se, nesta pesquisa, pelo uso de imagens.

A abordagem tradicional referente à disciplina de História em sala de aula pode excluir o aluno com síndrome de Down, além de dificultar seu processo de aprendizagem e a melhora do desenvolvimento da vida escolar. Isso mostra a relevância desta pesquisa, por trazer à luz a discussão desse tema, com o objetivo de promover mudanças nesse cenário.

Como implicação social para o estudo entende-se que as descobertas contribuirão para aumentar a conscientização das pessoas em relação aos alunos da educação especial, em especial, os com síndrome de Down, e como eles podem ser ativos e independentes na escola e na sociedade.

Como professora de História, esta pesquisadora observou a dificuldade de aprendizagem de alunos com síndrome de Down, bem como o prazer que têm ao serem estimulados com imagens e objetos, o que somente os textos não conseguem fazer. Também ficou evidente a dificuldade de muitos docentes em fazer esses alunos

entenderem os conteúdos, o que acaba gerando dispersão e passividade nas aulas. Assim, é essencial buscar meios de promover uma educação que inclua esses alunos e os estimule a querer aprender e que esse aprendizado seja prazeroso.

Nesse contexto, no capítulo dois desta dissertação é apresentado o referencial teórico, que serve de base à pesquisa e onde são apresentados os conceitos e estudos relativos à síndrome de Down, educação especial, ensino de história e artes visuais, buscando relacionar estes aspectos, de forma a sustentar a análise e discussão dos resultados da pesquisa.

O capítulo três se dedica à exposição da metodologia utilizada, de forma a explicitar os passos percorridos pela pesquisadora. Em seguida, no capítulo quatro, são apresentados os resultados, discutindo-os à luz da literatura. O capítulo 5 apresenta o produto final desta dissertação, que consiste em uma proposta de formação para professores de história, com propostas de atividades voltadas ao uso das artes visuais.

2 DISCUSSÕES TEÓRICAS

Neste capítulo será apresentada a discussão teórica, sendo esta dividida em duas partes, em que a primeira é uma revisão de dissertações baseada em pesquisas nos seguintes bancos de dados: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Repositório Capes e demais artigos disponíveis na rede mundial de computadores, com alguma relação direta com o tema desse estudo.

A segunda parte trata especificamente do referencial teórico adotado para esta pesquisa, apresentando os autores que dialogam com a temática proposta e que servirão de aporte para a análise dos resultados alcançados.

2.1 UMA PESQUISA SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E INCLUSÃO

O objetivo das pesquisas feitas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que hospedam dissertações e teses dos últimos dez anos, foi fazer um levantamento de títulos que dialogam com a proposta deste estudo.

Em relação aos critérios utilizados na seleção dos trabalhos, as buscas utilizaram os descritores “Ensino de História”, “Síndrome de Down” e “Artes Visuais”, de forma individual, e, depois, associados a “Ensino de história” e à “Síndrome de Down”. Com o descritor “Ensino de História” foram encontrados 52 trabalhos, porém ao fazer a associação entre o descritor “Ensino de História” e “Síndrome de Down” não foi encontrado nenhum trabalho com esse tema específico. Ao associar os descritores “Ensino de História” e “Artes Visuais” foi encontrada somente uma dissertação.

Por meio de buscas em descritores comuns ao objetivo da pesquisa, a seleção dos trabalhos ocorreu por meio da leitura dos títulos, seus resumos e introduções, para identificar aqueles que dialogam com a temática deste estudo.

Após esse movimento de seleção do trabalho, procedeu-se à leitura da introdução, da metodologia e da conclusão para, assim, estabelecer um diálogo que pudesse apontar os distanciamentos e as aproximações com a proposta deste trabalho.

O processo de pesquisa e seleção por meio da plataforma CAPES se repetiu diversas vezes nos acessos ao site à procura por trabalhos com alguma relação direta

com o tema, embora, pela especificidade do tema deste estudo, nenhum estudo relacionado de forma direta ao objetivo desta pesquisa foi encontrado. Some-se isso às possibilidades de refinamento de busca disponibilizadas por esse catálogo não serem tão eficientes para delimitar os trabalhos, de forma que a pesquisa fosse mais objetiva.

Apesar disso, entre os trabalhos encontrados, a pesquisa intitulada “Políticas e Práticas de Inclusão de Alunos com Síndrome de Down: um Desafio no Ensino Fundamental” foi desenvolvida como uma dissertação de mestrado por Elza Maria Netto Bernardi, no ano de 2015, no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Stricto Sensu, Mestrado Acadêmico em Educação, Linha de Pesquisa I: Políticas e Processos Formativos em Educação.

A escolha ocorreu pela relevância por ter abordado políticas e práticas de inclusão de alunos com síndrome de Down nos anos iniciais do Ensino Fundamental no sistema de ensino municipal de Lages/SC. Teve como objetivos específicos descrever a trajetória histórica da educação especial e da síndrome de Down, verificar o processo de inclusão de alunos com síndrome de Down no contexto municipal, identificar políticas de inclusão de alunos nas escolas municipais e situar as atribuições da escola como instituição de ensino.

Além de se aprofundar as políticas e práticas de inclusão de alunos com síndrome de Down nos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscou ainda compreender a educação especial como um processo de emancipação humana, ultrapassando o conhecimento específico construído acerca do tema, por meio de discussões sobre as políticas públicas e sua relação com as práticas pedagógicas.

Os tópicos seguintes do aporte teórico desse estudo abordaram a aprendizagem de crianças com síndrome de Down, os métodos de ensino utilizados e como os diversos elementos podem interferir nos resultados esperados.

Em seguida discutiu estratégias para auxiliar as crianças com síndrome de Down no processo de aprendizagem incluindo, por exemplo, ritmo, análise de tarefas, repetição e uso de tecnologia assistida por computador.

Posteriormente, abordou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o processo de inclusão para análise e discussão, até mesmo pelos esforços que têm sido realizados nos últimos anos para a inclusão de crianças com deficiência nos principais contextos educacionais. Isso porque a inclusão na educação tem gerado

muitas discussões e debates, muito mais do que qualquer outra questão.

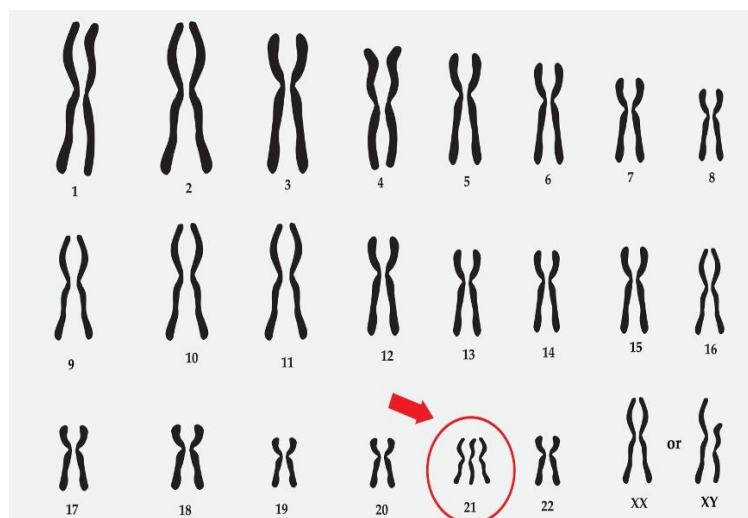
Abordou, ainda, o ensino de História e a importância da qualificação dos professores de História em educação inclusiva para o sucesso do ensino e da aprendizagem dessas crianças, pois a necessidade de professores com o conhecimento e a capacidade de ensinar alunos de educação especial é mais crítica hoje do que nunca. Espera-se de um professor de História que ele também seja qualificado para ensinar sua disciplina a crianças com necessidades especiais com eficiência.

2.2 SÍNDROME DE DOWN: TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21

A síndrome de Down é uma condição em que uma pessoa tem um cromossomo extra no par 21. Os cromossomos são pequenos “pacotes” de genes no corpo e determinam como este se forma durante a gravidez e como funciona à medida que cresce no útero e após o nascimento. Normalmente, um bebê nasce com 46 cromossomos. No entanto, bebês com síndrome de Down têm uma cópia extra no cromossomo 21, por isso a condição é conhecida como trissomia 21. Essa cópia extra muda a forma como o corpo e o cérebro se desenvolvem, o que pode causar desafios mentais e físicos (NUSSBAUM.; MCLNNES; WILLARD, 2016).

A síndrome de Down não é uma doença, mas uma alteração genética, devido à existência de um cromossomo a mais no par cromossômico 21, é conhecida como trissomia do cromossomo 21, como pode ser observado na Figura 1 (TRENTIN; SANTOS, 2013).

Figura 1 – Trissomia do par cromossômico 21



Fonte: <https://www.biologianet.com/doencas/sindrome-de-down.htm>

Considerada a primeira causa conhecida de incapacidade intelectual, a síndrome de Down representa cerca de 25% dos casos de indivíduos com atraso intelectual do mundo, condição presente nas pessoas com essa síndrome. Todavia, vale ressaltar que, como dito anteriormente, não se trata de uma doença, e sim de uma síndrome de causa genética que condiciona ou favorece quadros patológicos (COSTA, 2013).

É importante evidenciar que os indivíduos com síndrome de Down são capazes de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar, bem como têm competência para ler, escrever. Devem, portanto, ir à escola como qualquer outra criança e levar uma vida autônoma, de forma a ocupar um lugar próprio e digno na sociedade.

Para Dunaway (2010), a concepção da síndrome de Down tem avançado significativamente em relação ao progresso nos saberes da educação, da psicologia e da medicina, fato que permite compreender mais a respeito do desenvolvimento das pessoas com essa anomalia. Dessa forma, salienta o autor, as informações sobre a síndrome de Down têm oportunizado uma construção de saberes no que tange à diversidade de significados sobre ela e quem a possui.

No que concerne à diagnose, segundo Yoder e Warren (2014), é concebível assegurar que os progressos na área da medicina contribuíram de forma significativa para entender melhor a funcionalidade dos aspectos clínicos relativos a essa síndrome genética, provocada pela trissomia do cromossomo de número 21, cujas causas são desconhecidas.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, diversos elementos

interferem na resultância esperada: a questão estrutural das instituições de ensino, a situação de trabalho dos docentes, toda parte social dos alunos, os recursos didáticos disponíveis, entre outros. Entretanto, o fator mais relevante seriam as estratégias utilizadas pelos professores para alcançar, em sua totalidade, os alunos com estímulos suficientes e capazes de explicitar a real função dos docentes (YODER; WARREN, 2014).

Convém enfatizar que, definido como um distúrbio genérico causado por anormalidades cromossômicas, a síndrome de Down impõe às crianças várias características físicas e cognitivas, que devem ser consideradas seriamente quando se trata de educação.

Comprimento e peso abaixo da média no nascimento, mãos largas com dedos diminutos, boca pequena, pescoço curto, nariz pequeno com ponte nasal plana e características faciais achatadas, olhos que se inclinam para cima (e olhos amendoados para fora) e uma língua que tende a se projetar para fora da boca, dentre outras características. Também é provável que tenham outros problemas de saúde, como respiração bucal crônica, infecções respiratórias superiores frequentes e malformações cardíacas (KLEIN et al., 2001, p, 25).

Como resultado dos desafios antes mencionados, Bassani (2012) explica que as crianças com síndrome de Down têm vários problemas de aprendizado e interação, incluindo baixo equilíbrio, dificuldades de percepção, perda auditiva e visão deficiente. Além disso, são geralmente caracterizadas por habilidades de comunicação fracas, fala e problemas fonológicos razoavelmente ininteligíveis.

Bissoto (2005) esclarece que os alunos com síndrome de Down experimentam dificuldades em áreas como desenvolvimento motor, obtenção de habilidades gramaticais, clareza de fala e capacidade de usar linguagem expressiva, associadas a déficits cognitivos. Para os autores, isso ocorre de forma específica porque as habilidades motoras nesses alunos desenvolvem-se muito mais lentamente em comparação com crianças que não têm essa síndrome. Conseqüentemente, essas crianças não têm o mesmo ritmo para aprender.

Isso significa que, embora sejam capazes de alcançar muitos marcos de desenvolvimento como outras crianças sem a condição, elas, geralmente, os alcançam em um ritmo mais lento. Além disso, a taxa de resposta é muitas vezes bastante lenta e, muitas vezes, podem exigir muitas repetições para dominar uma determinada tarefa (BISSOTO, 2005).

Além disso, afirma Farrel (2008), a maioria dessas crianças não compreende a construção de uma sintática verdadeiramente complexa que envolve elementos como incorporação e áreas de linguagem relacionadas. Assim, apesar de as pesquisas sobre as causas de tais desafios ainda estarem em desenvolvimento, é perceptível que o principal problema enfrentado pelas crianças com síndrome de Down é o cognitivo. Isso afeta, dessa forma, sua aprendizagem na escola e exige que as escolas utilizem uma variedade de estratégias e recursos para apoiar seu aprendizado.

2.3 APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Ramos (2015) destaca algumas das estratégias que podem ser utilizadas para auxiliar crianças com síndrome de Down no processo de aprendizagem, incluindo ritmo, análise de tarefas, repetição e uso de tecnologia assistida por computador.

Em relação aos métodos que utilizam a repetição como forma de aprendizagem, Alves (2007) ressalta que a repetição é uma das formas mais eficazes e simples de apoiar crianças com deficiências cognitivas. Isso porque o simples fato de repetir as palavras ou os movimentos importantes por um tempo extra ou mais, faz com que o professor aumente significativamente a oportunidade de uma criança aprender.

Mahoney e Perales (2008) também afirmam que crianças com síndrome de Down devem experimentar, significativamente, mais repetições para aprenderem a mesma quantidade de informação do que aquelas crianças cujos processos cognitivos não estão comprometidos.

Outra abordagem que pode ser usada para melhorar a recepção de informações em crianças com síndrome de Down é o uso de tecnologias assistivas, pois esse tipo de recurso tecnológico oferece diversos benefícios para elas, como aprendizagem individualizada, apresentação visual, gráficos e sons motivadores, feedback instantâneo e a oportunidade de controlar a própria aprendizagem. Desse modo, essas crianças podem se beneficiar da aprendizagem assistida por computador (GALVÃO FILHO, 2009).

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de

vida e inclusão social (GALVÃO FILHO, 2009, p. 231).

Convém explicar que não é preciso ser um especialista em educação para perceber que a aprendizagem assistiva por computador, assim como o uso de outros recursos tecnológicos (tablete, celular, *mobile learning*) também oferecem aos alunos uma experiência multissensorial, já que fornecem informações visuais e auditivas, conforme indicado anteriormente.

As crianças com síndrome de Down são aprendizes visuais que aprendem melhor quando o conteúdo lhes é transmitido visualmente, sendo mais difícil aprender com a audição. Como tal, a tecnologia de computador é particularmente adequada para elas. A ênfase na apresentação visual de informações em aulas assistidas por computador também, provavelmente, auxiliará os alunos com essa síndrome na superação das limitações de processamento de linguagem (ALVES, 2007).

Alves (2007) destaca igualmente a aprendizagem individualizada como um benefício importante da aprendizagem por meio de recursos tecnológicos, pois a criança é capaz de prosseguir no próprio ritmo desejado. O computador, por exemplo, pode ser programado para "aguardar" os alunos, de modo que apenas solicite que prossigam com a lição após terem tido tempo para processar completamente as informações e desenvolver a resposta, explica.

Outro benefício importante em relação ao uso das tecnologias na aprendizagem de crianças com síndrome de Down é que elas oferecem uma oportunidade para o aprendizado sem erros. Bissoto (2005) esclarece que os programas de computador podem ser configurados de maneira que a criança receba apoio para obter sucesso repetido. Ela é auxiliada em cada estágio, conforme necessário, antes de cometer um erro, o que permite que ela aprenda uma série de etapas para alcançar cada vez mais sucesso.

Além disso, de acordo com Martinho (2011), o uso da tecnologia de computador garante que as crianças recebam feedback imediato, tendo como vantagens, para a criança com síndrome de Down:

Oferecem uma experiência multissensorial, permitem modos não-verbais de resposta, evitando as dificuldades de articulação, ajudam a desenvolver a noção de controlo, e conseqüentemente aumentam a autoestima ao promover a autonomia, oferecem feedback imediato, permitem a aprendizagem no sentido do sucesso, facilitam a prática repetida, permitem a aprendizagem individualizada, oferecem áreas de trabalho organizadas e previsíveis e podem ser adequadas às necessidades específicas de cada

utilizador (MARTINHO, 2011, p. 58).

Soma-se a isso o fato de que, tanto o software quanto o hardware podem ser personalizados e modificados para atender às necessidades de crianças com as mais variadas necessidades individuais.

2.4 INCLUSÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: UM OLHAR SOBRE A BNCC

Na visão de Victor et al. (2013), o processo da educação inclusiva remete à ideia de uma educação em que todos os alunos participam igualmente do processo de aprendizagem. A oferta da educação inclusiva baseia-se na crença de que as pessoas com deficiência não devem depender apenas de serviços especializados para se beneficiarem de recursos, atividades e práticas educacionais que, de outra forma, estão disponíveis para todos.

A inclusão é mantida quando todos os membros de um grupo são capazes de participar de suas atividades, o que significa que as provisões feitas são consideradas por todos os membros e não apenas por grupos específicos ou com habilidades, deficiências e/ou necessidades especiais. A inclusão é um processo ou uma estratégia-chave para alcançar todas as crianças e apoiar seu aprendizado (SILVA, 2011).

Nos últimos anos, há grande esforço para incluir crianças com deficiência nos principais contextos educacionais, visto que o tema inclusão na educação tem gerado muitas discussões e debates, muito mais do que qualquer outro.

Para Catafesta (2013), apesar de ser defendida por profissionais e apoiada por várias estruturas políticas e legislativas, os professores, geralmente, se sentem apreensivos com a ideia de educar os alunos com deficiência junto a estudantes regulares na mesma sala de aula. A principal razão para esse receio é que, para atender com êxito as diversas necessidades de todos os alunos em uma sala de aula, é preciso uma reestruturação significativa, além de qualificação necessária para lidar com esses estudantes.

Dessa forma, é preciso abordar a questão e fornecer aos professores regulares em sala de aula, algumas dicas, sugestões e estratégias práticas com exemplos que os ajudarão a aumentar a participação de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, na aprendizagem, no processo. Isso desafiará a prática de segregação na

educação inclusiva, e enriquecerá o processo de ensino e aprendizagem para todas as crianças.

Outro aspecto importante para a educação inclusiva e lembrado por Dessemontet e Bless (2013) refere-se à importância de se atentar para a existência de vários termos e frases relacionadas a deficiências e às necessidades especiais que tendem a criar alguma confusão, resultando em uma falha no entendimento da realidade abordada.

Dois termos relacionados à educação inclusiva comumente usados, e geralmente de forma intercambiável, são deficiência e incapacidade. Embora o comprometimento se refira a um menor grau de complexidade na maneira como nossos corpos funcionam, a incapacidade se refere à incapacidade de executar uma tarefa. Muitos de nós sentimos incapacidade em algum momento ou outro de nossas vidas (por exemplo, durante uma lesão física, fratura ou entorse grave, a incapacidade envolveria a impossibilidade de usar os membros efetivamente para caminhar, correr ou escrever etc.). Quanto à deficiência trata-se de um problema ou dificuldade relacionada a forma como nosso corpo funciona (uma criança com deficiência pode sofrer incapacidade ao funcionar em um ambiente que afeta o desempenho eficaz da criança em uma tarefa (DESSEMONTET; BLESS, 2013, p. 25).

Assim, a deficiência por si só pode não causar incapacidade de desempenho de maneira semelhante a outras pessoas, mas os sistemas nos quais alguém precisa viver, aprender, trabalhar e operar podem fazer com que uma criança com deficiência seja incapaz de desempenhar com êxito e alcançar o mesmo sucesso que os colegas de classe em um ambiente de sala de aula (DESSEMONTET; BLESS, 2013).

Logo, a superação dessas crianças depende de intervenções adequadas para a inclusão e a redução ou a eliminação dos desafios e barreiras como, por exemplo, o uso de recursos tecnológicos e softwares para ajudar nas atividades dentro e fora de sala de aula. E também o desenvolvimento de múltiplas experiências com materiais didáticos para permitir estilos ou necessidades de aprendizagem diferentes e reforçar a aprendizagem por meio das artes visuais sobre o aprendizado contínuo.

Ao começar a compreender e incorporar alguns dos aspectos fundamentais para incluir um aluno com necessidade educacional especial em sala de aula, é importante considerar a importância do currículo para as práticas diárias. Para Castro e Freitas (2008), construir uma cultura inclusiva na sala de aula envolve a participação no currículo, que deve incorporar os componentes de um curso com o plano de estudos, os livros didáticos, os materiais de ensino necessários, as estratégias diversificadas e os processos de avaliação, para que seja uma experiência inclusiva

e significativa para os alunos.

Em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ela surge como um instrumento de garantia da qualidade social da educação para diferentes grupos sociais, procurando cumprir o desafio de atender interesses das políticas nacionais e internacionais. Além de, ainda, estar acessível a educadores e gestores em uma abordagem curricular que transcende o caráter conteudista disciplinar e alcança a prática pedagógica do docente para responder às diferenças individuais (FERREIRA, 2015).

Para Moreira (2010), o novo currículo comum da BNCC deve destacar e reconhecer a diversidade presente no sistema de ensino brasileiro e promover uma abordagem curricular inclusiva, direcionada a atender estudantes com deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação.

Nesse sentido, Garcia e Michels (2014) destacam que, nas duas versões, a BNCC demonstra preocupação no sentido de que esses estudantes sejam contemplados, em respeito ao estabelecido no Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014) e nas convenções internacionais.

A garantia do acesso à escola regular, uma premissa básica do sistema educacional brasileiro, reitera que crianças, jovens e adultos com deficiência devem estar matriculados na sala de aula comum, ter acesso ao currículo escolar e, no contraturno, receber o Atendimento Educacional Especializado (AEE), conforme prevê a Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 9.394/1996.

O item referente à relação entre a BNCC e a Educação Especial na perspectiva inclusiva nas duas versões quase não sofreu mudanças; a exceção ocorreu na segunda versão, que mostra a existência de um parágrafo apresentando a natureza dessa modalidade de ensino, no item referente à BNCC e às modalidades da educação básica.

A Educação Especial na perspectiva inclusiva contempla a identificação e a eliminação das barreiras, principalmente as de acesso aos conhecimentos, deslocando o foco da condição de deficiência de estudantes para a organização e a promoção da acessibilidade aos ambientes escolares (arquitetônica) e à comunicação (oral, escrita, sinalizada, digital), em todos os níveis, etapas e modalidades, visando a autonomia e a independência dos educandos. A educação especial integra a educação regular, devendo ser prevista no Projeto Político Pedagógico para a garantia da oferta do AEE aos educandos com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento, com altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2016, p. 36).

A BNCC contempla, ao longo do texto, a identificação e a eliminação das barreiras como medida para garantir às pessoas com deficiências, Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação acesso aos conhecimentos. Nesse sentido, o foco da condição de deficiência do estudante é deslocado para a organização e para a acessibilidade aos ambientes escolares e à comunicação, visando sua autonomia. Essa visão é guiada pela conceituação de pessoa com deficiência presente na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto nº 6.949/2009), ao deslocar o foco da deficiência da pessoa para o ambiente, assumindo que a visão de deficiência é construída em meio a limites sociais e não individuais (BRASIL, 2009).

Assim, a BNCC orienta a construção de uma escola que identifique e elimine as barreiras arquitetônicas, e a comunicação possa obstruir a participação plena e efetiva desses estudantes, em igualdade de condições com os demais.

Em respeito à Lei nº 13.146/2015, essas barreiras estão na base do desafio social para aprender a conviver com as diferenças humanas e não são apenas de natureza arquitetônicas e de comunicações, conforme contemplado no documento da BNCC. Há também barreiras nos transportes, urbanísticas, tecnológicas e atitudinais. Ao fazer referência apenas à eliminação das barreiras arquitetônica e de comunicação, a BNCC desconsidera o fato que, historicamente, pessoas com deficiência sofrem discriminação e são vítimas de preconceitos e violências por comportamentos ou atitudes no ambiente escolar. As barreiras atitudinais não podem ser desconsideradas sob a pena de negligenciar a diversidade e a diferença como conceitos intrínsecos e indissociáveis da marca identitária de cada sujeito social.

A BNCC orienta que os sistemas de ensino devem assegurar “[...] a organização e oferta de medidas de apoio específicas para a promoção das condições de acessibilidade com vistas a atender à meta de inclusão plena” (BRASIL, 2016).

Para Silva (2011), com a política de inclusão plena assumida pelo MEC no final dos anos 2000, uma série de dispositivos legais direcionados ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) induziu como locus prioritário para oferta desse serviço a implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). Logo, essas salas consistem em “um serviço inventado para ofertar o AEE na escola regular” pública com equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos financiados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Segundo Cupertino (2008), em vias de fortalecer a política do MEC, a BNCC

tem a pretensão de assegurar um atendimento adequado aos estudantes público- alvo da Educação Especial, independentemente, da faixa geracional, por meio exclusivo da oferta do AEE nas SRM. Entretanto, defende-se que não se faz inclusão apenas com a implantação de SRM e de reformas emergenciais financiadas com recursos do Programa Escola Acessível, pois tais programas não contemplam todos os estudantes público-alvo da Educação Especial, sendo apenas destinados a garantir os direitos de algumas pessoas com deficiência.

Ferreira (2015) destaca a sutil diferença entre a primeira e a segunda versão da BNCC, ao destacar o AEE como o serviço que assegura um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades. Na primeira versão, o conjunto de serviços destinados à garantia de acesso ao currículo aos estudantes com deficiências era composto pelo AEE, Profissional de Apoio, Tradutor/intérprete da Libras/Língua Portuguesa e Guia intérprete. Na segunda versão, esse conjunto de serviços é suplantado para um único serviço, o AEE.

Nesse sentido, a BNCC assume o caráter de responder às demandas internacionais de mercado, ao criar e implementar padrões curriculares e educacionais que servirão de guias para os professores e de referência para os programas de formação de professores e avaliações escolares e institucionais. Há um grande distanciamento entre planejamento, currículo e avaliação que contempla as especificidades das pessoas com deficiência e a proposta curricular defendida pela BNCC, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

De acordo com Ferreira (2015), há uma urgência de que a proposta de BNCC contemple discutir a prática pedagógica docente: o que se aprende deve ser abordado de forma dinâmica, instigante e estar relacionado à vida real do estudante, de forma a fazer sentido para sua experiência humana.

Garcia e Michels (2014) enfatizam que a visão de Educação Especial presente no documento da BNCC representa uma perspectiva de inclusão sem estruturas suficientes para garantir a permanência na escola, com qualidade social, dos estudantes com deficiências, TGD e altas habilidades/superdotação e, muito menos, tornar o currículo acessível para todos.

2.5 ENSINO DE HISTÓRIA COM AS ARTES VISUAIS

A história envolve o que as pessoas fizeram e criaram no passado. Inclui

política, religião, atividades sociais e de lazer e o dia a dia. Como seres humanos, é imprescindível reconhecer a história como parte integrante das vidas, o que faz com que ensiná-la seja um desafio para quem considera esse ponto de vista no exercício de sua profissão.

Os professores de História precisam ter um grande talento para ministrar suas aulas, usar dos mais diversos métodos para torná-la mais vibrante, lançar mão de técnicas ativas de aprendizagem, filmes, pesquisa em bibliotecas, tópicos especializados e ficção como forma de tornar seu ensino e aprendizagem mais revigorantes. No entanto, reforça Marrow (2012), independentemente de quais métodos sejam usados, é importante aplicar uma abordagem humanística no ensino dessa ciência.

Mas o que é história afinal? Muitas pessoas a veem como uma enumeração de fatos, números, datas e outras curiosidades "inúteis" e "sem graça". Cannon (2012) cita seu caso como exemplo ao dizer que quando mencionava com algumas pessoas que era professor de História, para sua consternação, ouvia a resposta típica de que "Eu nunca conseguia me lembrar de todas essas datas e batalhas".

Embora a história se preocupe com os eventos e quando eles aconteceram, examinando mais de perto, descobre-se que é mais do que isso. No entanto, Graves (2013) lembra que não existe uma definição concreta de história, exceto dizer que ela lida com as pessoas e o que aconteceu com elas. Para o autor, a história é o registro do que as pessoas fizeram ou deixaram de fazer. Ela não é uma série de eventos isolados. Faz com que as pessoas vivam juntas e tentem resolver problemas juntas.

Stearns (2012) vê a história como uma forma de estudar as pessoas, levando em conta suas etnias (tendências, grupos, filosofia, tendências sociais, sexo, religião, orientações políticas) na denominada história social, uma análise de tendências demográficas, atividades de lazer, mudanças emocionais, relações familiares e processos, em vez de eventos e personalidades individuais.

Para Cannon (2012), tudo com o qual as pessoas se envolveram tem uma história. Formas musicais que vão da música clássica ao rock têm histórias; invenções que afetam a vida cotidiana, como o computador ou o carro, têm histórias que vale a pena examinar. Em última análise, porém, é difícil definir a história.

Mas qual a razão para se ensinar História? Ensinar e aprender, pelo menos, um pouco de história é imprescindível para nossa sobrevivência como pessoas com entendimento, afirma Duthie (2011).

Um conhecimento da história tem o potencial de dar às pessoas novas perspectivas sobre onde estivemos e para onde podemos ir no futuro. Ao trazer para os alunos o conhecimento, não apenas de eventos passados, mas também de diferentes interpretações de eventos presentes, estamos fornecendo um meio de avaliar as interpretações (DUTHIE, 2011, p. 137).

Segundo Bittencourt (2018), muitos alunos costumam reclamar que a história é chata e irrelevante, fato que, segundo ele, ocorre porque grande parte do seu ensino foi reduzida a uma recitação de trivialidades com pouca ou nenhuma aplicação no cotidiano da maioria dos estudantes.

No entanto, Cannon (2012) defende que os professores podem tornar a história interessante, discutindo questões atuais e relevantes e vendo onde tais problemas têm se repetido ao longo dos séculos. É preciso fazer com que o aluno se sinta um sujeito construtor de histórias, seja capaz de analisar os processos que conduzem a mudanças e permanências dos fatos na sociedade em que estão inseridos, independentemente da etnia, do gênero, grupo social ou classe social, orientação religiosa, ideologia ou política e, até mesmo, da idade.

Para otimizar o ensino da História, “É importante considerar o desenvolvimento do pensamento do aluno, a sua capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade, desenvolvendo a sua ação mental”, a fim de se apropriar do conhecimento (LEONTIEV, 2007, p. 89).

Nesse sentido, entende-se oportuno ressaltar o pensamento de Vigotski (2008) em relação às formas como cada aluno aprende e a importância da mediação do professor nessa aprendizagem. A Zona de Desenvolvimento Iminente² (ZDI) ou Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito de referência no ensino das diversas áreas do conhecimento, na educação regular e na especial, em todas as faixas etárias, bem como na educação tradicional baseada em leitura e escrita e na educação audiovisual e mediada por novas tecnologias, incluindo formação de professores.

Para Vigotski (2008), a aprendizagem ocorre em função da interação e os indivíduos desenvolvem novas habilidades e conceitos em dois planos de

² O conceito de zona de desenvolvimento iminente tem sido traduzido como zona de desenvolvimento proximal. De acordo com Zoia Prestes (2012, p. 190), a tradução que mais se aproxima do termo russo é zona de desenvolvimento iminente, que possui como principal característica, as "possibilidades de desenvolvimento". No entanto, este estudo utilizará o termo zona de desenvolvimento proximal, por ser o mais utilizado na literatura.

desenvolvimento. O primeiro nível ocorre no plano social, em que uma tarefa ou conceito é dominado em colaboração com outros; e o segundo nível ocorre em um plano psicológico, em um ponto em que a tarefa ou conceito é dominado de forma independente.

Assim, a aprendizagem e o domínio ocorrem primeiro como interação socialmente guiada e, então, passa para um nível independente e internalizado. De acordo com a teoria de Vigotski (2008), a zona proximal é a distância entre o nível real e o nível possível de desenvolvimento.

Vigotski (2008, p. 86) definiu a ZDI como "A distância entre o nível de desenvolvimento real, como determinado pela resolução de problemas independentes e o nível de desenvolvimento potencial, conforme determinado através do problema a resolver, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com pares mais capazes".

Ou seja, a ZDI, para Vigotski, descreve o nível atual ou real de desenvolvimento do aluno e o próximo nível atingível por meio de ferramentas de mediação e facilitação de adultos ou pares capazes. A ideia é que os indivíduos aprendem melhor ao trabalhar em conjunto com outros durante a colaboração conjunta, e é por meio de tais esforços colaborativos, com pessoas mais qualificadas, que os alunos aprendem e internalizam novos conceitos, ferramentas psicológicas e habilidades (LEONTIEV, 2007).

O principal objetivo da educação, fundamentada na perspectiva vigotskiana, é manter os alunos em suas próprias ZDIs sempre que possível, dando-lhes tarefas de aprendizagem e resolução de problemas interessantes e culturalmente significativos e, preferencialmente, um pouco mais difíceis do que aquelas que fazem sozinhos. Desse modo, deverão trabalhar juntos, seja com colegas mais competentes ou com um professor ou adulto, os mediadores desse processo (LEONTIEV, 2007).

A ideia é que após completar a tarefa em conjunto, o aluno seja capaz de completar a mesma tarefa individualmente na próxima vez e, por meio desse processo, a ZDI para essa tarefa específica terá avançado. Esse processo é, então, repetido em níveis mais altos de dificuldade. Por vezes, as tarefas atribuídas aos alunos estão fora da sua ZDI ou são impossíveis de alcançar mesmo com a mediação. Assim, o foco do ensino está nas tarefas dentro da ZDI que o aluno não pode fazer por si mesmo, mas que tem potencial para realizar, com orientação e mediação de outros (DAINEZ; SMOLKA, 2014).

Vigotski (2008) introduziu o conceito de ZDI para criticar os testes de base

psicométrica nas escolas russas, que refletiam apenas o nível atual de desempenho dos alunos, ao invés do seu potencial para desenvolvimento no futuro. Apesar da ZDI não descrever suficientemente o desenvolvimento, reflete o que já foi desenvolvido ou alcançado. O termo proximal indica que a assistência prestada vai um pouco além da competência atual do aluno, complementando e construindo sobre suas habilidades existentes.

A ZDI pode ser caracterizada tanto na perspectiva cognitiva quanto na afetiva. Do ponto de vista afetivo, o aluno deve evitar os extremos de ficar entediado e estar confuso e frustrado. Do ponto de vista cognitivo, o material não deve ser muito difícil ou fácil. Ambos, o tédio e a confusão, podem causar distração, frustração e falta de motivação, entendendo que as condições ideais diferem para cada aluno e para o mesmo aluno em diferentes contextos (LEONTIEV, 2007).

Ghirello-Pires (2016) afirma que o ensino direcionado a alunos com deficiências deve ocorrer dessa forma, por entender que, na concepção de Vigotski, esses indivíduos não são menos desenvolvidos, mas se desenvolvem de formas diferentes. Assim,

A deficiência não determina as condições para os avanços da criança, tais condições lhe serão dadas a partir de sua inserção em práticas culturais em circulação, presentes ou parte de sua comunidade. A apropriação cultural da criança é mediada pelo adulto que já internalizou a mesma cultura. E aqui cabe salientar algo que é crucial na forma de pensamento de Vygotski, ou seja, que o desenvolvimento não se dá de maneira direta, ou aleatória, ele é mediado pelo outro, adulto, que é culturalmente mais desenvolvido que a criança. Nesse processo, Vygotski reconheceu a importância do signo para o aprendizado e desenvolvimento da criança, o qual é internalizado por meio do outro (GHIRELLO-PIRES, 2016, p. 262).

Vigotski (2007) se opôs radicalmente a concepções quantitativas que visavam comparar o desenvolvimento "normal" e "anormal", com foco no déficit orgânico. Assim, utilizou o termo "compensação" para se referir às mudanças necessárias para corrigir e reparar um déficit nas funções orgânicas e sensoriais. A eficácia das estratégias compensatórias pode ser relativamente livre da gravidade ou do tipo de deficiência da criança, sendo mais importantes a oportunidade e a adequação da metodologia utilizada.

Desse modo, a compensação mais eficiente pela perda ou fraqueza das funções naturais pode ser alcançada por meio do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Paradoxalmente, enquanto o que podem estar prejudicados

sejam os processos naturais (visuais, auditivos, motores etc.), os objetos de reabilitação são os processos culturais de raciocínio abstrato. Para Vigotski (2007), a deficiência primária pode limitar a aquisição e o uso de algumas habilidades, levando as crianças a adquirirem conhecimentos em um ritmo mais lento. No entanto, é o meio social que pode limitar severamente o curso do desenvolvimento e produzir atrasos ou diferenças.

Nesse sentido:

O processo de desenvolvimento de uma criança deficiente [, por exemplo,] está condicionado socialmente de forma dupla: a realização social do defeito (o sentimento de inferioridade) [...] [e] a orientação social da compensação em direção da adaptação às condições do meio, que foram criadas e que se formaram para um tipo humano normal (VIGOTSKI, 1997, p. 19).

Muitos traços, como passividade, dependência e falta de habilidades sociais, que caracterizam pessoas com deficiência intelectual são, na verdade, o produto de um acesso precário a recursos socioculturais, à falta de interação social e à oportunidade de adquirir ferramentas psicológicas. Como resultado da deficiência primária, expectativas e atitudes mudam o acesso às experiências sociais que, por sua vez, resultam no desenvolvimento da deficiência secundária (VIGOTSKI, 2011).

A fim de prevenir ou remediar o desenvolvimento da deficiência secundária³, para Vigotski, a mudança de atitudes sociais deveria ser um dos primeiros objetivos dos educadores. Nesse contexto, na visão de Vigotski, os programas de educação especial deveriam ter os mesmos objetivos sociais/culturais dos programas de educação geral. A sua especificidade está em abordar a síndrome da deficiência "secundária", isto é, combater as consequências sociais negativas da deficiência "primária". Nesse contexto, a educação especial deve seguir o mesmo princípio da educação geral.

2.5.1 Professor de História X Educação Inclusiva

Os professores de História, em especial, precisam aprender a ensinar sua matéria de maneira eficaz, a fim de torná-la pertinente à vida de seus alunos. Concluir um Mestrado ou Doutorado significa ampliação do conhecimento, mas nem sempre significa que esteja mais bem preparado para ensinar.

³ Para Vigotski (2011) a deficiência é classificada como primária quando se refere às questões físicas do indivíduo (lesões orgânicas, cerebrais, malformações, alterações cromossômicas entre outras); e deficiência secundária, que engloba as consequências psicossociais.

Para Shapiro (2011), os professores devem aprender novos "ganchos" para atrair os alunos para o conteúdo da História e recomenda várias coisas que podem contribuir para melhorar a capacidade de oferecer uma educação de qualidade. Entre elas, estar sempre atualizado e oferecer oficinas de estudo pode ser útil para manter os alunos interessados nos tópicos ministrados em sala, capacitando-os para discussões e debates produtivos.

Shapiro (2011) ainda reforça a ideia de que é preciso considerar não apenas o que se ensina, mas como se ensina. Logo, é preciso utilizar métodos mais inovadores e dinâmicos de maneira que os professores de História sejam cada vez mais eficientes nas abordagens aos conteúdos da grade curricular dessa disciplina e, nesse sentido, seu ensino possa, esperançosamente, melhorar.

Ao assumir essa disciplina, o professor deve, segundo Marrow (2012), apresentar o material de maneira estimulante, com a inflexão adequada da voz, o entusiasmo pelo ensino da História e manter um contato visual de qualidade com os alunos.

Nessa linha, de acordo com Graves (2013), deve-se estar ciente da tendência do ensino se tornar racional demais por negligenciar o lado emocional e estético da história e transmitir a impressão de que ela somente pode ser encontrada em artigos e livros didáticos.

Com demasiada frequência, a história foi reduzida a um livro central do qual o professor ou instrutor discursa. No entanto, existem vários métodos e maneiras diferentes de apresentar o conteúdo e as ideias da história que a tornam mais significativa para os alunos. É importante expor os alunos às muitas maneiras pelas quais a história pode ser vista. Ensinar os alunos a pensar de maneira sistemática e crítica sobre os pontos fortes e fracos de pontos de vista diferentes é o objetivo final de fornecer uma educação completa (GRAVES, 2013, p. 178).

Para isso, McAndrews (2011) sugere utilizar técnicas de aprendizado ativas, que realmente envolvam os alunos no processo de aprendizado, descrevendo três métodos que podem ser utilizados para ensinar História.

1. **Debate:** exige que os alunos analisem criticamente um determinado problema histórico, sendo uma excelente forma de mostrar os dois lados de uma imagem. Por exemplo, a classe poderia ser dividida em dois grupos separados para receber leituras e material de apoio que apóie uma visão mais apurada de determinado momento da história mundial. Os dois grupos participariam de um debate expondo suas visões, com orientação do professor, algo que certamente os ajudaria a pensar de forma mais crítica;

2. **Demonstração:** trata-se do uso de uma demonstração, através de uma exposição oral de uma questão histórica, para demonstrar a continuidade entre passado e presente do seu país. Espera-se que um grupo de estudantes apresente uma demonstração, sob a orientação do professor, sobre determinada realidade relatando ao restante da turma sua visão sobre aspectos econômicos ou políticos de seu país;

3. **Simulação:** é uma técnica onde os alunos podem participar ativamente do processo educacional e é semelhante ao método de demonstração. Aqui se exige que o aluno aja de acordo com certos eventos históricos dos quais os alunos podem tirar lições históricas (MCANDREWS, 2011, p.38).

Cada um desses métodos, quando complementado com material de leitura ou de imagem apropriado, pode ser utilizado em qualquer sala de aula de História e, realmente, pode envolver os alunos no processo de aprendizagem dessa disciplina.

No entanto, nenhuma das técnicas e dos métodos de ensino descritos terá efeito sobre os alunos, a menos que eles sejam ensinados em uma perspectiva humanística e a história seja apresentada de uma maneira que os alunos possam relacioná-la com suas vidas e encontrar significado nela. O primeiro objetivo da história é o crescimento pessoal, pois todos anseiam por um senso de identidade e por seu tempo e lugar na história humana.

Marrow (2012) finaliza explicando que o ensino de História deve incluir reconhecimento e reforço positivo para os alunos na sala de aula, e os professores devem trabalhar para responder perguntas e resolver problemas, de forma a envolver os educandos.

Se os professores de História se apresentassem como colegas em vez de especialistas, a sala de aula seria um lugar mais humanístico. Por isso, a adaptação desses profissionais às turmas regulares que possuem alunos com necessidades especiais, para atender com competência a diversidade desses estudantes é um aspecto tão importante na abordagem humanística, pois, se usada em conjunto com alguns dos métodos anteriormente mencionados, tornará o ensino da história muito mais gratificante tanto para os alunos quanto para os professores.

Assim, espera-se de um professor de História que ele também seja qualificado para ensinar sua disciplina a crianças com necessidades especiais com eficiência. No entanto, observa-se na prática educativa da maioria absoluta deles é que carecem de conhecimentos adequados sobre as diferentes deficiências dos alunos e suas características.

Além da falta de conhecimento, os professores têm carência de treinamento, ferramentas, materiais e salas de oficinas adaptadas, o que mostra a falta de

qualificações suficientes para elaborar planos de aula, ensinar, avaliar, gerenciar a sala de aula, mudar o comportamento do aluno com necessidades educativas especiais e auxiliar no treinamento dos pais. Isso acaba, fatalmente, reduzindo sua motivação e dificultando, sobremaneira, ensinar com eficiência (GARCIA; MICHELS, 2014).

Pode-se, assim, depreender dessa realidade que a falta de requisitos para um ensino eficiente de História a alunos com necessidades educativas especiais divide-se em três áreas de classificação respectivas: o conhecimento do professor, a ausência de materiais, de ferramentas e equipamentos, dentro e fora de sala de aula, e a ausência de qualificação e treinamento para gerenciar a sala de aula.

Para Smith (2011), os programas de qualificação de professores devem preparar melhor esses profissionais para ensinar os alunos com deficiência, especialmente, nas salas de aula de inclusão. Todos os professores graduados, e com qualquer tipo de especialização feita após sua graduação, deveriam ser certificados em educação especial e passar algum tempo nas salas de aula de inclusão.

Outrossim, os programas de qualificação de docentes precisam ser inclusivos, independentemente da área de sua graduação e atuação como professor, pois eles devem estar preparados para trabalhar com todas as crianças e enxergá-la como sua responsabilidade (SMITH, 2011).

Na visão de Emmer e Stough (2001), essa postura só pode ser alimentada por um treinamento extensivo sobre como trabalhar com alunos com deficiência, bem como sobre como ensinar com eficácia conteúdos de Matemática, Ciências ou História, seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental. A qualificação é essencial para garantir que os professores tenham as habilidades necessárias para ensinar todos os estudantes em sala de aula.

Em suas diretrizes mais recentes, a Agência Europeia para Necessidades Especiais e Educação Inclusiva (EADSNE, 2012) definiu o perfil dos professores inclusivos, ou seja, que promovem uma verdadeira inclusão de todos os alunos, dentro de uma base conceitual e em uma abordagem baseada em valores da educação inclusiva e pautada em "áreas de competência", vistas como de desenvolvimento e que abrangem tanto a formação inicial de professores quanto o desenvolvimento de início de carreira.

Os quatro valores essenciais e as "áreas de competência" associadas

propostas no perfil são:

1. Valorização da diversidade do aluno: a diversidade é considerada um recurso e um ativo para a educação e as áreas de competência dentro desse valor principal estão relacionadas a concepções de educação inclusiva e a visão do professor sobre a diferença do aluno.
2. Apoio a todos os alunos: os professores têm grandes expectativas em relação às realizações de todos os alunos. As áreas de competência dentro desse valor principal estão relacionadas a promoção da aprendizagem acadêmica, prática social e emocional de todos os alunos e abordagens eficazes de ensino em aulas heterogêneas.
3. Trabalhar com os outros: colaboração e trabalho em equipe são essenciais a todos os professores. As áreas de competência dentro desse valor principal estão relacionadas ao trabalho com pais e famílias e com vários outros profissionais da educação (EADSNE, 2012, s.p.).

Essas áreas de competência são definidas em termos de atitudes ou crenças subjacentes, que dependem de certos conhecimentos ou níveis de entendimento, e requerem que habilidades ou habilidades específicas sejam desenvolvidas para serem implementadas na prática. O Quadro 1 destaca exemplos de área de competência em concepções de educação inclusiva:

Quadro 1 - Perfis da Agência Europeia para a Educação Inclusiva

Ações	Objetivos
Atitudes e crenças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Porque o acesso apenas à educação convencional não é suficiente; 2. Participação significa que todos os alunos estão envolvidos em atividades de aprendizagem que sejam significativas para eles.
Conhecimento e compreensão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação inclusiva como presença (acesso à educação); 2. Participação (qualidade da experiência de aprendizagem); 3. Conquista (processos e resultados de aprendizagem) de todos os alunos.
Habilidades e habilidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. Examinar criticamente as próprias crenças e atitudes; 2. O impacto dessas ações.

Fonte: Adaptado de EADSNE (2012).

Desse modo, a capacidade do professor de unir as condições físicas na escola em que atua e os equipamentos por ela disponibilizados interfere, positivamente, na qualidade da educação e na criação de um ambiente inclusivo no qual os alunos da educação especial podem se expressar. Essa prática diária também pode ser

otimizada pelo uso das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), de acordo com as especificidades dos estudantes, e com uma variedade de materiais, de técnicas e métodos de ensino.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser de cunho qualitativo, pois, segundo Yin (2016), permitem realizar uma investigação científica aprofundada de vários temas relacionados à realidade singular ou a múltiplas realidades. Desse modo, captura o significado de fenômenos subjetivos na perspectiva dos participantes do estudo para serem discutidos dentro do campo da importância das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem de um estudante com síndrome de Down nas aulas de História. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Vale do Cricaré (Anexo F).

Yin (2016) destaca como uma das principais características que definem a pesquisa qualitativa o fato de que ela estuda o significado da vida das pessoas nas condições do cotidiano. Assim, pela visão do autor, o pesquisador pode obter um panorama aprofundado do contexto em estudo, da interação da vida cotidiana de pessoas, grupos, comunidades e/ou organizações.

Frequentemente, esses significados subjetivos para os indivíduos são negociados social e historicamente, sendo formados por meio de interações com outras pessoas e de normas históricas e culturais que operam na vida dos indivíduos. Nesse sentido, o interacionismo simbólico fornece uma teoria cuja intenção é explicar como as pessoas dão sentido às interações e como essas se tornam símbolos de significado (HALL, 1987).

Um professor pode ter significados diversos para diferentes pessoas; para um aluno, o professor pode ser um símbolo de autoridade, um disciplinador ou uma figura paterna. Para um pai, o professor pode simbolizar um membro respeitado da comunidade ou um especialista em um campo de conhecimento. Para a administração, um professor pode ser o símbolo de um funcionário, de um líder de equipe ou colega. Os significados são influenciados tanto pelas diferentes experiências de uma pessoa como o significado dado a ela por outros. Assim, esta pesquisa pretende analisar as falas não somente dos professores, mas também da mãe do aluno, a fim de obter mais significados (HALL, 1987).

Somado a isso realizou-se um estudo de caso descritivo. Segundo Yin (2016), é uma investigação empírica que analisa um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes, de forma a coletar, apresentar

e analisar os dados corretamente.

Desse modo, a linha descritiva se encaixa nesta pesquisa por ser um estudo de caso exploratório. A escrita do estudo de caso deve se preocupar com aspectos de adequação e retórica do texto. Em termos de adequação, ele pode ser direcionado para um público-alvo, todavia, deve ser claro o suficiente para outros públicos entenderem. Some-se a isso o fato de poder ser criticado por outros pesquisadores, participantes e informantes, de ser importante caracterizar os sujeitos da pesquisa, ou estabelecer seu anonimato, e ser atraente para o leitor (YIN, 2016).

No processo de coleta de dados, Yin (2003) destaca seis fontes possíveis de evidência para estudos de caso: documentos, registros de arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. De fato, ressalta, força única do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma grande variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações.

Para Yin (2003), os estudos de caso não implicam utilizar um tipo particular de evidência e podem ser feitos utilizando evidências qualitativas ou quantitativas (ou ambas). Ele afirma que os benefícios dessas seis fontes podem ser maximizados se três princípios forem seguidos:

- Uso de múltiplas fontes de evidência;
- Criação de um banco de dados de estudo de caso;
- Manutenção de uma cadeia de evidências.

Yin (2003) recomenda fazer um estudo de caso piloto como preparação final para a coleta de dados, o que ajudará a refinar os planos de coleta de dados referentes ao conteúdo dos dados e aos procedimentos a serem seguidos.

3,1 AMBIENTE DA PESQUISA

A escola municipal está localizada no centro do município de Presidente Kennedy-ES, atende 740 alunos que moram na sede e na zona rural e funciona nos três turnos da seguinte forma: matutino, com o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), vespertino, com a Educação Infantil (Pré-Escola) e o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), e o noturno, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para o desenvolver este estudo, a pesquisadora obteve autorização da escola (Apêndice D), bem como da Secretaria Municipal de Educação (Apêndice E).

A escola tem cinco turmas de Educação Infantil, 11 turmas do 1º ao 5º ano, dez

turmas do 6º ao 9º ano e cinco turmas de EJA, em um total de 31 turmas. As turmas de 8º ano têm, em média, 22 alunos. A escola disponibiliza Atendimento Educacional Especializado, oferecido no contraturno, com professores especialistas em Educação Especial.

A atual gestão da escola desenvolve um trabalho pedagógico para a inclusão no contraturno, em uma sala destinada a essas crianças, a sala de AEE, em que eles são orientados por cuidadores e professores que atuam na educação especial, tendo formação para esse trabalho. O professor auxiliar, no entanto, é contratado pelo município de acordo com as necessidades da criança, entretanto, não se exige que tenha formação em educação especial. Esses auxiliares acompanham a criança durante o tempo em que permanecem na escola, mesmo nos intervalos do recreio e aulas de educação física, se preciso for.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com uma criança com síndrome de Down, abrangendo o ensino e a aprendizagem de História, utilizando-se, para tanto, as artes visuais. Também participaram da pesquisa a mãe da criança, o professor de história e a professora auxiliar.

O aluno, sujeito da pesquisa, está matriculado no 8º ano, e a disciplina de História tem três aulas semanais. Ao chegar à escola, o estudante é recebido por uma professora que atua na Educação Especial e o acompanha durante todo o tempo de sua permanência na escola, mantendo-se ao seu lado durante as aulas e nos períodos do recreio. No contraturno, o atendimento é dado pela professora da sala de Atendimento Educacional Especializado.

O aluno tem como características ser participativo, inteligente, atencioso e carinhoso, apesar das constantes alterações de humor que demonstra ao receber alguns comandos que não são da sua professora da educação especial. Quanto ao processo de interação com outros colegas, há uma harmonia entre eles, principalmente, no momento em que o professor sugere algumas atividades a serem realizadas em sala de aula, momento em que se comunica melhor com todos. A participação desse aluno nesta pesquisa será voluntária e o mesmo deverá assinar um Termo de Assentimento (Anexo C).

Com 13 anos de vida, esse aluno convive com sua mãe, que assinou o Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), e com a avó materna desde que seu pai abandonou a família em fevereiro de 2014. Fruto de um relacionamento de apenas quatro anos, o pai biológico não tem nenhum contato com o filho, apenas executa o pagamento da pensão alimentícia.

Convém ressaltar que o aluno sujeito da pesquisa recebe bastante atenção e dedicação exclusiva de sua mãe. Ela constantemente o incentiva no processo escolar e busca novas técnicas para incluí-lo nos espaços sociais, principalmente, dentro da comunidade escolar, por ter ciência de que a educação é um direito de todos, embasado pelo art. 205 da Constituição Federal.

O professor de História tem formação específica na área, além de formação em Pedagogia, e cursa, atualmente, um mestrado em Gestão Educacional. Atua em todo o segmento do Ensino Fundamental II, por isso já conhece o aluno de anos anteriores. A professora auxiliar é formada em Pedagogia, e cursa, atualmente, um mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação. Acompanha o estudante desde o ano anterior e, como afirmado anteriormente, mantém-se ao seu lado durante todas as aulas.

Também integra a pesquisa a mãe do aluno, por ser o familiar responsável que o acompanha mais proximamente em suas atividades escolares e, nesse período de pandemia, é quem o auxilia na execução das tarefas escolares.

3.3 MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, pois esta pesquisa tem o intuito de investigar as representatividades sociais da criança no contexto escolar e familiar, tendo como sujeitos da pesquisa: o professor de História e a professora auxiliar (Apêndice B), e a mãe do educando (Apêndice C).

Em relação às artes visuais e seu uso como ferramenta de ensino de História, é imprescindível que o(a) professor(a) planeje. Isto é, tenha o cuidado de selecionar o melhor método para despertar o interesse e a criticidade dos alunos, orientando-os a serem sujeitos ativos, e não passivos, no processo de construção e solidificação do conhecimento histórico, bem como na aquisição de conhecimentos (GODOY, 2009).

Assim, fica evidente a importância do professor nesse momento, ao direcionar o trabalho que deseja realizar com as artes visuais. No entanto, ressalta Godoy (2009) que o caráter histórico da atividade não pode ser esquecido, atentando-se para a observação da imagem e acrescentando o embasamento teórico necessário e

estimulando a pesquisa, para que o resultado não seja apenas um conjunto de meras opiniões a respeito do que está sendo visto (GODOY, 2009).

Sob a perspectiva do interacionismo simbólico (HALL, 1987), as expectativas dos professores em relação às habilidades intelectuais dos alunos afetam o quanto esses indivíduos aprendem. Nesse contexto, esta pesquisa defende uma pedagogia socialmente inclusiva desenvolvida com base na disposição dos professores e formadores de professores em desenvolver uma prática que leve em conta as necessidades e possibilidades de todos os alunos.

Este estudo enfatiza que, embora as artes visuais estejam presentes por todos os lados (livros didáticos, fotos, desenhos, pinturas, internet e televisão), na maioria das vezes, elas não são trabalhadas pelos professores como um rico veículo de significados na construção do conhecimento ou solidificação do processo de ensino e aprendizagem.

Silva (2010) lembra que até mesmo aqueles profissionais que, em sua formação, tiveram a oportunidade de trabalhar com artes visuais, encontram dificuldades com o advento da tecnologia avançada e, também, com a falta de suporte necessário para explicar e aprofundar os conteúdos.

Para Coelho (2012), isso ocorre porque as artes visuais incluídas no livro didático são dotadas de valores ideológicos e culturais que precisam ser explorados de forma crítica e construtiva quanto ao contexto histórico, e no espaço e no tempo em que foram construídas.

Em síntese, esta pesquisa intenta destacar que, apesar de os estudos das artes visuais terem avançado muito na comunidade escolar, ainda precisa ser mais explorada e cultivada no ensino de História, bem como na formação do(da) professor(a) que, atualmente, trabalha ainda de forma inadequada e com limitações didáticas.

Para encerrar o levantamento de dados, foi elaborado um cronograma com os recursos disponíveis para utilizar as artes visuais. Elas foram apresentadas por meio dos recursos tecnológicos disponíveis (computador, tablete, projetores ou outras TICs), três vezes na semana e cerca de duas horas por dia, para, posteriormente, implantar o método lentamente em sala de aula, de forma que o aluno se adaptasse ao recurso tecnológico como acréscimo para seu aprendizado.

Em relação ao Plano de aula, encontrado no “Apêndice D” deste estudo, ele tem seus conteúdos direcionados para a História do Brasil, que se encontram

enquadrados dentro da metodologia e do objeto de conhecimento utilizados no 8º ano. Isso porque é a única turma do Ensino Fundamental II que tem um estudante com síndrome de Down, sujeito desta pesquisa, devidamente matriculado.

Assim, respeitando-se as limitações e possibilidades do aluno, sujeito desta pesquisa, as atividades utilizaram métodos e estratégias que possibilitassem obter êxito em seu processo de aprendizagem na disciplina de História.

Para o desenvolvimento e a avaliação da metodologia a ser aplicada neste estudo foram utilizadas quatro etapas, conforme observado no quadro a seguir:

Quadro 2 – Cronograma das etapas da pesquisa

Etapas	Atividades
1	Identificação e aprofundamento sobre as diferentes estratégias de ensino que utilizam artes visuais para promover a aprendizagem a um aluno com síndrome de Down nas aulas de História.
2	Implementação da prática didática utilizando uma metodologia baseada no uso das artes visuais para envolver o estudante com síndrome de Down nas aulas de História.
3	Comparação das situações antes e depois da aplicação da metodologia utilizando artes visuais para promover a aprendizagem a um aluno com síndrome de Down nas aulas de História, em diálogo com os professores.
4	Análise dos dados e avaliação sobre a apropriação de conceitos relativos à História do Brasil pelo aluno com síndrome de Down, após o uso das artes visuais para promover a aprendizagem.
5	Redação da dissertação, entrega e defesa.

Ao final da aplicação dessa metodologia na prática diária, o aluno com síndrome de Down foi incentivado a colocar em prática as noções e as habilidades desenvolvidas em cada etapa do processo, em um procedimento que possibilitou ao professor avaliar os progressos alcançados.

Concomitantemente, a pesquisa colaborou também para responder ao objetivo deste estudo, que consiste em discutir a importância de utilizar essas ferramentas pedagógicas no ensino de História para um estudante com síndrome de Down.

Etapa 1

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o intuito de identificar as possíveis estratégias envolvendo as artes visuais que poderiam ser utilizadas junto ao aluno com síndrome de Down nas aulas de História.

Para tanto, buscou-se na literatura informações sobre a forma como esses

estudantes aprendem e as possíveis dificuldades que podem apresentar no processo de ensino e aprendizagem. Ao constatar que indivíduos com síndrome de Down retêm mais informações visuais, optou-se por trabalhar basicamente com imagens.

Etapa 2

Concluída a primeira etapa, foram planejadas atividades com o conteúdo História do Brasil, a ser desenvolvido junto ao aluno. O referido material contém diversos exercícios, sendo estes baseados em análise de imagens, recorte e colagem, que foram, posteriormente, desenvolvidos pelo professor regente da turma.

Etapa 3

Após o desenvolvimento das atividades propostas, o professor regente apresentou um relato das suas observações sobre o interesse e o desempenho do aluno ao longo das semanas. Isso permitiu comparar como ocorreu o processo de ensino e aprendizagem com aulas tradicionais e as diferenças constatadas com a utilização das artes visuais.

Etapa 4

Após os relatos do professor regente e as entrevistas com o professor auxiliar e a mãe, foram obtidos os dados ao longo da pesquisa, amparados na literatura anteriormente pesquisada.

Etapa 5

Finalizada a pesquisa e com os resultados analisados, passou-se à redação dos resultados e às considerações finais. Posteriormente, considerando-se o material obtido na pesquisa, foi organizada uma proposta de formação interativa, crítica e reflexiva, baseada em atividades práticas, cujo objetivo é a troca de saberes e na qual o formador atua como mediador desse processo.

3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS

Yin (2003) sustenta que a análise dos dados consiste em examinar, categorizar, tabular, testar ou, de outra forma, recombina ambas as evidências quantitativas e qualitativas para abordar as proposições iniciais de um estudo. De acordo com Yin (2003), há três estratégias analíticas gerais para analisar evidências de estudos de casos: basear-se em proposições teóricas; pensar em explicações rivais; ou desenvolver uma descrição de caso. Neste estudo, será realizada a terceira proposição.

Para Yin (2003), qualquer uma dessas estratégias pode ser usada na prática de cinco técnicas específicas para analisar estudos de caso: comparação de padrões, construção de explicações, análise de séries temporais, modelos lógicos e síntese de casos cruzados. Por fim, verificar as descobertas com os participantes do estudo de caso pode ser uma parte valiosa da análise e aperfeiçoar a validade dos dados.

Primeiramente, foram analisadas as entrevistas com os professores, a fim de verificar a prática docente e possíveis dificuldades relacionadas ao ensino de História junto ao aluno com síndrome de Down. Posteriormente, foi analisada a entrevista com a mãe, observando as perspectivas desta em relação ao ensino oferecido na escola.

Por fim, foram ministradas as aulas, sendo que cada atividade foi encaminhada ao aluno por meio dos professores e desenvolvidas com a mãe, no aplicativo de mensagens. Não houve disponibilidade de gravação das aulas em vídeo, cabendo ao professor relatar, utilizando um diário de bordo, os avanços e as dificuldades, bem como o interesse e a participação do aluno nessas atividades.

Ao final, fez-se a análise das observações por meio da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2010, p. 33), refere-se a um conjunto de técnicas que visa obter “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta pesquisa foi desenvolvida com um aluno com síndrome de Down do 8º ano, de uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Presidente Kennedy, interior do Estado do Espírito Santo, de forma remota, pelo professor da disciplina de História, em suas 3 aulas semanais. Foi conduzida na turma do 8º ano por ser a única turma do Ensino Fundamental II em que está matriculado o referido estudante.

Estudantes com síndrome de Down necessitam de mais exemplos, exercícios, atividades, ensaios e repetições para uma aprendizagem concreta e eficaz. . Isso exige um trabalho sistemático e adaptado direcionado à aquisição pelo aluno dos conceitos básicos, sendo importante um planejamento pormenorizado. Destaca-se que deve começar com atividades práticas, úteis e funcionais, que possam ser relacionadas e aplicadas à sua vida cotidiana, para que, em momento posterior, possam caminhar no sentido de explorar os significados. Vale ressaltar que uma aula pensada dessa forma colabora com a aprendizagem de qualquer aluno, e não apenas aqueles com síndrome de Down. Esses estudantes percebem e processam melhor as informações oferecidas por meio de mídia visual, aprendem melhor com fotos, desenhos e objetos manipuláveis, pois esses materiais favorecem uma experiência direta (ALVES, 2007). Assim, elaborou-se um plano de aula com conteúdos direcionados para a História do Brasil, de forma que se enquadrassem dentro da metodologia e dos conteúdos definidos para os alunos do 8º ano. Após o desenvolvimento do referido plano, foram feitas entrevistas com a mãe, o professor de história e o professor auxiliar. Também foi realizado pelo professor de história um relato sobre os avanços e dificuldades encontrados pelo estudante.

Assim, para melhor compreender os resultados da pesquisa, primeiramente, serão apresentadas as entrevistas realizadas com os professores; em seguida, a entrevista com a mãe do aluno e, posteriormente, o relato do professor sobre o desenvolvimento das atividades propostas.

Vale esclarecer que, a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, cada um será representado neste estudo por um sentimento que, na visão desta pesquisadora, está presente em todos que defendem e buscam uma educação mais inclusiva. Assim, o professor regente será chamado de Empatia; o professor auxiliar de Paciência; a mãe do aluno de Coragem; e o aluno de Otimismo.

4.1 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O TRABALHO JUNTO AO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN

As entrevistas foram feitas com os professores por meio de videochamadas, pelo aplicativo WhatsApp. Ao serem perguntados sobre a reação que surgiu aos serem informados que teriam um aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), os dois docentes informaram que ficaram inseguros, pois não têm formação em Educação Especial. Entretanto, de acordo com o professor Empatia, atualmente disse já considerar normal, depois de atuar várias vezes com alunos da educação especial.

Vale enfatizar que, para uma atuação eficiente, os professores devem ter não somente conhecimentos, mas também sensibilidade para trabalhar com crianças com necessidades especiais, a fim de facilitar a aprendizagem desses alunos. Além disso, apesar de a inclusão ser uma realidade legal, muitos professores se deparam com estudantes com deficiência em suas classes e se sentem completamente despreparados para realizar um bom trabalho, por desconhecerem o problema e as melhores estratégias a serem desenvolvidas.

Não adianta colocar a criança na sala de aula se não houver preparo institucional e pessoal do professor; [...] a criança deve estar preparada para aquele grupo ao qual vai estar inserida e vice-versa. A verdadeira inclusão não é simplesmente matricular um aluno numa sala de aula, mas sim verificar as singularidades, as formações e tensões neste grupo, investigar a evolução e construção dos diferentes papéis que cada um vai assumindo nas relações com seus parceiros (FABRÍCIO, SOUZA & ZIMMERMANN, 2007, p. 26).

Assim, embora a escola tenha salas de Atendimento Educacional Especial, a sala de aula regular deve ser um ambiente inclusivo, em que os estudantes em geral possam aprender, conviver e se desenvolver. Portanto, a educação oferecida deve se direcionar ao desenvolvimento global do aluno. Para tanto, é urgente que todos os professores recebam formação qualificada sobre a Educação Especial.

Na sequência da entrevista, ao serem indagados sobre o que fazem para promover a participação do estudante com síndrome de Down nas aulas, os professores responderam que,

[...] a princípio, as pedagogas fizeram uma reunião e explicaram que esse aluno deveria ser tratado como igual e que os exercícios

*deveriam ser adaptados.*⁴
Paciência – novembro de 2020

Primeiramente, procuro conhecer o aluno e suas características, do que mais gosta e tem interesse, a fim de facilitar a sua aprendizagem.

Empatia – outubro de 2020

É preciso esclarecer que a igualdade nem sempre significa oferecer as mesmas coisas a pessoas diferentes, mas oferecer a cada um segundo suas necessidades. Nesse sentido, especificamente em relação às aulas de História, para os alunos com síndrome de Down, que têm mais facilidade para aprender por meio visual, os conteúdos devem ser oferecidos de acordo com o próprio nome da disciplina, ou seja, contando uma história; deve-se evitar a memorização e buscar a assimilação e a compreensão pelo aluno do conteúdo trabalhado.

Nessa perspectiva, as imagens, os documentos e os artefatos históricos devem prevalecer sobre longos textos, bem como haver harmonia entre o conteúdo e as imagens, para que o aluno tenha a presença e a complementaridade auditiva e visual da abordagem histórica proposta. Nesse sentido:

Para a construção do conhecimento histórico o professor deve organizar seu trabalho pedagógico baseando-se em fontes históricas diversas como documentos escritos, iconográficos, registros orais, testemunhos de histórias locais, fotografia, cinema, quadrinhos, literatura e informática. Esses materiais são de grande valia na constituição do conhecimento histórico e podem ser aproveitados de diferentes maneiras em aula (OLIVEIRA, 2013, p. 31).

As imagens são portadoras de conteúdos relevantes em si mesmas e o objeto do estudo está contido nelas. Portanto, cabe ao professor torná-las parte de um texto para mobilizar a aprendizagem e alcançar a compreensão da história, para que os alunos entendam as consequências que derivam das ações humanas em um determinado evento. Essa estratégia serve a todos os estudantes, entretanto, é especialmente benéfica aos estudantes com necessidades educacionais especiais, entre os quais, o aluno com síndrome de Down.

Questionados sobre o grau de comprometimento e de preparação que têm para lecionar para estudantes da educação especial, especialmente os com síndrome de Down, o professor Paciência afirmou que não tem preparo para atuar junto a esses

⁴ Sempre que o texto estiver com recuo de 4cm, justificado à direita, com fonte 11, em itálico, espaçamento 1,5cm, trata-se da fala de um dos sujeitos da pesquisa.

alunos, mas que procura adaptar o conteúdo de acordo com a realidade do aluno. Já o professor Empatia disse:

O que ocorre em nossa educação superior é que nós professores não somos totalmente preparados para enfrentar esses desafios e somente com o passar do tempo e experiência em sala de aula conseguimos desenvolver um trabalho favorável para esses alunos. Hoje, com experiência e maturidade, consigo atingir os objetivos para lecionar para os alunos especiais.
Empatia – outubro de 2020

Observa-se que os professores focaram suas respostas em suas formações, não entrando no campo do comprometimento. Apesar de entender que a formação é fundamental, proporcionando conhecimento técnico e pedagógico necessário para atuar junto a esses alunos, sem o comprometimento do professor nada pode ser mudado. Nesse contexto:

A cooperação do professor é uma das condições fundamentais para o sucesso da inclusão da criança na escola regular. É ele quem vai detectar no dia-a-dia quais ajustes podem e devem ser feitos no ambiente, é quem vai colaborar na interação da criança com outros colegas, bem como criar situações satisfatórias para a criança desenvolver uma boa convivência social (LUIZ et al., 2008, p. 503).

Perguntados sobre a opinião que têm referente à inclusão das crianças com síndrome de Down nas aulas específicas da disciplina de História, afirmaram que consideram muito importante, pois o aluno não pode ser excluído dessa disciplina. Os professores afirmaram que,

[...] apesar das dificuldades em oferecer um atendimento individualizado e específico, devido ao tamanho da turma, considero que o aluno deve participar de todas as disciplinas escolares.

Empatia – outubro de 2020

[...] sem sombra de dúvidas todas as crianças deveriam participar do convívio escolar para se desenvolver, principalmente, com os colegas “normais”, interagir e entender que nem todos somos iguais, e, assim, respeitar todos como seres humanos.

Paciência – novembro de 2020

Vale ressaltar que o atendimento aos alunos com NEE vai além de apenas promover o acesso às salas de aula do ensino regular, devendo possibilitar, acima de tudo, que eles possam compreender o que lhes é ensinado, dentro das especificidades de cada um de se expressar e se relacionar.

Nesse contexto, para Cupertino (2008), esses alunos devem ser estimulados pouco a pouco, de forma que possam assimilar melhor os conteúdos oferecidos, ou seja, a aprendizagem deve ser gradual, respeitando seu tempo, e ser estimulada de várias maneiras.

Diante dessa situação, os professores precisam atuar junto a um aluno com síndrome de Down de tal forma que possam estimular sua aprendizagem, o que é fundamental para alcançar os objetivos educacionais pretendidos. Para tanto, devem elaborar atividades nas quais esse aluno alcance sucesso ao realizá-las, compreenda seu significado, bem como que seu mecanismo de aprendizagem é diferente e que experiências negativas, se forem frequentes, podem resultar em perda da motivação, sendo muito difícil recuperá-la posteriormente.

Por isso, é importante definir claramente os objetivos a serem alcançados, as etapas necessárias, as pequenas tarefas a serem feitas e os materiais utilizados, devendo oferecer os conteúdos aos poucos, de acordo com a compreensão do aluno. Nesse contexto, Lima (2016) ressalta que o professor tem um papel fundamental e determinante, pois é quem oferece os conteúdos e organiza seus planejamentos.

No que se refere à metodologia, ao serem solicitados a exemplificar uma metodologia e um conteúdo de História utilizado com a intenção de promover a inclusão do aluno com síndrome de Down nas aulas, o Professor Perseverança respondeu somente que busca adaptar as atividades para esse estudante. Já Empatia disse que:

Ao abordarmos o assunto “escravidão no Brasil”, temos que trazer explicações rápidas e imagens de fácil entendimento, no qual tentamos moldar uma linha de raciocínio lógico do que é “certo ou errado”, com exercícios posteriores para comprovar se o aluno conseguiu entender da matéria.
Empatia – outubro de 2020

Como já afirmado anteriormente neste estudo, promover um ambiente criativo para alunos com síndrome de Down é fundamental e, nessa perspectiva, deve

desenvolver atividades em que eles se sintam motivados a participar, juntamente com o restante da turma. E uma das contribuições mais inovadoras vem das artes visuais, muitas vezes relegadas nas aulas, em detrimento de longos textos dissertativos contidos nos livros didáticos, que pouco atraem a atenção desses alunos.

Nesse sentido, Silva (2010) afirma que as artes visuais são o melhor caminho para captar a atenção, o interesse e a motivação desses alunos, pois, antes da escrita, as crianças já desenham o que sabem e expressam suas emoções e seu universo interior em suas produções artísticas.

Indagados sobre o que pensam acerca da utilização das TICs e das artes visuais em sala de aula como recurso para potencializar o processo de aprendizagem dos alunos, Paciência afirmou que considera essencial, pois, segundo ele,

“[...] a visualização auxilia o aluno no processo de ensino e aprendizagem”. O outro docente afirmou que “seria a melhor forma de trabalharmos, pois além de explicarmos a matéria poderíamos mostrar de fato como a história aconteceu.

As TICs são auxílios do professor”.

Paciência – novembro de 2020

Os alunos com síndrome de Down, embora não todos, têm limitações significativas na escrita e na fala. Assim, devem realizar atividades que lhes exijam comportamentos não verbais para comunicar seus pensamentos, ideias e emoções. Portanto, as artes visuais, mais facilmente trabalhadas com as TICs, podem servir como um caminho alternativo, que favorece suas habilidades de compreensão.

Para Alves (2007), a linguagem artística desenvolvida com o apoio das TICs facilita a comunicação dos alunos com síndrome de Down que, em geral, apresentam déficits nessa função, tornando-a acessível a todos os indivíduos, inclusive aqueles com deficiência, e possibilitando que expressem sua visão de mundo, além de estimular o desenvolvimento cognitivo, intelectual, social e afetivo.

Ao se pensar nas TICs envolvendo as artes visuais, esta não é apenas uma forma de representar motivos figurativos ou abstratos sobre um determinado conteúdo, mas também é um meio de comunicação visual, que reflete ideias e pensamentos. Por isso, é uma metodologia que desenvolve o aprendizado desses alunos, não impondo os limites que as palavras contidas nos textos muitas vezes

demandam.

Com relação a disponibilizar ou utilizar algum tipo de recurso tecnológico em suas aulas, como forma de auxiliar o processo de aprendizagem dos alunos em História, os professores se posicionaram de forma bem diferente em suas respostas:

*Este ano não foi possível devido à pandemia.
Empatia – outubro de 2020*

*[...] com certeza, a mais utilizada por mim é o computador (slides) e datashow.
Paciência – novembro de 2020*

Ao longo deste estudo, é possível observar que diferentes estratégias de ensino podem ser utilizadas para atender às crianças com NEE, as quais, geralmente, ter problemas no aprendizado de conceitos em um ambiente em que as disciplinas são desenvolvidas somente por meio de textos e explicações.

Entretanto, na concepção de Ramos (2015), os objetivos educacionais podem ser alcançados com esses alunos por meio de estratégias de ensino que atendam aos seus pontos fortes e interesses e os auxiliem a superar os obstáculos à aprendizagem em sala de aula.

A capacidade básica de aprendizagem é comum a todos os seres humanos, qualquer que sejam suas condições e circunstâncias, entretanto, nem todos aprendem da mesma forma ou no mesmo tempo. Nesse sentido, um componente essencial para uma inclusão real e concreta consiste em encontrar a forma adequada de ensinar, no contexto de aprendizagem do aluno, de modo que inclua a todos, em todas as suas dimensões.

4.2 PERCEPÇÃO DA MÃE DO ALUNO SOBRE O ENSINO OFERECIDO NA ESCOLA

A mãe da criança também foi entrevistada por meio de videochamada pelo aplicativo WhatsApp. Na entrevista, ao ser questionada se a criança sob sua responsabilidade já frequentou uma escola especializada para alunos com necessidades educacionais especiais, Coragem afirmou que sim, na Associação Pestalozzi do município. E sobre quais foram as maiores dificuldades encontradas ao

chegar à escola com o filho, disse que:

*Não houve nenhuma, sendo sempre bem acolhida,
bem como meu filho.*

Coragem – novembro de 2020

As crianças que são bem acolhidas pelos profissionais e demais alunos da escola, em geral, se adaptam melhor à própria rotina. Desse modo, quanto mais cedo a criança começar a frequentar a instituição, maiores são as chances de o aluno com síndrome de Down se adaptar ao ambiente.

A inclusão na escola regular é o primeiro passo para a adaptação das pessoas com síndrome de Down na sociedade. Para isso, desde o início da Educação Infantil é fundamental ensiná-los a serem independentes, começando pelos cuidados pessoais e pelo uso do material didático.

Aparentemente, os pais de crianças que se encaixam em políticas de inclusão, especialmente em casos de Síndrome de Down, se mostram muito interessados nas relações de seus filhos com a escola, ponto no qual o gestor deve estar focado para garantir um bom intercâmbio familiar e escolar e proporcionar uma gestão democrática que integre comunidade e escola (CIMA, FRONZA & DYNIEWICZ, 2013, p. 633).

Na pergunta sobre se a criança gosta de frequentar a escola, Coragem respondeu afirmativamente, observando que Otimismo é sempre muito alegre e vai para a escola com muita boa vontade. Em relação ao relacionamento do filho com os colegas da escola, ressaltou que é muito bom, existe um bom entrosamento com os colegas de turma.

Bernardi (2015) afirma que o indivíduo com síndrome de Down precisa de um ambiente geral que seja estimulante, tanto em casa quanto na escola e na rua. Isso não significa, em absoluto, que deve participar de muitas atividades, frequentar vários lugares, receber apoio em muitas áreas, e passar o dia inteiro de terapia em terapia. Ainda de acordo com Bernardi (2015), crianças que, muito jovens foram submetidas à estimulação excessiva, mais tarde mostraram o oposto do que é pretendido: hiperatividade, dispersão, desconexão e problemas de comportamento.

Além de um ambiente enriquecedor, estimulante e sem ansiedade, a criança precisa realizar um trabalho sistemático e devidamente estruturado, que o auxilie a organizar bem suas informações e se preparar para futuras aquisições mais

complexas. Esse é o trabalho que deve ser sistematicamente organizado pelo professor, bem como ser realizado com criatividade, flexibilidade, respeito e alegria.

Segundo Coragem, a disciplina que Otimismo mais gosta e com a qual mais se identifica para realizar as tarefas escolares é Língua Portuguesa.

Ademais, sem dúvida, é fundamental para a inclusão desses alunos haver um profissional qualificado e preparado para entender como essas crianças aprendem, detectar suas competências e escolher aquelas estratégias de ensino que lhes permitam aproveitar ao máximo o seu trabalho diário em sala de aula. Quando isso ocorre, sentem-se mais competentes, o que, conseqüentemente, torna as disciplinas mais prazerosas.

Para que as aulas sejam atrativas e prazerosas, Voivodic (2008) afirma que os alunos com síndrome de Down podem precisar de mais incentivo, aceitação e feedback positivo do que outros alunos. Assim, o professor deve ser capaz de analisar seu desenvolvimento ao recebê-lo em sua turma, observando que tipos de atrasos experimentam, bem como suas respostas negativas aos adultos ou outras crianças, pois, muitas vezes, diante de críticas ou correções frequentes, esses alunos desenvolvem mecanismos de enfrentamento como comportamento passivo, evitação ou desamparo.

Alunos com síndrome de Down desejam fazer as mesmas coisas que os demais estudantes em sua classe e podem ficar irritados e frustrados se o professor insistir que façam uma atividade diferente, enquanto o resto da classe executa outras tarefas. Por outro lado, se forem autorizados a participar sem provisão suficiente para sua diferenciação, podem enfrentar dificuldades intransponíveis e, então, recorrer a um comportamento problemático. Também pode haver frustração quando a criança entra em contato com pessoas que não querem ouvi-la ou que não conseguem entender o que ela está tentando dizer. Se esse conflito não for resolvido, a criança pode acabar se desmotivando a frequentar a escola.

Outra questão na entrevista foi indagar se Coragem já havia presenciado alguma situação constrangedora de discriminação com seu filho no ambiente escolar. Coragem disse que:

Nunca, ele sempre teve um excelente acolhimento dos profissionais e demais alunos.

Coragem – novembro de 2020

Os alunos com síndrome de Down podem preferir ficar isolados, visto que suas dificuldades de comunicação fazem com que pareçam menos falantes do que seus colegas e menos dispostos a se defender. No entanto, se os adultos e outras crianças mostrarem o desejo de se comunicar, seja por meio de sinais ou dando a eles tempo suficiente para formular suas ideias, sentem-se incentivados a participar de atividades em grupo. Esse aumento em sua confiança e autoestima, por sua vez, o auxilia a alcançar níveis mais altos de atividade e envolvimento.

Em uma sala de aula inclusiva, o aluno com síndrome de Down deve ser, dentro do possível, integrado ao restante da turma. Segundo Lima (2016), o ambiente inclusivo tem menos probabilidade de estigmatizar e dispõe de um espaço muito mais natural para os estudantes, propiciando mais oportunidades para ocorrer relacionamentos entre pares e dificultando a segregação, de acordo com a capacidade cognitiva ou necessidades especiais.

Uma das perguntas para Coragem foi se, no decorrer das aulas, Otimismo tinha um profissional especializado trabalhando em parceria com o professor regente. Ela respondeu que:

Tem, mas só porque corri atrás.
Coragem – novembro de 2020

Nessa situação, a lei determina como obrigação dos estados e municípios a contratação de um professor auxiliar para atender aos alunos com NEE. Entretanto, cabe ressaltar que no município de Presidente Kennedy, esses profissionais encontram-se disponíveis aos estudantes que precisam deles, não há entraves para a efetivação desse direito.

No que se refere a destacar uma atividade feita por seu filho na aula de História que merece importância em sua memória, Coragem respondeu que:

Foi a confecção de maquete, onde, apesar da dificuldade em alguns momentos, foi uma atividade muito prazerosa.
Coragem – novembro de 2020

Ao trazer atividades diversificadas para a sala de aula, os conteúdos de História que, ensinados nos modelos tradicionais, muitas vezes não conseguem prender a atenção dos alunos, tornam-se atrativos e motivam os estudantes a participarem com prazer. No caso de estudantes com NEE, é ainda mais importante trabalhar com

atividades lúdicas, sem, contudo, prejudicar o desenvolvimento dos conteúdos oferecidos.

Para Farrel (2008), por meio de uma abordagem multimodal, o professor pode utilizar o máximo possível de materiais concretos e situações autênticas do mundo real. Deve preferencialmente utilizar uma linguagem apropriada para a compreensão do aluno, falar devagar quando necessário, sempre dividir as tarefas em etapas menores e dar instruções para cada etapa, pois esses alunos, geralmente, têm boa memória de curto prazo.

Em outra pergunta, ao ser questionada a dizer o que faz para que Otimismo seja incluído e não excluído no ambiente escolar por apresentar a síndrome de Down, Coragem respondeu que:

Por enquanto, não tive esses problemas, pois ele sempre foi bem recebido.

Coragem – novembro de 2020

De acordo com Bissoto (2005), alunos com síndrome de Down devem ingressar nas salas de aula regulares já nas primeiras séries, o que pode ser benéfico e útil para promover uma dinâmica tolerante e de aceitação entre os colegas.

Ao responder a pergunta se acredita que na escola em que Otimismo estuda ocorre de fato a inclusão dele e de outros alunos com Necessidades Educacionais Especiais, Coragem disse que:

Dele eu sei que sempre teve a inclusão, agora não posso responder pelos outros alunos.

Coragem – novembro de 2020

Uma escola que, junto com a família e a comunidade assumem uma visão abrangente da educação especial, que promove a aprendizagem de acordo com as capacidades dos alunos, a fim de possibilitar e aumentar seus níveis de autonomia e participação em seus contextos de vida, por meio de um modelo de currículo baseado em uma educação de qualidade, princípios e valores, se reflete na satisfação dos pais e dos próprios estudantes, orientados para o respeito às pessoas.

Desse modo, a missão da escola é contribuir para o máximo desenvolvimento e o aumento das habilidades dos alunos na situação de deficiência, oferecendo, por meio do currículo comum, adaptações curriculares e de acesso. A finalidade é garantir

uma educação que respeite as diversas formas de aprendizagem de seus alunos, implementando um trabalho em equipe inclusivo e colaborativo direcionado para a superação das barreiras de aprendizagem (BERNARDI, 2015).

A cooperação entre a família e a escola é importante, assim como o planejamento conjunto entre o professor e o auxiliar de apoio. Também é essencial o envolvimento dos demais profissionais da instituição, para que haja coerência em todo o sistema. Aquelas pessoas que, apesar de suas melhores intenções, deixam a criança entrar sorrateiramente e ficar em primeiro na fila, ou que lhes dão mais um pedaço de bolo, podem causar problemas reais. Da mesma forma, um professor auxiliar que permite ao aluno não realizar suas tarefas regularmente está inibindo o desenvolvimento de comportamentos apropriados.

As regras da escola e da sala de aula devem ser declaradas e ensinadas de maneira simples e clara desde o início, e devem ser lembradas regularmente. Essas podem ser desenvolvidas por meio de imagens e coladas nas capas dos cadernos do aluno, para que ele não se esqueça, pois mostram uma versão mais fácil de compreender. O planejamento cuidadoso é importante para garantir o sucesso da criança. Tanto quanto possível, no entanto, o estudante deve permanecer na classe, sendo envolvido nas atividades.

4.3 RELATO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA PROPOSTO

A fim de respeitar as limitações do aluno, as atividades contemplaram estratégias que possibilitassem obter êxito em seu processo de aprendizagem na disciplina de História. Para tanto, todo o conteúdo se resumiu a um trabalho por meio das artes visuais. Para desenvolver o referido plano, o professor de História se dispôs a utilizar todo o material planejado pela pesquisadora, bem como relatar a receptividade e a aprendizagem do estudante.

De acordo com depoimento do professor Empatia,

A disciplina específica depende de um entendimento, ou seja, um conhecimento mínimo adquirido ao longo dos anos escolares. Assim, sempre em um novo ano letivo, realizo meu planejamento conforme a BNCC e, ao adentrar na sala de aula, vou descobrindo as

características de cada aluno e, após alguns encontros, consigo perceber quais precisam de um “olhar” diferenciado. A partir de então, informo às pedagogas, para que as mesmas possam realmente direcioná-lo para um melhor aprendizado. Já especificamente no caso de Otimismo, com Síndrome de Down, fui informado pelas pedagogas que ele participaria de minhas aulas com uma auxiliar, que não é professora de alunos especiais, o que fez com que me sentisse despreparado.

Empatia – novembro de 2020

Entretanto, apesar dessa situação, o professor Empatia, ao ser convidado e aceitar desenvolver o plano de estudos envolvendo as artes visuais junto a Otimismo, manifestou seu entusiasmo:

Meu desafio em relação ao aluno sempre foi fazer/criar atividades extras para que ele pudesse participar/interagir nas aulas, de forma inclusiva com seus colegas. Entretanto, nem sempre conseguia oferecer a devida atenção demandada por Otimismo devido à turma ser grande, com 31 estudantes. Além disso, e considerando a suspensão das aulas presenciais, imposta pela pandemia da Covid-19, a situação ficou ainda mais difícil.
Empatia – novembro de 2020

É importante ressaltar que devido às dificuldades de processamento das informações por parte dos indivíduos com síndrome de Down, uma série de considerações deve ser contemplada durante o planejamento e as aulas. Entre elas, o uso de instruções claras e muito detalhadas, com frases simples, mostrando as atividades em sequência, de acordo com o grau de dificuldade, de forma bem organizada e estruturada, a fim de favorecer a representação mental do que está sendo ensinado.

De acordo com Bassani (2012), indivíduos com síndrome de Down aprendem visualmente e pode ser útil incluir gráficos complementares e organizadores espaciais ao lado de apostilas em sala de aula. Eles também podem se beneficiar da repetição, portanto, é importante fornecer uma lista de termos-chave. Alguns alunos requerem um professor auxiliar de classe, para criar um diálogo secundário em torno do conteúdo da lição, bem como para reunir o material e consolidar o aprendizado.

Deve-se prestar atenção ao fato de que o aluno com síndrome de Down processa o conteúdo em um tempo diferente. Dessa forma, a velocidade da apresentação dos estímulos deve ser adequada a ele, oferecendo condições para a resolução dos exercícios, propondo diferentes atividades para trabalhar os mesmos objetivos, e evitando utilizar elementos de distração, limitações no número de tentativas e aprendizagem por erro e tentativa. Tudo isso deve ser considerado no planejamento das aulas.

Diante do exposto e dessa realidade, o conteúdo trabalhado na primeira aula foi a escravidão no Brasil e seus legados, com o objetivo de identificar e relacionar os aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil, discutindo a importância de ações afirmativas. As aulas foram realizadas por videochamadas, pelo aplicativo WhatsApp, com a presença e o auxílio da mãe de Otimismo. Segundo relato do professor Empatia,

Otimismo permaneceu tranquilo e atento durante as aulas, situação geralmente não observada na sala de aula.

Empatia – novembro de 2020

Ao utilizar imagens, o professor desenvolveu um diálogo, narrando a chegada dos portugueses ao Brasil e como a mão de obra escrava era importante para o desenvolvimento; como os escravos chegavam e como eram comercializados. Também mostrou personagens da escravidão, o modo de vida, a exploração do trabalho, as formas de resistências, seus costumes, a libertação, o pós-libertação, o racismo e a desigualdade social. De acordo com o professor,

Foi perceptível o interesse e o prazer de Otimismo, solicitando, inclusive, que a aula não acabasse.

Empatia – novembro de 2020

Convém ressaltar que o plano de ensino foi desenvolvido considerando que indivíduos com síndrome de Down têm boa percepção visual e aprendem melhor utilizando sinais, gestos, imagens ou qualquer outro método visual. Assim, por meio da observação, conseguem desenvolver uma adequação visual e espacial que facilita a aprendizagem. Entretanto, deve-se ter em mente, acima de tudo, que cada indivíduo é diferente e seu tempo de aprendizagem irá variar de acordo com suas habilidades.

Segundo Alves (2007), sempre que possível, os professores devem adicionar

imagens aos conteúdos, o que é importante para quebrar longos blocos de textos ou diagramar descrições complexas. Também deve considerar investir em gráficos coloridos e reprodução de vídeos com legendas para reforçar o conteúdo. O aprimoramento da entrada textual também pode ser especialmente eficaz para um aluno visual. Assim, deve-se utilizar negrito, sublinhado, cores brilhantes e outra formatação para chamar a atenção para pontos importantes, bem como auxiliar na percepção e na compreensão de novas informações.

Em relação ao plano de aula proposto, ao analisá-lo o professor optou por não aplicar as etapas 5 e 6, por se tratarem de questões para serem feitas em grupo, o que é inviável nesse momento de pandemia, considerando que Otimismo teria dificuldade em desenvolvê-las sozinho.

Na primeira etapa, o professor desenvolveu um diálogo baseado nas imagens, apresentando-as e analisando seus os detalhes, enquanto narrava o conteúdo. De acordo com o relato do professor, já na primeira aula, Otimismo gostou muito, pois as imagens despertaram seu interesse pelo conhecimento. A atenção e a interatividade foram observadas ao longo das aulas, pela participação ativa do estudante.

De acordo com Castro e Freitas (2008), crianças com síndrome de Down têm desafios que podem afetar a maneira como adquirem novas habilidades. Manter esses desafios em mente, certamente, guiará o professor na seleção da combinação certa de materiais e recursos didáticos que maximizarão o processo de aprendizagem da criança, entendendo que as mesmas características que os tornam “diferentes” são aquelas que podem ser utilizadas para otimizar seu potencial de aprendizagem.

Para a aula, o professor Empatia montou uma apresentação de slides, com informações escritas e visuais, por meio da obra artística de Johann Moritz Rugendas, de 1835. Ao apresentar as imagens, foi narrando a visão do pintor sobre o Brasil, sempre buscando detalhes que pudessem reforçar o que estava sendo ensinado. O aluno prestou atenção durante todo o tempo e, após a exibição, o professor estimulou um diálogo, a fim de perceber se o conteúdo havia sido compreendido.

Por meio de um bate-papo direcionado às imagens de Rugendas, o professor Empatia oportunizou que Otimismo se expressasse oralmente, com algumas perguntas, apresentadas a seguir:

Você gostou da imagem?

Resposta: sim, respondeu rápido

Consegui mostrar na imagem onde fica a igreja?

Resposta: sim, circulou com lápis

Consegui mostrar o casarão?

Resposta: sim, circulou com lápis

Conhece o som do tambor? Reproduza...

Resposta: sim (porém demorou alguns segundos para reproduzir o som).

Já viu uma roda de capoeira?

Resposta: sim, na escola e na praça da cidade.

Empatia – novembro de 2020

Catafesta (2013) ressalta que o professor deve se esforçar para criar um ambiente em que o aluno, independentemente de seu nível de habilidade intelectual, tenha um sentimento de pertencer ao grupo e se sinta confortável em interagir. Para isso, devem ser incentivados a falar livremente e interagir positivamente, em um ambiente relaxado e confortável, essencial para aumentar sua confiança.

Outra atividade, agora direcionada à confecção e à exposição de maquete sobre o trabalho escravo no engenho, com recorte e colagem, despertou a atenção de Otimismo, que mostrou muito apreço em realizá-la. Entretanto, Coragem precisou auxiliar, pois ele não tem a coordenação visual-motora bem desenvolvida.

Dando sequência ao plano de estudos, na atividade proposta ele deveria relacionar as fichas com as imagens sobre os fatos históricos do período abolicionista, por meio de observação da imagem, do recorte das fichas e da colagem no lugar correto. De acordo com o professor,

Nessas atividades, Otimismo precisou de ajuda, pois, como já afirmado, não tem coordenação visual-motora bem desenvolvida para recortar. Trabalhou-se, então, as imagens e onde cada ficha se enquadraria melhor, onde o aluno desenvolveu corretamente, dando as respostas corretas.

Empatia – novembro de 2020

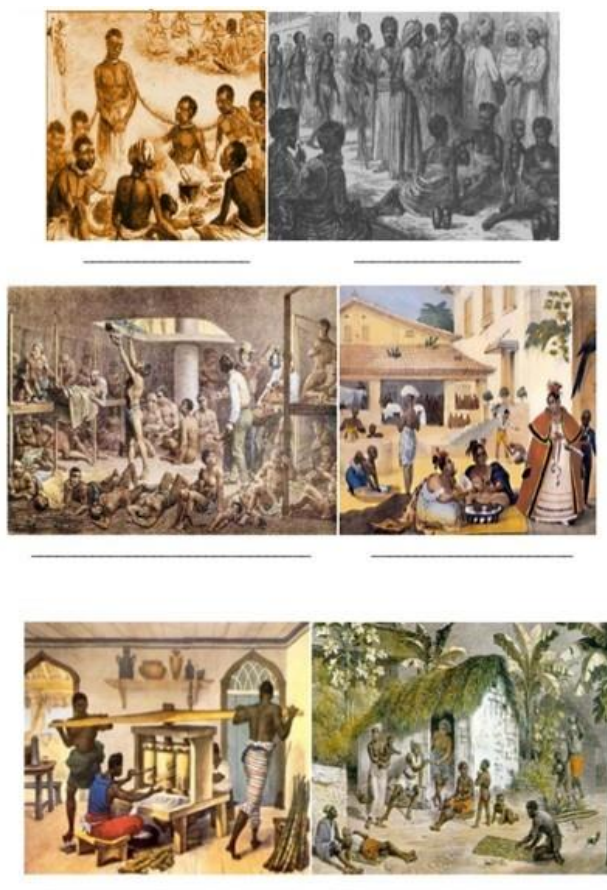
Embora a maioria das crianças com síndrome de Down possa participar de, pelo menos, algumas atividades com pouco apoio adicional, Fabrício, Souza e Zimmermann (2007) ressaltam que o benefício máximo só será obtido se a criança

tiver acesso a alguém que o auxilie em atividades que vão além de suas capacidades. Além disso, quando o professor observa as dificuldades em determinadas tarefas, estas devem ser modificadas e adaptadas, para garantir que sejam relevantes e apropriadas.

Na concepção de Lima (2016), alunos com síndrome de Down devem ser auxiliados somente quando tiverem dificuldades para realizar alguma atividade, a fim de não inibir sua autonomia. Por isso, somente quando Otimismo não conseguia realizar alguma tarefa é que a mãe era orientada a auxiliar.

Na atividade 3, Otimismo deveria observar imagens que descreviam a jornada vivida por um africano no Brasil e, em seguida, escrever um título, como se pode observar a seguir:

Figura 2 – Atividade 3 do plano de aula



Fonte: Elaborado pela autora

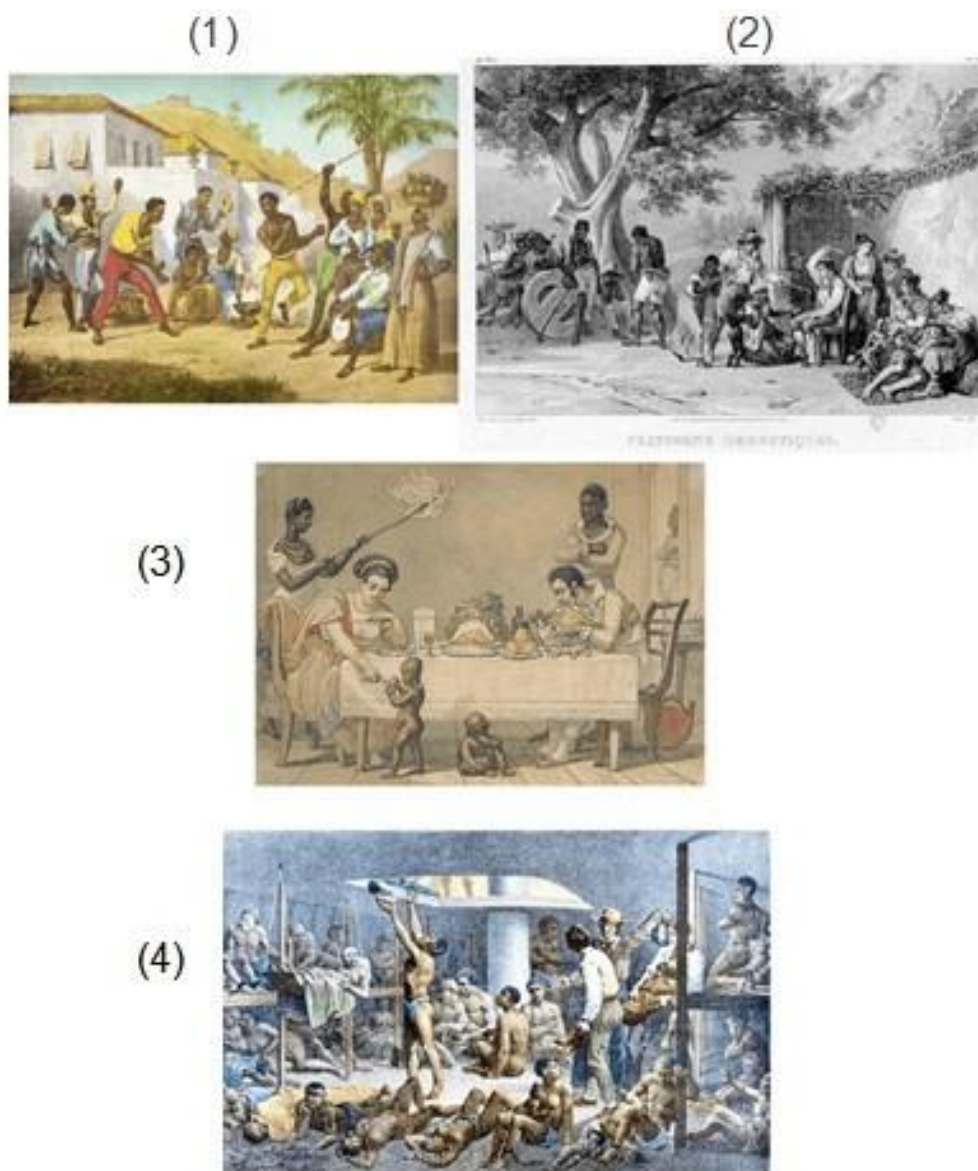
De acordo com o professor, nesse caso específico,

Houve mais dificuldades, pois o aluno conhece as letras do alfabeto, mas é semianalfabeto, tendo sua auxiliar soletrado as letras para, assim, ele escrever as palavras.
Empatia – novembro de 2020

Segundo Martinho (2011), as tarefas apresentadas visualmente, em vez de auditivamente ou com leitura, costumam ser mais bem executadas por alunos com síndrome de Down. Entretanto, nesse caso específico, Otimismo necessitou de auxílio devido ao seu processo de alfabetização. O baixo desenvolvimento da extensão da memória auditiva de curto prazo em relação ao desenvolvimento cognitivo torna o processamento de frases. Portanto, o aprendizado da gramática e da sintaxe é particularmente difícil para a criança e pode explicar porque a maioria desses estudantes ainda fala utilizando expressões imaturas de palavras-chave, mesmo na adolescência.

Na atividade 4, Otimismo deveria observar atentamente as imagens que estavam numeradas e foram produzidas por viajantes europeus que passaram pelo Brasil no período da escravidão e, posteriormente, sequenciar a resposta corretamente, entre elas, a prática de capoeira, o trabalho na casa-grande, a vida no navio negreiro e os castigos. Após explicar as imagens e as sequências das respostas, demonstrou que entendeu o comando e respondeu rápido e corretamente.

Figura 3 - Atividade 4 do plano de aula

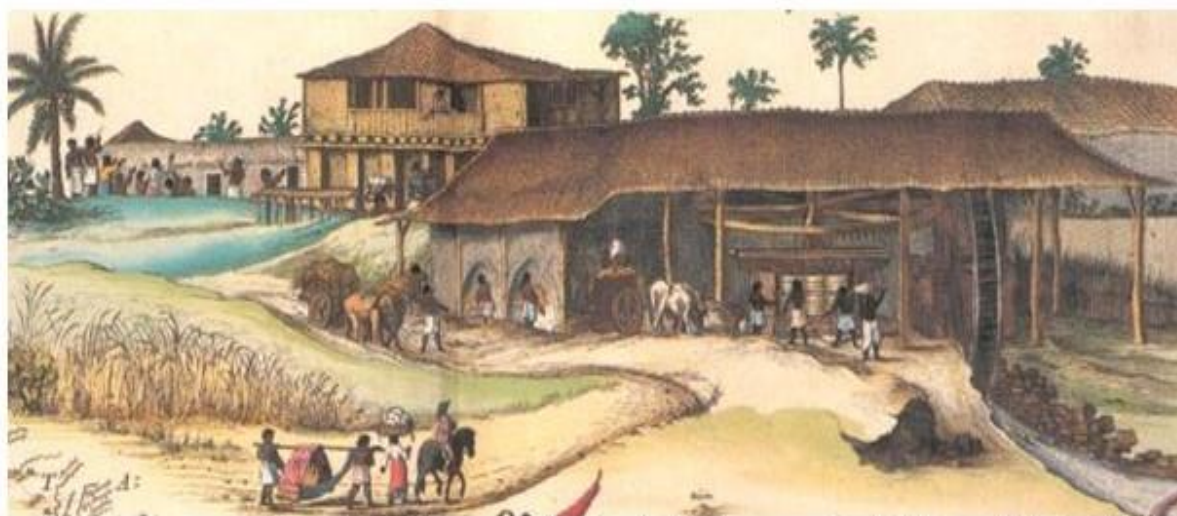


Fonte: Elaborado pela autora

Em crianças com síndrome de Down, segundo Lima (2016), a memória visual pode ser mais eficaz do que a auditiva para sequências curtas de informações. Isso é o reverso do desenvolvimento visto em crianças comuns, nas quais a memória auditiva é melhor do que a visual, e pode ser uma das razões porque alunos com síndrome de Down gostam de aprender com um computador que mostra informações visualmente.

Na atividade 5, que consistia em observar a imagem, responder qual era o produto fabricado nos engenhos e responder se o trabalho no engenho era realizado por negros escravos ou livres, ao explicá-la e dar o comando, Otimismo mais uma vez teve dificuldades, ocorrendo como na questão anterior.

Figura 4 - Atividade 5 do plano de aula



Engenho de Itamaracá, de Francis Post, para mapa de Gaspar Barlaeu, 1647.

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Ramos (2015), a lacuna entre o nível de compreensão da linguagem e sua capacidade expressiva na maioria das crianças com síndrome de Down tem sido relatada em diversos estudos, o que torna esta uma característica desses alunos, sugerindo dificuldades contínuas de produção textual.

Na atividade 6, um texto foi narrado descrevendo os escravos, os engenhos, a lavoura, a casa-grande e os castigos, com essas palavras em destaque. Foi solicitado que, após mostrar as palavras grifadas, Otimismo marcasse um X nas imagens que estavam na sequência. Essa atividade foi respondida rapidamente e Otimismo, após escutar várias vezes as palavras grifadas, conseguiu encontrá-las rapidamente, na forma de imagens.

Figura 5 - Atividade 6 do plano de aula



Fonte: Elaborado pela autora

Nem sempre os alunos com síndrome de Down têm a capacidade de repetir palavras na ordem apresentada, o que, segundo Silva (2011), mostra a dificuldade deles em repetir o que aconteceu em uma história lida anteriormente por outra pessoa. Essas dificuldades de linguagem, muitas vezes, estão relacionadas à hipotonia, que afeta fortemente a produção da fala, às dificuldades de memória e de percepção auditiva, o que não ocorreu com Otimismo.

Na atividade 7, Otimismo deveria ler e escutar com atenção a letra de uma música do compositor, cantor e rapper Criolo, lançada no ano de 2018 e, posteriormente, deveria responder às questões. De acordo com o professor,

Este exercício foi muito bem desenvolvido e, ao escutar a música, Otimismo se acalmou e se concentrou, às vezes, dançando, sempre muito receptivo. Em seguida, pedi que desenhasse alguma coisa que

*poderia demonstrar sobre a música que tinha acabado de escutar,
tendo sido desenhado um tambor.*

Empatia – novembro de 2020

Segundo Voivodic (2008), é importante o professor conhecer seu aluno, oferecer a ele atividades que o conduzam ao sucesso, certificar-se de incentivar a criatividade na sala de aula e garantir que haja oportunidades para desenvolver tarefas que os motive e inspire, e a música pode ser um desses recursos.

Na atividade 8, quando Otimismo deveria completar a outra metade da imagem, precisou de ajuda.

Figura 6 - Atividade 8 do plano de aula



Fonte: Elaborado pela autora

Luiz et al. (2008) relatam que é muito comum que alunos com síndrome de Down desenvolvam estratégias de evitação para diminuir as demandas de tarefas e solicitações de execução. Como consequência, evitam as demandas cognitivas; recusam-se ou relutam em se envolver por um período mais longo de tempo, muitas vezes usando manobras sociais sutis para desviar a atenção para atividades que são

menos exigentes ou aquelas que vão além das suas possibilidades. Nesse, caso específico, Otimismo não mostrou boa coordenação motora.

A atividade 9, quando deveria completar as letras que faltavam para formar palavras, para o professor,

Foi a atividade que demonstrou que Otimismo é muito desenvolvido, com 90% da atividade concluída sozinho, tendo dificuldade somente na primeira palavra.

Empatia – novembro de 2020

Figura 7 - Atividade 9 do plano de aula

9. Complete as palavras abaixo com as letras que faltam:

L		B		R	D		D			
R		C		S	M					
D		S		G		A		D		D

Fonte: Elaborado pela autora

Segundo Ramos (2015), dividir o material em partes pequenas e gerenciáveis possibilita que os alunos com síndrome de Down tenham sucesso, melhorando, assim, sua autoestima e disposição para realizar tarefas mais complexas.

Após desenvolver as atividades com o aluno aplicando o plano de ensino desenvolvido pela pesquisadora e visualizar como o estudante se comportou e desenvolveu as atividades, o professor Empatia relatou que:

As faculdades e prefeituras deveriam capacitar seus profissionais para o atendimento de alunos especiais, bem como nós, professores, devemos desenvolver/ criar atividades com mais imagens para que, assim, nossos alunos consigam aprender

cada vez mais.
Empatia – novembro de 2020

No caso específico de Otimismo, as atividades com as artes visuais aumentaram sua atenção durante as aulas e houve mais retenção dos conteúdos ensinados na disciplina de História. Por meio das artes visuais, foi possível integrar os conhecimentos históricos com a exploração e o uso de diferentes técnicas oferecidas pelas linguagens artísticas, o que estimulou a produção de ideias. Em cada uma das atividades realizadas houve um feedback do professor Empatia com Otimismo, que se desenvolveu gradativamente ao longo dos encontros.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

A inclusão envolve um processo educacional não limitado à leitura e à escrita, mas se estende à interpretação e à construção imagética e de sons, em termos audiovisuais. Portanto, o processo de ensino e aprendizagem utilizando as artes visuais é vital para ler e compreender as informações e para a construção do conhecimento.

Diante disso, elaborou-se uma proposta de formação para professores de História do Ensino Fundamental, buscando desenvolver atividades que poderão ser vivenciadas por esses docentes e que podem ser utilizadas nas salas de aula, por não demandarem materiais caros e serem estratégias agradáveis e motivadoras para os alunos. O objetivo foi atualizar e fortalecer não só a ação, mas também a reflexão que fundamenta as práticas pedagógicas.

Em geral, formações teóricas, nas quais os professores são agentes passivos do conhecimento, não repercutem de forma direta em sua prática. Desse modo, o momento formativo foi pensado e organizado visando valorizar as atividades práticas e dialogadas, a fim de construir um continuum entre teoria e prática, pois a segunda sempre rompe com a primeira no espaço e no tempo.

Buscou-se apresentar um momento diferente daqueles que os professores aprendem para organizar o ensino, ou seja, por meio de uma infinidade de formas didáticas tradicionais no campo conceitual da pedagogia, mas que se mostram fora da realidade do cotidiano das salas de aula.

Assim, a relevância dos conteúdos, bem como os objetivos e as atividades didáticas concebidas e planejadas para este contexto educativo estão em questão, uma vez que a transferência de conhecimento teórico para a ação prática é recorrentemente objeto de uma espécie de múltiplas disparidades e vieses culturais.

Cabe ressaltar que esta proposta formativa é parte integrante de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo foi discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem para um estudante com síndrome de Down nas aulas de História. O eixo temático escolhido foi a Escravidão no Brasil, sendo o tema intercalado com um espaço para discussão e reflexão sobre a síndrome de Down e a importância de um trabalho escolar integrado para o desenvolvimento de alunos com essa síndrome.

É importante destacar que todas as atividades propostas podem ser

desenvolvidas com toda a turma, o que possibilita e contribui para uma integração ainda maior dos alunos com síndrome de Down e seus colegas.

Espera-se, dessa forma, que essa contribuição possa propiciar uma articulação entre o “saber” e o “fazer”, e qualifique a experiência em termos não tradicionais, mas de forma experimental, tornando os espaços pedagógicos mais prazerosos para alunos e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta pesquisa, buscou-se analisar as contribuições das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem de um estudante com síndrome de Down nas aulas de História. Isso porque, apesar do imaginário da sociedade em relação às pessoas com deficiência ter a tendência de ser, pensar e tratá-los como dependentes e sem capacidade de aprendizado, para esta pesquisadora, todos podem aprender, desde que sejam utilizadas estratégias de aprendizagem adequadas.

Dentro do esquema automático de representação social, devido à sua condição de pessoa com deficiência, especialmente aquelas que têm limitações intelectuais, a ideia predominante é que elas não são capazes de pensar por si mesmas ou criar nada muito valioso ou transcendente.

Entretanto, mesmo levando em consideração suas limitações, juntamente com suas capacidades, e concentrando-se em atitudes de apoio, é possível ressaltar seus pontos fortes, para que vivam as suas vidas a partir das suas singularidades.

Com base na análise das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos professores e à mãe, bem como nas anotações registradas pelo professor ao aplicar o plano proposto, pode-se concluir que, graças ao esforço da família e dos professores e oferecendo atividades diferenciadas, com o intuito de adaptar a resposta educacional às necessidades particulares do aluno, os resultados nas aulas de História foram positivos.

Constatou-se que o aluno participou de forma atenta e entusiasmada de todas as atividades propostas, demonstrando que as imagens utilizadas serviram ao propósito não somente de prender a sua atenção, mas de conduzi-lo a compreender o conteúdo trabalhado, alcançando o objetivo proposto inicialmente.

Na verdade, alunos considerados diferentes, por qualquer motivo, obrigam o professor a se atualizar, a modificar sua metodologia didática, a buscar novos caminhos pedagógicos, dos quais o hipotético "aluno normal" parece não precisar. A aceitação da diversidade constitui uma magnífica oportunidade de aperfeiçoamento de propostas educacionais nas escolas.

Por isso, de certa forma, quando um aluno com síndrome de Down ingressa em determinada turma, é como se naquele exato momento ele tivesse nascido do professor responsável. E, caso esse docente nunca tenha lecionado para outro aluno

com características semelhantes, é comum sentir-se confuso por uma situação que não previu e nunca enfrentou antes. Por isso, às vezes, os professores afirmam que nem sempre dispõem de tempo ou capacidade técnica para atender ao aluno com NEE em sua sala de aula.

Foi nesse sentido que caminhou a proposta desta pesquisa, com o objetivo de demonstrar que é possível definir modos de atuação em sala de aula aplicáveis ao conjunto dos alunos. Isso para que a criança com síndrome de Down seja incluída, o que não requer nenhuma medida diferente, exceto aquelas derivadas de seu próprio estilo de aprendizagem. Paralelamente e de forma complementar, o produto final busca dar uma resposta à lacuna na formação dos professores para atender a esses alunos, apresentando estratégias concretas de intervenção aplicáveis a todos os estudantes.

Além disso, a necessidade de professores com conhecimento e capacidade para ensinar alunos de educação especial é mais crítica hoje do que nunca. Assim, o que se espera dos professores e de um professor de História é que seja também qualificado para ensinar com eficiência a sua disciplina a crianças com necessidades especiais. No entanto, o que se percebe na prática educativa da maioria absoluta deles é uma carência de conhecimentos adequados sobre as diferentes deficiências dos alunos e suas características.

Desse modo, um dos fatores fundamentais para o sucesso da integração escolar dos alunos com síndrome de Down é a atitude do corpo docente. No entanto, somente isso não é suficiente para garantir o alcance de resultados positivos no processo educativo, devendo ser acompanhado da aplicação de medidas apropriadas para responder às necessidades educacionais específicas de estudantes com essa síndrome.

O professor também deve realizar um planejamento que contemple os fatores mais importantes que interferem na aprendizagem. Nesse sentido, tem se observado que a proposta de utilizar as artes visuais no ensino de História a um aluno com síndrome de Down tem sido, até o momento, bem receptiva, contribuindo para manter a atenção, bem como possibilitando uma compreensão melhor do conteúdo.

Como a metodologia educacional engloba o conjunto de estratégias de ensino utilizado pelo professor para transmitir o conteúdo de aprendizagem aos seus alunos, com estudantes com síndrome de Down essa forma de metodologia individualizada deve ser utilizada. Do mesmo modo que os objetivos devem ser selecionados de

forma personalizada, é fundamental individualizar a maneira de oferecer os conteúdos, para tornar eficaz o processo de ensino e aprendizagem. Isso envolve conhecer o aluno, aquela criança em particular com quem trabalhará, e analisar seus pontos fortes e fracos para obter o máximo de suas potencialidades.

Por fim, cabe destacar que, uma vez que nem todos os alunos com síndrome de Down têm as mesmas características ou o mesmo grau de afetação, cada caso deve ser analisado pelo professor e adaptado quando necessário. A finalidade é oferecer ferramentas de aprendizagem que auxiliem esses estudantes a estruturar, organizar, expandir e desenvolver seus processos mentais, bem como generalizar a aprendizagem e aplicá-la a novas situações, por meio da adaptação a diferentes formatos e metodologias.

As limitações do estudo se referem à abrangência da pesquisa, realizada somente com um estudante e de forma remota. Assim, sugere-se desenvolver outros estudos com mais alunos com síndrome de Down, envolvendo inclusive outras disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Para Entender a Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Wark, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BASSANI, C. S. A síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem. **Anhanguera Educacional**, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2012.

BERNARDI, E. M. N. **Políticas e Práticas de Inclusão de Alunos com Síndrome de Down: um Desafio no Ensino Fundamental**. 2015. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2015.

BISSOTO, M. L. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciência & Cognição**, v. 04, p.80-88, 2005.

BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

BOULOS JÚNIOR, A. **História: Sociedade & Cidadania 7º ano**. São Paulo: FTD, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Presidência da República. Brasília: Senado Federal, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

CANNON, J. The case of history: the teacher. **Illinois Schools Journal**, v. 63, n. 24, 2012.

CASTRO, S. F.; FREITAS, S. N. As representações dos professores de alunos com síndrome de Down incluídos nas classes comuns de ensino regular. In: FREITAS, S. N. (Org.). **Tendências Contemporâneas de inclusão**. Santa Maria: UFSM, 2008.

CATAFESTA, J. A. J. **Educação Escolar da Criança com Síndrome de Down**. 2013. 52 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013.

CIMA, E. M.; FRONZA, V.; DYNIEWICZ, A. M. **Inclusão e ensino de história: estratégias para alunos com síndrome de Down**. Caderno PAIC 2012-2013. Brasília: Programa de Apoio à Iniciação Científica, 2013.

COELHO, T. S. A imagem e o ensino de História em tempos visuais. **Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 188-199, 2012.

COSTA, P. **O que é a Síndrome de Down? Quais são as causas da Síndrome de Down?** 2013. Disponível em: <http://www.medicalnewstoday.com/articles/145554.php>.

Acesso em: 27 maio 2020.

CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Um olhar para as altas habilidades:** construindo caminhos. Secretaria da Educação. São Paulo: FDE, 2008.

DAINEZ, D.; SMOLKA, A. L. B. O conceito de compensação no diálogo de Vigotski com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 1093-1108, 2014.

DESSEMONTET, R. S; BLESS, G. The impact of the inclusion of children with intellectual disabilities in general education classrooms on the academic performance of their low, medium and high school peers. **Journal of Intellectual and Developmental Disability**, v. 38, n. 1, p. 23-30, 2013.

DUNAWAY, A. **Homeschooling a Child with Down Syndrome**. 2010. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/30242645/Homeschooling-Children-withDown-Syndrome>. Acesso em: 14 abr. 2020.

DUTHIE, J. The current state of history teaching. **History and Social Science Teacher**, v. 24, n. 2, p. 135-138, 2011.

EMMER, E. T; STOUGH, L. M. Classroom management: a critical part of educational psychology, with implications for teacher education. **Educational Psychologist**, v. 36, n. 2, p. 103-112, 2001.

EUROPEAN AGENCY FOR DEVELOPMENT IN SPECIAL NEEDS EDUCATION – EADSNE. **Increasing the performance of all students:** Quality in inclusive education. 2012. Disponível em: <https://www.european-agency.org/sites/default/files/RA4AL-synthesis-report.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

FABRÍCIO, N. M. C; SOUZA, V. C. B.; ZIMMERMANN, V. B. **Singularidade na Inclusão:** estratégias e resultados. São José dos Campos: Pulso, 2007.

FARRELL, M. **Dificuldades de aprendizagem moderadas, graves e profundas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, W. O conceito de diversidade no BNCC: relações de poder e interesses ocultos. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, v. 9, n. 17, p. 299-319, jul./dez. 2015.

GALVÃO FILHO, T. A. A Tecnologia Assistiva: de que se trata? In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). **Conexões:** educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Porto Alegre: Redes, 2009.

GARCIA, R; MICHELS, M. Sistema Educacional Inclusivo: conceito e implicações na Política Educacional Brasileira. **Cadernos CEDES**, v. 34, n. 93, p. 157-173, maio- ago. 2014.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. Algumas questões sobre a linguagem oral de crianças com síndrome de Down. **Comunicações**, v. 23, n. 3, p. 259-273, 2016.

GODOY, A. C. **O uso das imagens no ensino da História**. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/FEH/article/viewFile/62/5195>. Acesso em: dia mês 2020.

GRAVES, F. Explaining the story before teaching it. **The History Teacher**, v. 2, n. 5, p. 175-181, 2013.

HARTLEY, J. Essential guide to qualitative methods in organizational research. In CASSEL, C.; SYMON, G. (Eds.). **Essential guide to qualitative methods in organizational research**. London: Sage, 2004.

KLEIN, M. D; COOK, R. E; RICHARDSON-GIBBS, A. M. **Strategies to include children with special needs in early childhood settings**. Albany, New York: Delmar Learning, 2001.

LEONTIEV, A. N. et al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2007.

LIMA, A. C. D. R. **Síndrome de Down e as práticas pedagógicas**. São Paulo: Vozes, 2016.

LUIZ, F. M. R. et al . A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 14, n. 3, p. 497- 508, 2008.

MAHONEY, G; PERALES, F. **How relationship focused intervention promotes developmental learning**. 2008. Disponível em: <http://www.down-syndrome.org/reviews/2067/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARROW, A. History: a humanistic teaching approach. **Comunity College Social Science Journal**, v. 4, n. 1, p. 22-25, 2012.

MARTINHO, L. S. T. Comunicação e linguagem na Síndrome de Down. 2011. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa, 2011.

MCANDREWS, L. J. Demystifying the traditional: adventures in active learning. **The History Teacher**, v. 25, p. 35-43, 2011.

MOREIRA, A. A qualidade e o currículo da educação básica brasileira. In: PARAÍSO, M.; MOREIRA, A. **Pesquisador em currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NUSSBAUM, R. L.; MCLNNES, R. R.; WILLARD, H. F. **Thompson & Thompson genética médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

OLINTO, A. **Confúcio e o Caminho do Meio**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

OLIVEIRA, P. A. **Métodos e técnicas de ensino na disciplina de História: superando o ensino tradicional.** 2013. 55p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa:** traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012.

RAMOS, V. M. M. **Estratégias de ensino favoráveis ao desenvolvimento do aluno com síndrome de Down no ensino fundamental I.** 2015. 58f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RESENDE, A. C. B; CORDEIRO, J. P; ONOFRE, R. W. C; THIENGO, E. R. **Da autossomia para a autonomia: o sujeito Down.** (In)diferenças em questão: conversando sobre inclusão. Programa EDUCIMAT - Mestrado Profissional. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2017.

SHAPIRO, S. Forming historians to teach. **The History Teacher**, v. 25, n. 1, p. 56- 61, 2011.

SILVA, E. O. Relações entre imagens e textos no ensino de História. **Saeculum: Revista de História**, n. 22, p. 173-188, jan.-jun. 2010.

SILVA, F. G. **Inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual: o atendimento educacional especializado (AEE) em discussão.** 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

SMITH, D. D. Effective inclusive education: equipping education professionals with the necessary skills and knowledge. **Prospects**, v. 41, n. 3, p. 323-339, 2011.

STEARNS, P. N. Teaching Social History: an update. **Perspectives on History**, v. 17, n, 1, p. 1-13, 2012.

TRENTIN, F. E.; SANTOS, V. L. P. Aspectos gerais da síndrome de Down: uma visão biológica. **Cadernos da Escola de Saúde**, Curitiba, v. 1, n. 9, p. 15-31, 2013.

VICTOR, S. L; DRAGO, R; CHICON, J. F. (Orgs.). **A educação inclusiva de crianças, adolescentes, jovens e adultos: avanços e desafios.** Vitória: EDUFES, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. In: VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de Defectología.** Obras Escogidas. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da

criança anormal. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

VOIVODIC, M. A. M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

YIN, R. K. **Pesquisa, projeto e métodos de estudo de caso**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

YODER, J; WARREN, F. Early language predictors in children with and without Down syndrome. **American Journal of Mental Retardation**, v. 109, n. 4, p. 285-300, 2014.

APÊNDICE A – PROPOSTA DE FORMAÇÃO

Formação para professores de História do Ensino Fundamental



Wiviany Teixeira Borges Fontana
Edmar Reis Thiengo

Data: Fevereiro de 2020

Horário: 9h às 16h

Eixo temático: Escravidão no Brasil

Público-alvo: Professores de História



A inclusão envolve um processo educacional que não se limite à leitura e à escrita, mas que se estenda à leitura e construção de imagens e sons, em termos audiovisuais. Portanto, o processo de ensino e aprendizagem utilizando as artes visuais torna-se vital para uma leitura e compreensão das informações e para a construção do conhecimento.

Diante disso, foi organizada esta proposta de formação para professores de História do Ensino Fundamental, onde se buscou desenvolver atividades que serão vivenciadas por estes docentes e que podem ser utilizadas nas salas de aula, por não demandarem materiais caros e serem estratégias agradáveis e motivadoras para os alunos. Assim, seu objetivo é atualizar e fortalecer não só a ação, mas também a reflexão, que fundamenta as práticas pedagógicas.

A relevância dos conteúdos, bem como os objetivos e atividades didáticas concebidas e planejadas para este contexto educativo estão em questão, uma vez que a transferência de conhecimento teórico para a ação prática é recorrentemente objeto de uma espécie de múltiplas disparidades e vieses culturais.

Cabe ressaltar que esta proposta formativa é parte integrante de uma dissertação de mestrado que teve por objetivo discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem a um estudante com síndrome de Down nas aulas de História. Assim, o eixo temático escolhido foi a Escravidão no Brasil, sendo o tema intercalado com um espaço para discussão e reflexão sobre a síndrome de Down e a importância de um trabalho escolar integrado para o desenvolvimento desses alunos.

Considera-se importante destacar que todas as atividades propostas podem ser desenvolvidas com toda a turma, o que possibilita e contribui para uma integração ainda maior dos alunos com síndrome de Down.

Espera-se, dessa forma, que esta contribuição possa propiciar uma articulação entre o "saber" e o "fazer", que permite qualificar a experiência em termos não tradicionais, mas de forma experimental, tornando os espaços pedagógicos mais prazerosos para alunos e professores.

Wiviany Teixeira Borges Fontana
Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo

MANHÃ



9h – Acolhida

9:30h – Apresentação

Pendurar no centro da sala um guarda-chuva aberto. Nele, estarão pendurados os crachás, com mensagens do escritor Rubem Alves. A escolha por este autor se deve à sua sensibilidade sobre as questões da educação de todos.

Solicitar que cada professor pegue um crachá e, após todos já estarem em seus lugares, solicitar que se apresentem, leiam a frase e digam em que ou se identificam com ela.



Sugestões de frases

A saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar.

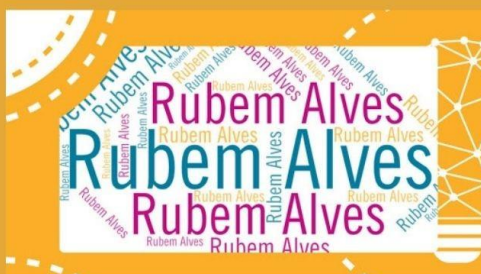
Somos donos dos nossos atos / mas não donos dos nossos sentimentos. / Somos culpados pelo que fazemos / mas não pelo que sentimos. / Podemos prometer atos, / mas não podemos prometer sentimentos. / Atos são pássaros engaiolados. / Sentimentos são pássaros em voo.

Amar é ter um pássaro pousado no dedo. / Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, / a qualquer momento, ele pode voar.

A vida não pode ser economizada para amanhã. Acontece sempre no presente.

Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas, porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.

Mas na profissão, além de amar tem de saber. E o saber leva tempo pra crescer.



Sugestões de frases

Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

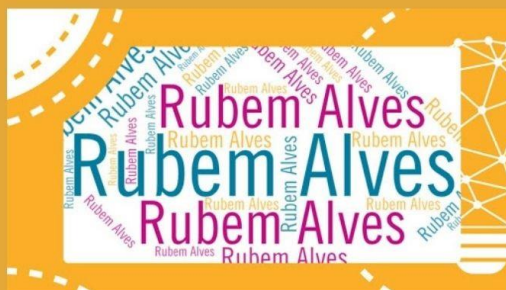
A saudade é o bolso onde a alma guarda aquilo que perdeu.

Todo mundo gostaria de se mudar para um lugar mágico. Mas são poucos os que têm coragem de tentar.

Ostra feliz não faz pérola.

Aquilo que o coração ama fica eterno.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...



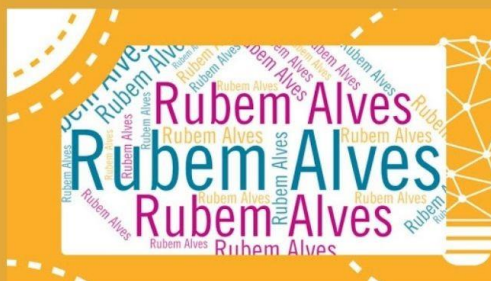
Sugestões de frases

Suspeito que nossas escolas ensinem com muita precisão a ciência de comprar as passagens e arrumar as malas. Mas tenho sérias dúvidas de que elas ensinem os alunos a arte de ver enquanto viajam.

Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: Intérpretes de sonhos.

Quando a gente ensina, a gente continua a viver na pessoa que foi ensinada!

Após todos os professores terem feito sua apresentação, o formador deverá explicar que as frases lidas são do filósofo Rubem Alves. Em seguida, deve se apresentar e explicar que o objetivo da formação é vivenciar algumas atividades de história utilizando as artes visuais, por entender que estas são especialmente benéficas aos estudantes com Síndrome de Down, mas que são igualmente atrativas para todos os alunos.



10h - Dinâmica das imagens

Solicitar aos professores que se sentem e retirem uma imagem que está colada embaixo de suas cadeiras.

Obs: Anteriormente, o formador deve ter colado embaixo de cada cadeira uma imagem de brasileiros desconhecidos (recortadas de jornais, revistas, internet, etc.) com características físicas diferentes (cor dos olhos, da pele, tipos diferentes de cabelo, etc.) e deixar que os professores observem. É interessante que se escolham imagens de pessoas negras, loiras, morenas, de todos os biótipos.

Em seguida, solicitar que cada um imagine qual a nacionalidade da pessoa e explique o porquê de ter considerado daquela forma. Após todos terem socializado o que imaginaram, o formador deve explicar que todos são brasileiros, mas que nosso povo, devido à miscigenação, possui características físicas diversas.



10:30 - Exibição de vídeo

Após a discussão sobre a miscigenação, convidar os professores a assistirem o vídeo “Os africanos”, disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s&ab_channel=Enraizando.



10:40 – Leitura imagética

Após a exibição do vídeo, propõe-se uma leitura de imagem, com o objetivo de estimular a observação, a reflexão e um olhar crítico.

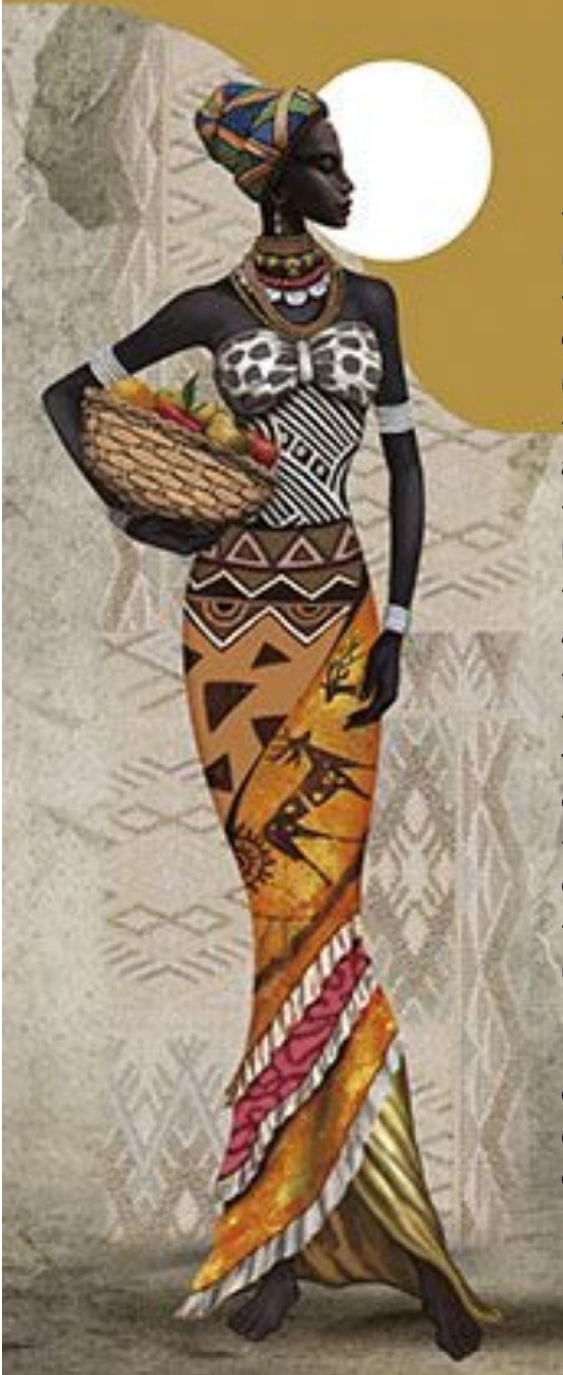
Para tanto, o formador deve entregar a cada professor uma frase relativa à aula. Em seguida, pedir que a turma faça uma linha do tempo, colocando em sequência, em um varal, a frase que receberam.

Dependendo do número de professores, a atividade pode ser feita em duplas.



Alguns exemplos de frases

(o formador pode inserir outras, de acordo com o tamanho da turma).



- Até recentemente, a história da África era reduzida à Antiguidade e aos egípcios.
- Os africanos viviam em pequenos reinos, cercados por uma rica fauna, flora, savanas, montanhas, o mar e o deserto.
- Os africanos dominavam técnicas de agricultura, metalurgia e mineração.
- Os africanos evitavam guerras, estreitando laços através do casamento.
- Com a exploração europeia da costa da África...
- Os nativos começaram a ser capturados.
- O comércio humano atingiu grandes proporções devido à necessidade de mão de obra nas novas terras.
- O Brasil recebeu cerca de 40% de todos os escravos africanos.
- Muitos acabavam morrendo na travessia marítima e tinham seus corpos jogados ao mar.

Quando todas as frases já tiverem sido colocadas no varal, o formador deve pedir que observem e vejam se a linha do tempo está correta.

11:30 – Reflexão sobre a síndrome de Down

Neste momento, o formador deverá falar um pouco sobre a síndrome de Down, esclarecendo que esta formação foi planejada como produto final de uma dissertação de mestrado que buscou discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem a um estudante com síndrome de Down nas aulas de História.

Em seguida, o formador deve dividir a turma em duplas ou trios, de acordo com o número de professores, de modo a formar 10 grupos. Distribuir uma das tarjetas abaixo para cada equipe e pedir que leiam e discutam sobre o pequeno texto, que faz parte das **“10 coisas que todo mundo precisa saber sobre a síndrome de Down”**.

Após a leitura e a discussão, cada grupo deve socializar com os demais o que foi conversado.

Para essa atividade, o formador deve preparar anteriormente um cartaz grande, que contenha somente o título referido acima e, após a apresentação de cada grupo, as tarjetas devem ser coladas no referido cartaz.



Síndrome de Down não é doença

A síndrome de Down ocorre quando, ao invés da pessoa nascer com duas cópias do cromossomo 21, ela nasce com 3 cópias, ou seja, um cromossomo número 21 a mais em todas as células. Isso é uma ocorrência genética e não uma doença. Por isso, não é correto dizer que a síndrome de Down é uma doença ou que uma pessoa que tem síndrome de Down é doente.

Pessoas com síndrome de Down não são todas iguais

Apesar de indivíduos com síndrome de Down terem algumas semelhanças entre si, como olhos amendoados, baixo tônus muscular e deficiência intelectual, não são todos iguais. Por isso, devemos evitar mencioná-los como um grupo único e uniforme. Todas as pessoas, inclusive as pessoas com síndrome de Down, têm características únicas, tanto genéticas, herdadas de seus familiares, quanto culturais, sociais e educacionais.

Pessoas com síndrome de Down têm deficiência intelectual

Deficiência intelectual não é o mesmo que deficiência mental. Por isso, não é apropriado usar o termo "deficiência mental" para se referir às pessoas com síndrome de Down. Deficiência mental é um comprometimento de ordem psicológica.

A pessoa é um indivíduo, ela não é a deficiência

A pessoa vem sempre em primeiro lugar. Ter uma deficiência não é o que caracteriza o indivíduo. Por isso, é importante dizer quem é a pessoa para depois citar a deficiência. Por exemplo: o funcionário com síndrome de Down, o aluno com autismo, a professora cega, e assim por diante.

Direito constitucional à inclusão e à cidadania

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência foi aprovada no Brasil, em 2008, como norma constitucional. Ela diz que cabe ao Estado e a sociedade buscar formas de garantir os direitos de todas as pessoas com deficiência em igualdade de condições com os demais. A Convenção é uma importante ferramenta de acesso à cidadania e precisa ser mais difundida entre as próprias pessoas com deficiência, juristas e a população em geral.

As pessoas com síndrome de Down, não são portadoras de Síndrome de Down

Uma pessoa pode portar (carregar ou trazer) uma carteira, um guarda-chuva ou até um vírus, mas não pode portar uma deficiência. A deficiência é uma característica inerente a pessoa, não é algo que se pode deixar em casa. Diante disso o termo "portador" tanto para síndrome de Down quanto para outras deficiências caiu em desuso. O mais adequado é dizer que a pessoa tem deficiência.

Pessoas com síndrome de Down têm opinião

As pessoas com síndrome de Down estudam, trabalham e convivem com todos. Esses indivíduos têm opinião e podem se expressar sobre assuntos que lhes dizem respeito. Em caso de entrevistas, procure falar com as próprias pessoas com deficiência, não apenas com familiares, acompanhantes ou especialistas.

De perto, ninguém é normal

No mundo não existem "os normais" e "os anormais". Todos são seres humanos de igual valor, com características diversas. Se precisar, use os termos pessoa sem deficiência e pessoa com deficiência.

Pessoas com síndrome de Down não devem ser tratadas como coitadinhas

Ter uma deficiência é viver com algumas limitações. Isso não significa que pessoas com deficiência são "coitadinhas". Pessoas com síndrome de Down se divertem, estudam, passeiam, trabalham, namoram e se tornam adultos como todo mundo. Nascer com uma deficiência não é uma tragédia, nem uma desgraça, é apenas uma das características da pessoa.

A terminologia é importante

Referir-se de forma adequada a pessoas ou grupo de pessoas é importante para enfrentar preconceitos, estereótipos e promover igualdade.

Após as apresentações, os professores serão dispensados para o almoço, devendo retornar às 13h.

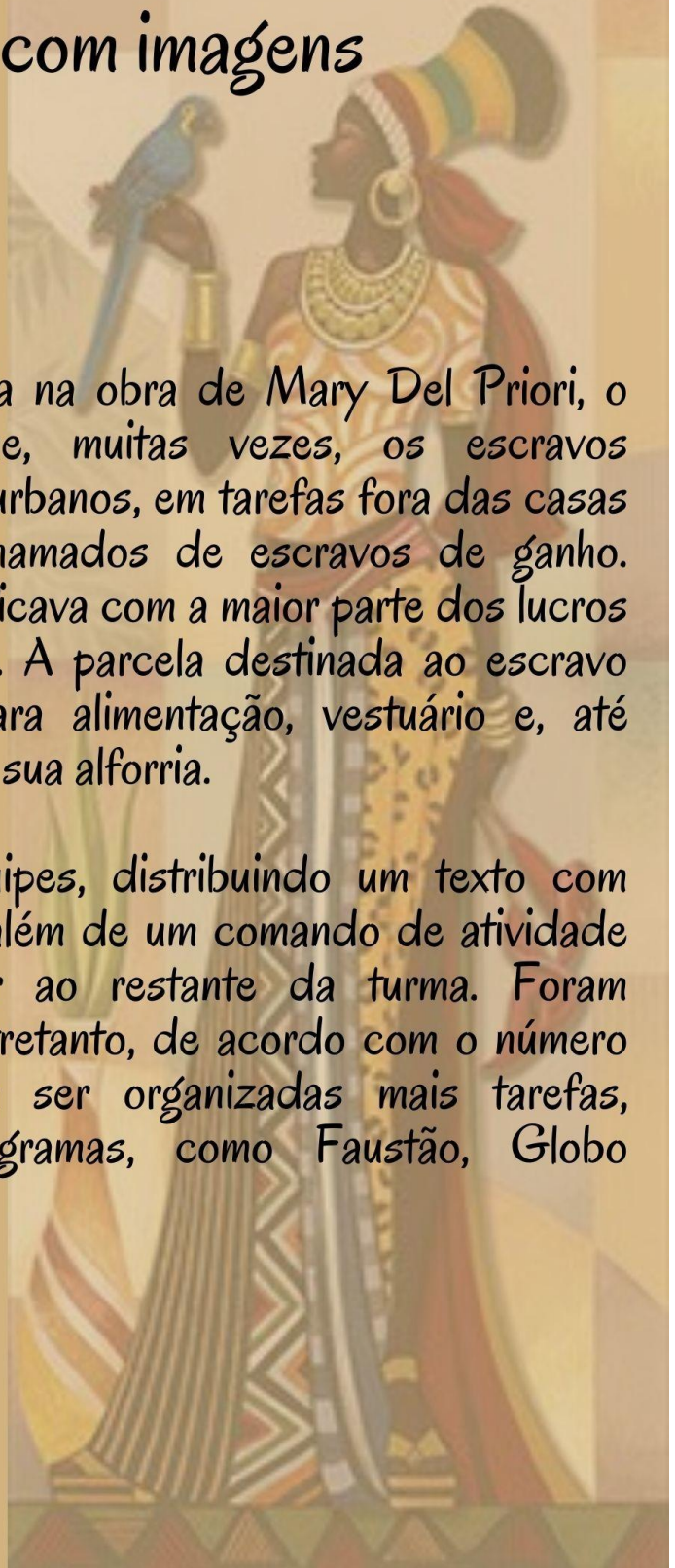
TARDE



13h – Atividade com imagens

Nesta atividade, baseada na obra de Mary Del Priori, o objetivo é mostrar que, muitas vezes, os escravos trabalhavam nos centros urbanos, em tarefas fora das casas dos senhores, sendo chamados de escravos de ganho. Geralmente, o seu dono ficava com a maior parte dos lucros obtidos ao longo do dia. A parcela destinada ao escravo poderia ser utilizada para alimentação, vestuário e, até mesmo, para a compra de sua alforria.

Dividir a turma em equipes, distribuindo um texto com imagem para cada uma, além de um comando de atividade que deverão apresentar ao restante da turma. Foram montadas 4 equipes, entretanto, de acordo com o número de professores, podem ser organizadas mais tarefas, envolvendo outros programas, como Faustão, Globo Repórter, etc.



EQUIPE I

Serviços domésticos, como a lavagem das roupas, que costumava ser feita fora dos domicílios, nos mesmos locais das fontes ou nas beiras dos rios.

Muitas escravas também atuavam como prostitutas, amantes e concubinas, e muitas delas, não exerciam sua atividade na casa do senhor, e trabalhavam como prostitutas.

Os donos de escravos selecionavam as mais novas e atraentes para a prostituição das mesmas, e desta forma, conseguir lucros.

As escravas que exerciam a prostituição possuíam maior "liberdade", podendo depois de cumprirem a jornada de trabalho imposta pelo seu senhor ou atingir a quantia pré-fixada por ele, trabalhar para ganhar dinheiro para si mesmo.

Era comum na época esse tipo de exploração das mulheres escravas, e podia-se ver nos jornais da época que circulavam pela cidade, os anúncios colocados pelos proprietários das mesmas, oferecendo-as para ir até casa de rapazes solteiros.

Os trabalhos relacionados a alimentos também eram representados majoritariamente por mulheres escravas.

Cozinhavam e executavam receitas nas residências, e nas ruas vendiam alimentos naturais e preparados por elas mesmas.



A equipe deverá apresentar o texto acima na forma do programa de televisão/apresentador:

Jornal Nacional.

EQUIPE 2

Os escravos de ganho também estiveram presentes nas atividades relacionadas à navegação.

Na Baía de Guanabara, alguns deles trabalhavam como remadores, e até mesmo, a partir da década de 1840, como marinheiros e pilotos de meios de transporte aquáticos que levavam cargas e passageiros.

Os remadores e barqueiros geralmente trabalhavam diretamente para seus senhores, nas embarcações pertencentes aos mesmos, mas uma parte deles utilizava embarcações de outras pessoas mediante pagamento.

Poucos escravos contavam com suas próprias embarcações, como pequenos botes ou canoas, e mesmo assim, também entregavam aos seus senhores grande parte do que conseguiam com seu trabalho durante o dia ou pela semana.

Outros escravos de ganho que também puderam se dedicar ao trabalho no mar eram os pescadores.

Eles costumavam desembarcar o fruto do seu trabalho, ou seja, sua pesca nas diversas praias da cidade ou na praia próxima ao Mercado do Peixe.



A equipe deverá apresentar o texto acima na forma do programa de televisão/apresentador:

Ratinho

EQUIPE 3

Existiram também os escravos de ganho que se dedicaram à caça de animais. Atuavam nas florestas de Santa Teresa, Corcovado e Tijuca.

Caçavam os animais que pudessem ter sua carne aproveitada como alimento, e vendiam-na à população.

Tatus e lagartos, por exemplo, eram valorizados e os escravos conseguiam vender por um bom preço.

Outros escravos caçadores auxiliavam o trabalho de naturalistas estrangeiros, principalmente europeus.

Caçavam animais para as coleções de história natural desses pesquisadores.

Algumas coleções eram vendidas, principalmente a viajantes estrangeiros.

Inclusive, o sucesso das expedições organizadas por esses naturalistas, a fim de ampliar o conhecimento científico da época, deve-se, em boa parte, ao auxílio dos escravos, junto a indígenas e pessoas residentes das comunidades locais.



Discovery of Rat Turney.

A equipe deverá apresentar o texto acima na forma do programa de televisão/apresentador:

Silvio Santos

EQUIPE 4

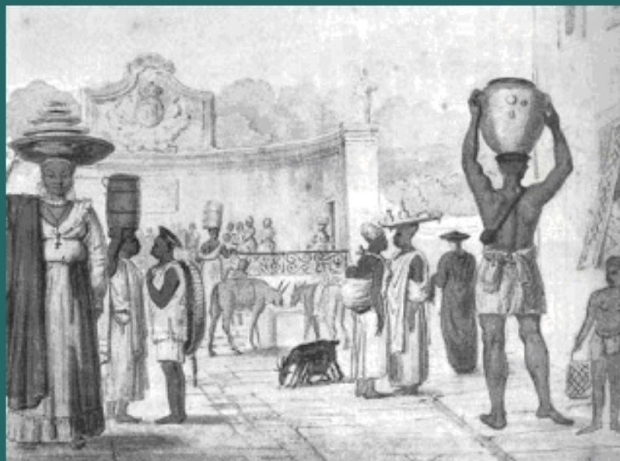
O saneamento e os hábitos de higiene na cidade eram precários. O Rio de Janeiro só teve uma rede de esgotos a partir da década de 1860, e que mesmo assim, não atendia às necessidades de toda a população, pois só beneficiou alguns poucos bairros nobres da cidade.

Neste ambiente, o papel dos escravos de ganho era muito importante, pois muitos deles, cotidianamente, iam às fontes e chafarizes, logo ao nascer do sol, em busca de água limpa. Transportavam grandes recipientes – geralmente apoiados em suas cabeças, podendo ter como destino a casa de seus senhores ou de terceiros, para lucro de seus donos.

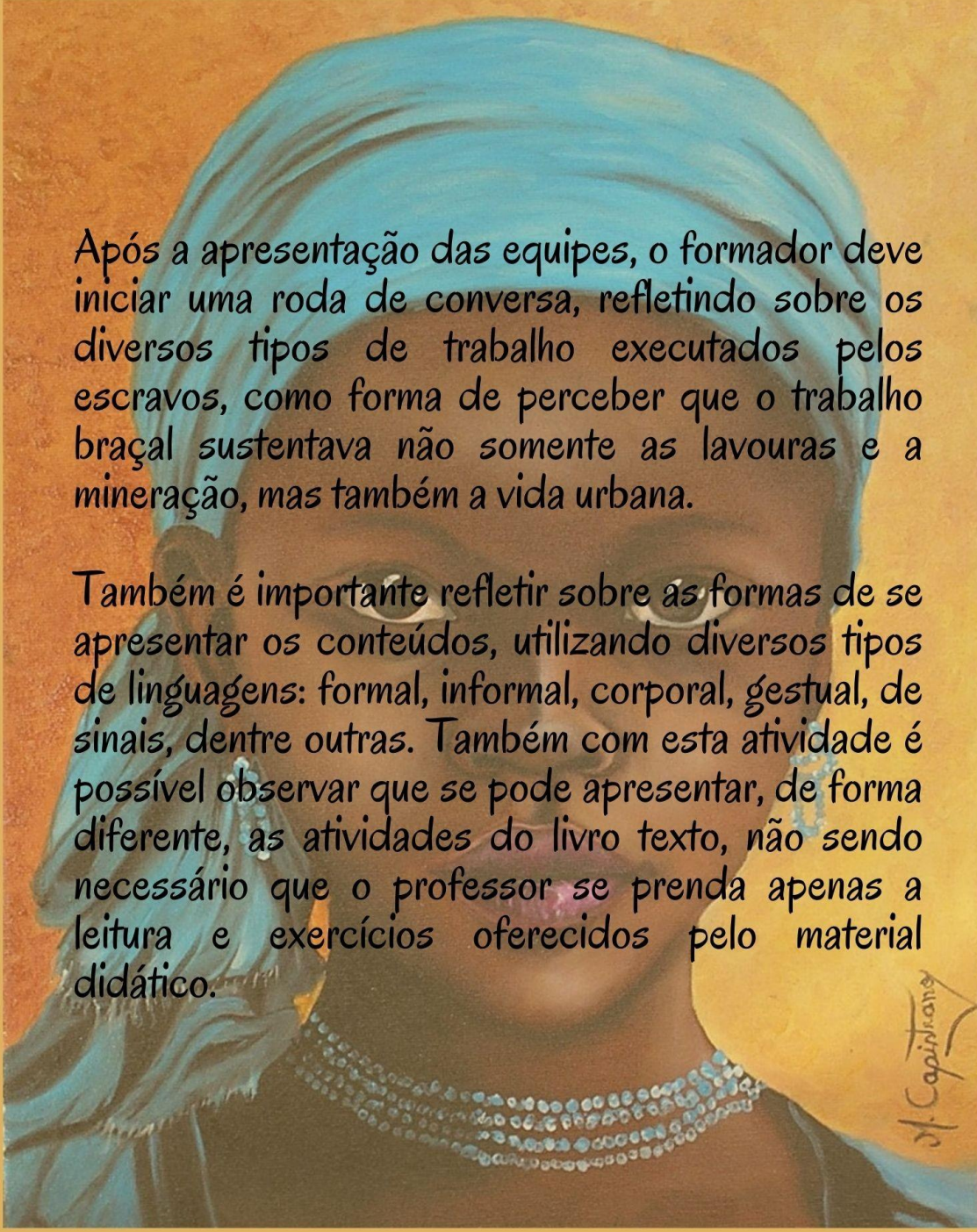
Ao entardecer, era tarefa dos escravos, conhecidos como “tigres” transportar para as praias, valas ou lugares afastados vasos com excrementos recolhidos nas casas. Era a atividade considerada mais degradante exercida pelo escravo de ganho. Ficaram conhecidos assim como “tigres”, porque, enquanto levavam os tonéis cheios de dejetos humanos, parte destes escorria pela pele do escravo, e amônia a uréia presentes no conteúdo que transportavam deixavam listras brancas sobre as costas dos negros.

A equipe deverá apresentar o texto acima na forma do programa de televisão/apresentador:

Ana Maria Braga



13:30h - Roda de Conversa



Após a apresentação das equipes, o formador deve iniciar uma roda de conversa, refletindo sobre os diversos tipos de trabalho executados pelos escravos, como forma de perceber que o trabalho braçal sustentava não somente as lavouras e a mineração, mas também a vida urbana.

Também é importante refletir sobre as formas de se apresentar os conteúdos, utilizando diversos tipos de linguagens: formal, informal, corporal, gestual, de sinais, dentre outras. Também com esta atividade é possível observar que se pode apresentar, de forma diferente, as atividades do livro texto, não sendo necessário que o professor se prenda apenas a leitura e exercícios oferecidos pelo material didático.

14:00 – Atividade de relacionamento

O formador deve dividir a turma de professores em 4 equipes. Cada uma receberá uma fábula e um comando de atividade.

Este momento tem como propósito sensibilizar os professores para o trabalho em sala de aula, que envolve a todos os alunos, mas de forma especial ao aluno com deficiência.

O formador deverá disponibilizar papéis coloridos, tesouras, colas, pinceis atômicos, TNT, EVA e outros materiais disponíveis para que os professores possam caracterizar seus personagens para a apresentação.

Ao final das apresentações, destacar a importância das falas das fábulas, permeadas com muito afeto, sem o qual o trabalho torna-se muito mais penoso.

A Ratoeira

Um rato, olhando pelo buraco na parede, vê o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo no tipo de comida que poderia haver ali. Ao descobrir que era uma ratoeira ficou aterrorizado. Correu ao pátio da fazenda advertindo a todos:

- Há uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!

A galinha disse:

- Desculpe-me, Sr. Rato. Eu entendo que isso seja um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada, não me incomoda.

O rato foi até o porco e lhe disse:

- Há uma ratoeira na casa, uma ratoeira!

- Desculpe-me, Sr. Rato, disse o porco, mas não há nada que eu possa fazer a não ser rezar. Fique tranqüilo que o senhor será lembrado nas minhas preces.

O rato dirigiu-se então à vaca. Ela lhe disse:

- O que, Sr. Rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

Então o rato voltou para casa, cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro. Naquela noite ouviu-se um barulho, como o de uma ratoeira pegando sua vítima. A mulher do fazendeiro correu para ver o que teria acontecido. No escuro ela não viu que a ratoeira havia pego a cauda de uma cobra venenosa. E a cobra picou a mulher.

O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital mas ela voltou com febre.

Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre nada melhor que uma canja de galinha. O fazendeiro pegou seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal. Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la.

Para alimentá-los o fazendeiro matou o porco. A mulher não melhorou e acabou morrendo. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro então sacrificou a vaca, para alimentar todo aquele povo.

Na próxima vez que você ouvir dizer que alguém está diante de um problema e acreditar que o problema não lhe diz respeito, lembre-se que, quando há uma ratoeira na casa, toda fazenda corre risco.

Nas relações interpessoais, é necessária uma busca constante por um melhor entendimento afetivo (afetividade). Ao analisarmos esta fábula, é possível observar que esta passa uma mensagem sobre a importância da atenção, que nos remete ao ditado que "O problema do outro também é meu". Sendo assim, o grupo deve mostrar sua habilidade em trabalhar atentamente e em conjunto, dramatizando esta fábula para a turma.

O PIQUENIQUE DAS TARTARUGAS

A família de tartarugas decidiu sair para um piquenique, e por serem naturalmente lentas, levaram alguns dias para prepararem-se para seu passeio. Finalmente a família de tartarugas saiu de casa para procurar um lugar apropriado, e durante o segundo dia da viagem encontraram o lugar ideal!

Elas levaram algumas horas para limpar a área, desembalaram a cesta de piquenique e terminaram os arranjos. Quando elas estavam prontas pra comer, descobriram que tinham esquecido o sal. Poxa, todas concordaram que um piquenique sem sal seria um desastre, e após uma longa discussão, a tartaruga mais nova foi escolhida para voltar em casa e pegar o sal, pois era a mais rápida das tartarugas.

A pequena tartaruga lamentou, chorou, e esperneou, mas concordou em ir com uma condição: que ninguém comeria até que ela retornasse. A família concordou e a pequena tartaruga então saiu para buscar o sal.

Três dias se passaram e a pequena tartaruga ainda não havia retornado. Cinco dias... Seis dias... Então, no sétimo dia, a tartaruga mais velha, que já não agüentava de tanta fome, anunciou que ia comer, e começou a desembalar um sanduíche.

Quando ela deu a primeira "dentada" no sanduíche, a pequena tartaruga saiu detrás de uma árvore e gritou:

– Ahhããããã! Eu tinha certeza que vocês não iam me esperar. Agora é que eu não vou mesmo buscar o sal!

No trabalho em equipe, e também em nossas vidas, muitas vezes as coisas acontecem mais ou menos desse jeito. Desperdiçamos muito tempo esperando que as pessoas vivam à altura de nossas expectativas, que deixamos de fazer a nossa parte; de fazer o que se espera de nós.

Se os outros não estão fazendo a parte que lhes compete, em vez de deixar-se influenciar por esta situação, escolha fazer o melhor, decida fazer a sua parte com excelência, porque dessa maneira você é quem influenciará as pessoas, ajudando a tornar o ambiente de trabalho melhor a cada dia.

Nas relações interpessoais, é necessária uma busca constante por um melhor entendimento afetivo (afetividade). Ao analisarmos esta fábula, é possível observar que esta passa uma mensagem sobre a importância do planejamento, que nos remete ao ditado "O planejamento evita o esquecimento". Sendo assim, o grupo deve mostrar sua habilidade em planejar, dramatizando esta fábula para a turma.

O POTE QUEBRADO

Um jovem carregador de água sempre levava dois potes pendurados em cada ponta de uma vara.

Um dos potes tinha uma rachadura pequena, enquanto o outro estava inteiro e sempre chegava completo de água no fim da longa jornada entre o poço e a casa do patrão do carregador.

O pote rachado sempre chegava apenas com a metade da carga de água. Assim foi por dois anos, diariamente, o carregador entregando um pote e meio de água na casa de seu chefe.

Claro, o pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. Porém, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição e sentindo-se miserável por apenas ser capaz de realizar metade do que lhe era designado fazer.

Depois de algum tempo, o pote rachado disse ao o homem, à beira do poço:

- Estou envergonhado, quero pedir-lhe desculpas.

- Por quê? – perguntou o homem – De que você está envergonhado?

- Nesses dois anos só fui capaz de entregar metade da minha carga, porque essa rachadura no meu lado faz com que boa parte da água vaze pelo caminho da casa de seu senhor. Por causa do meu defeito, mesmo tendo todo esse trabalho, você não ganha o salário completo pelos seus esforços.

O homem apenas acenou com a cabeça. No caminho para a casa de seu senhor, o homem disse ao pote:

- Você notou como existem flores no seu lado do caminho? Notou que, dia a dia, enquanto voltávamos do poço, era você quem as regava? Por dois anos pude colher essas flores para ornamentar a mesa do meu senhor. Se você não fosse do jeito que é, ele não poderia ter tanta beleza para dar graça a sua casa.

Uma das habilidades mais importantes de um Líder é a capacidade de perceber e desenvolver o potencial das pessoas. Todos nós temos limitações em determinadas áreas, em contrapartida somos muito bons em várias outras. Precisamos compreender que não existe “saber mais” ou “sabe menos”, o que existem são “saberes diferentes”.

Nas relações interpessoais, é necessária uma constante busca por um melhor entendimento afetivo (afetividade). Ao analisarmos esta fábula, é possível observar que esta passa uma mensagem sobre a importância do encorajamento, que nos remete ao ditado que “Cada um tem seu valor”. Sendo assim, o grupo deve mostrar sua habilidade em encorajar o trabalho do colega, dramatizando esta fábula para a turma.

FÁBULA DO LENHADOR

Certa vez, um velho lenhador, conhecido por sempre vencer os torneios que participava, foi desafiado por um outro lenhador jovem e forte para uma disputa. A competição chamou a atenção de todos os moradores da localidade. Muitos acreditavam que finalmente o velho perderia a condição de campeão dos lenhadores, em função da grande vantagem física do jovem desafiante.

No dia marcado, os dois competidores começaram a disputa, na qual o jovem se entregou com grande energia e convicto de que seria o novo campeão. De tempos em tempos olhava para o velho e, às vezes, percebia que ele estava sentado. Pensou que o adversário estava velho demais para a disputa, e continuou cortando lenha com todo vigor.

Ao final do prazo estipulado para a competição, foram medir a produtividade dos dois lenhadores e pasmem! O velho vencera novamente, por larga margem, aquele jovem e forte lenhador. Intrigado, o moço questionou o velho:

- Não entendo, muitas das vezes quando eu olhei para o senhor, durante a competição, notei que estava sentado, descansando, e, no entanto, conseguiu cortar muito mais lenha do que eu, como pode!! - Engano seu! Disse o velho. Quando você me via sentado, na verdade, eu estava amolando meu machado. E percebi que você usava muita força e obtinha pouco resultado.

Amolar o machado significa trabalhar motivado e bem humorado. Comunicar-se de maneira adequada, e desenvolver um relacionamento interpessoal com todos. Assim, "se quiser bons resultados, afie bem o seu machado primeiro".

Nas relações interpessoais, é necessária uma constante busca por um melhor entendimento afetivo (afetividade). Ao analisarmos esta fábula, é possível observar que esta passa uma mensagem sobre a importância do encorajamento, que nos remete ao ditado que "Cada um tem seu valor". Sendo assim, o grupo deve mostrar sua habilidade em encorajar o trabalho do colega, dramatizando esta fábula para a turma.

15h – Dominó

Nesta atividade, o formador deverá distribuir uma folha para cada professor, contendo uma peça de dominó. De posse da peça inicial, o formador irá colocá-la no chão e pedir que aquele que possuir aquela que dá continuação vá dispondendo, até que todas as peças estejam encaixadas, como nos jogos de dominó. O exemplo seguir possui 13 peças, com informações diversas sobre a África, entretanto, os professores podem utilizar esta atividade com qualquer tema, a fim de reforçar um conteúdo já abordado, como forma de reforçar a aprendizagem.





Continente de onde o Brasil herdou grande parte da sua cultura



Eleito presidente da África do Sul, em 1994

Saara



Considerado o maior deserto do planeta



Savanas Paisagem característica da África

Uma das razões da pobreza



Processo de descolonização

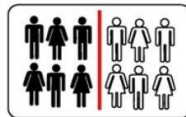


Riquezas da África



Banham a costa leste e oeste do continente africano

APARTHEID



Política de segregação racial

AFRIKANERS



Descendentes de
ingleses e
holandeses



Países onde se
fala o português



País com a
economia mais
estruturada do
continente

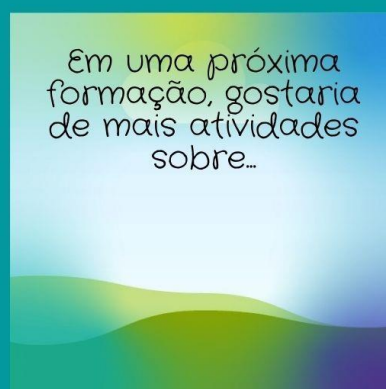


Países
colonizadores



15:30 – Avaliação do encontro

O formador deve preparar anteriormente 4 cartazes e, neste momento, colocá-los em um lugar visível, distribuindo 4 tarjetas em branco para cada professor e solicitando que completem as frases contidas nos cartazes e as cole nos mesmos.



15:40h – Encerramento: Dinâmica do creme



Pedir que os professores formem um círculo. O formador deve colocar um pouquinho de creme na ponta do dedo de cada um e pedir que espalhem por toda a mão. Mostrar como uma gota no dedo pode contagiar toda a mão.

O formador deve dizer aos professores que somos motivadores, que podemos contagiar nossos alunos de forma positiva ou negativa, por isso a importância do afeto e do prazer que cada um de nós deve buscar naquilo que fazemos, sempre acreditando nas potencialidades dos alunos, independente de suas deficiências.

Ao final, dizer que, da mesma forma que essa gota, espera ter contagiado a cada um com a formação e que ela representa a vontade de estar com todos e auxiliá-los em sua caminhada no ensino de história.

As grandes mudanças da história realizaram-se quando a realidade foi vista não a partir do centro, mas da periferia. É uma questão hermenêutica: compreende-se a realidade apenas quando se olha da periferia, e não quando o nosso olhar se coloca num centro equidistante de tudo.

Papa Francisco



APÊNDICE B: ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA DE HISTÓRIA E À PROFESSORA AUXILIAR

1. Qual foi sua reação ao ser informada que teria um aluno com Necessidades Educativas Especiais?
2. O que você faz para promover a participação do estudante com síndrome de Down nas aulas?
3. Qual o seu grau de comprometimento e de preparação para lecionar para um estudante com Necessidades Educacionais Especiais, especialmente, os indivíduos com síndrome de Down?
4. Qual sua opinião sobre a inclusão das crianças com síndrome de Down em aulas específicas da disciplina de História?
5. Exemplifique uma metodologia e um conteúdo de História utilizado por você que possa promover a inclusão do aluno com síndrome de Down nas aulas.
6. O que você pensa do uso das TICs e do uso das artes visuais em sala de aula como recurso para potencializar o processo de aprendizagem dos alunos?
7. Você disponibiliza, ou utiliza algum tipo de recurso tecnológico em suas aulas como forma de auxiliar o processo de aprendizagem dos alunos em História?

APÊNDICE C: ENTREVISTA APLICADA À MÃE

1. A criança sob sua responsabilidade já frequentou uma escola especializada para alunos com necessidades educacionais especiais? Qual?
2. Quais as maiores dificuldades encontradas por você ao chegar à escola com seu filho?
3. A criança gosta de frequentar a escola?
4. Com qual disciplina a criança melhor se identifica para realizar as tarefas escolares?
5. Como é o relacionamento do seu filho com os colegas da escola?
6. Você já presenciou alguma situação constrangedora de discriminação com seu filho no ambiente escolar?
7. No decorrer das aulas, seu filho possui um profissional especializado trabalhando em parceria com o professor regente?
8. Destaque uma atividade feita por seu filho na aula de História que merece importância em sua memória:
9. O que você faz para que seu filho seja incluído e não excluído no ambiente escolar por apresentar a síndrome de Down?
10. Você acredita que na escola em que seu filho estuda acontece de fato a inclusão dele e de outros alunos com Necessidades Educacionais Especiais?

APÊNDICE D: PLANO DE AULA

Disciplina: História

Conteúdo: A escravidão no Brasil e seus legados.

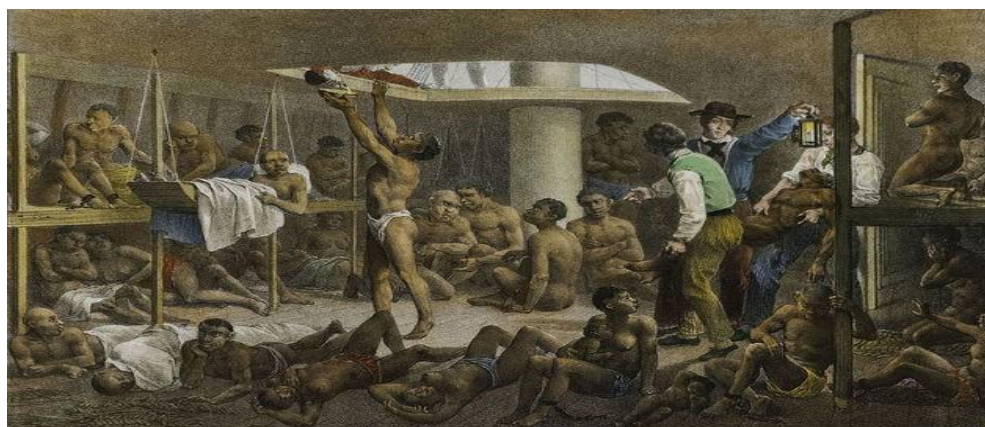
Habilidade: EF08HI20 – Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas

Metodologia:

1. **1ª etapa:** Aula dialogada por meio de imagens diversificadas, destacando a chegada dos escravos no Brasil, alguns personagens da escravidão, o modo de vida e a exploração do trabalho escravo, as formas de resistência, os costumes, a libertação, o pós-libertação, o racismo e a desigualdade social:



Fonte: Boulos Júnior (2012).



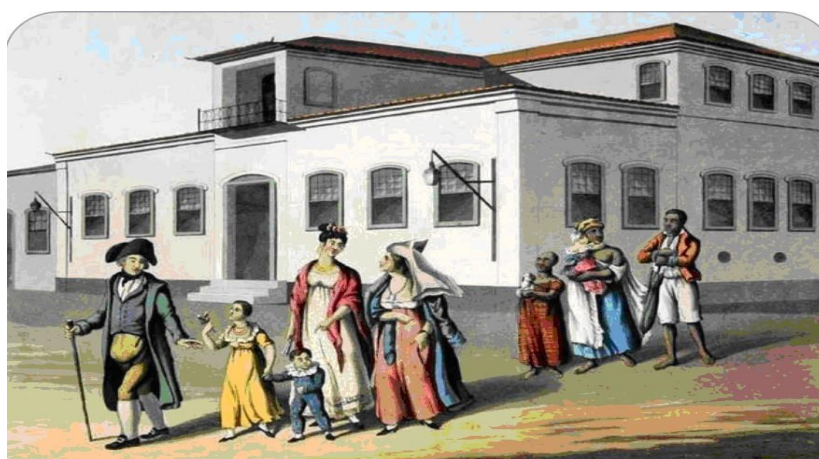
Fonte: Boulos Júnior (2012).



Fonte: Boulos Júnior (2012).

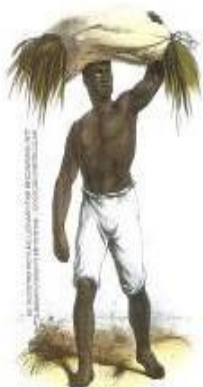


Fonte: Boulos Júnior (2012).



Fonte: Boulos Júnior (2012).

O funcionamento dos engenhos dependia quase que exclusivamente do trabalho escravo



Escravo carregando feixe de cana-de-açúcar, século XIX. Gravura publicada na obra *The Voyage of Abel Dupetit Thouars*.



Rugendas – Engenho de açúcar. Séc. XIX.

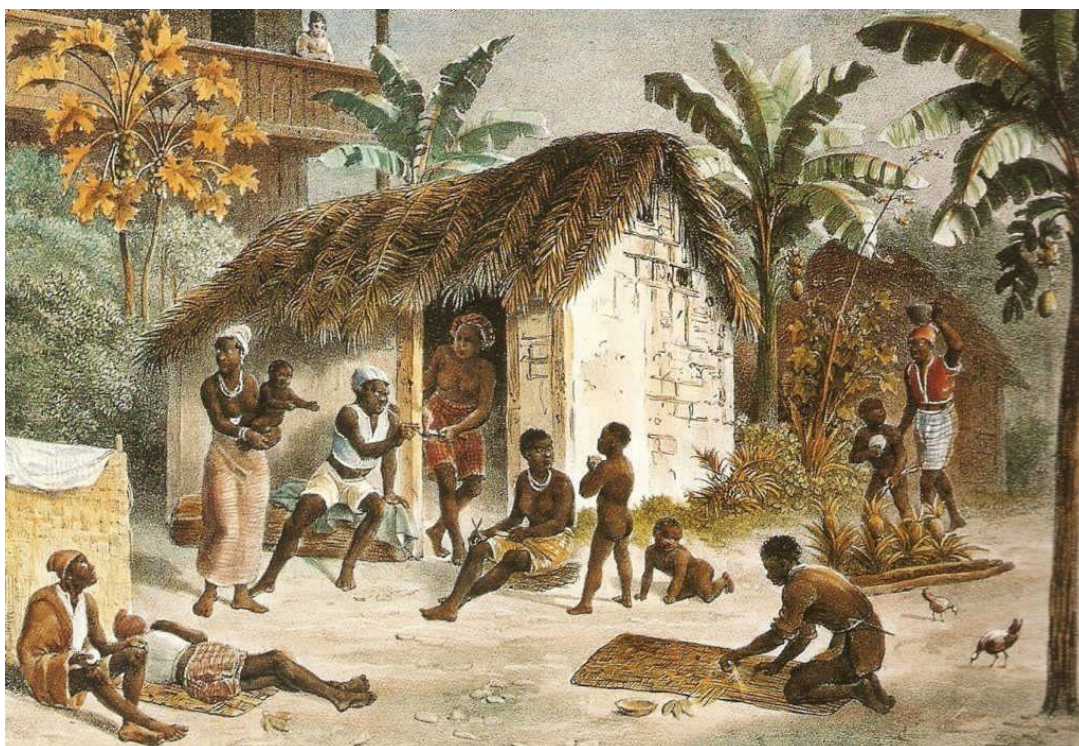


Foto: Reprodução <https://www.todoestudo.com.br/historia/escravidao-no-brasil>



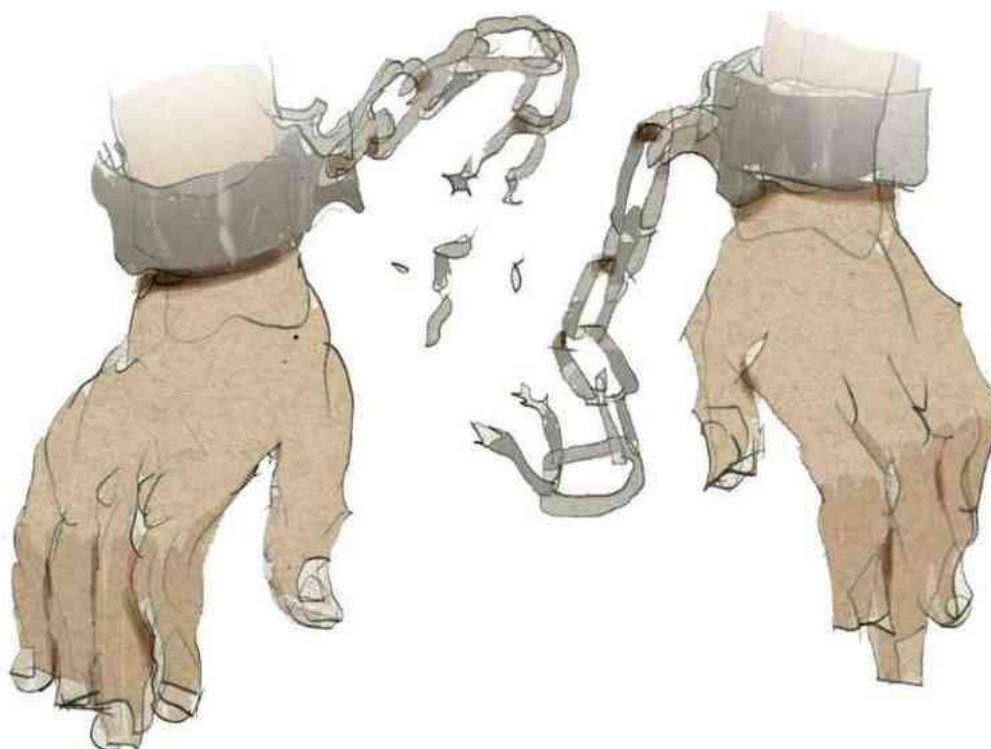
Fonte: <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/>



Fonte: <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/>



Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-real-interesse-por-tras-da-libertacao-dos-escravos>



Fonte:
<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/abolicao130anos/2018/05/11/abolicao130anos,95>



Fonte: <http://universodahistoria.blogspot.com/2010/02/escravidao-e-liberdade-no-seio-da.html>



Fonte: <https://www.clacso.org>



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/racismo/>



Fonte: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/O-combate-ao-racismo-passa-pela-escola>

Dados do Ministério do Trabalho revelam que, atualmente, há 609 nomes de empregadores flagrados na prática de submeter trabalhadores a condições análogas às de escravo.



Fonte: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/457333-trabalho-escravo-atividade>



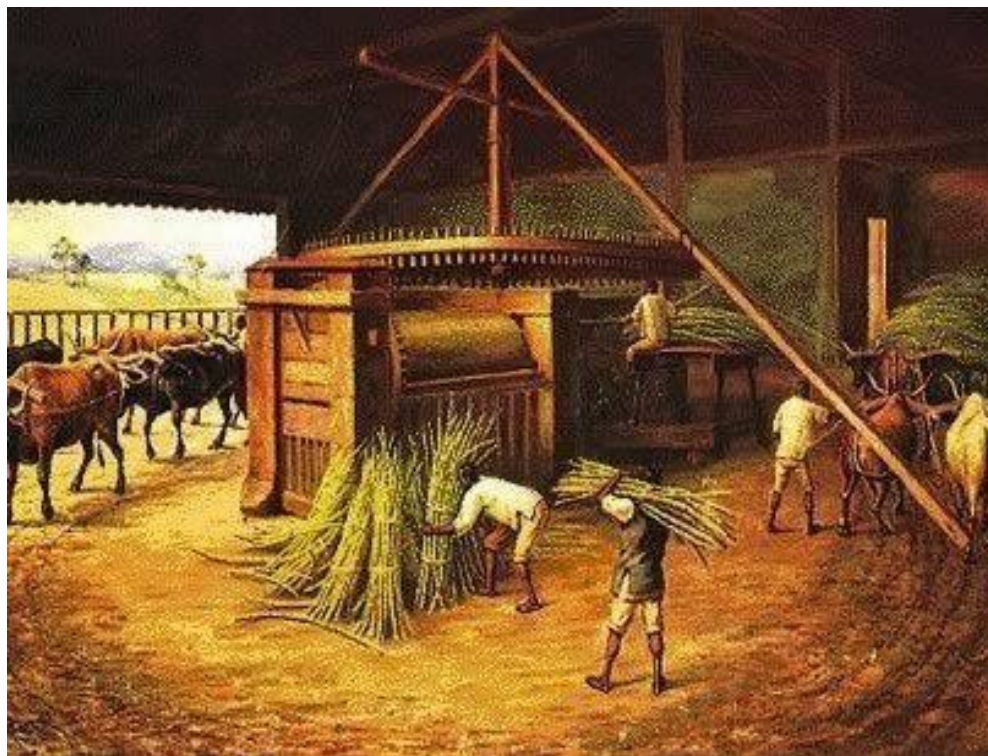
<http://fnttaa.org.br/website/mais/noticias/899-o-combate-ao-trabalho-escravo-em-declinio-no-brasil>



Fonte: <https://www.notibras.com/site/industria-textil-e-agropecuaria-abusam-com-o-trabalho-escravo/>



Fonte: <https://www.notibras.com/site/industria-textil-e-agropecuaria-abusam-com-o-trabalho-escravo/>



Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/economia-colonial-do-brasil-acucar-ouro-e-escravidao/>



Fonte: <http://www.hiroshibogea.com.br/wp-content/uploads/CASA-GRANDE-E-SENZALA.jpg>



Fonte: <https://martaiansen.blogspot.com/2016/04/criancas-escravizadas-no-brasil.html>

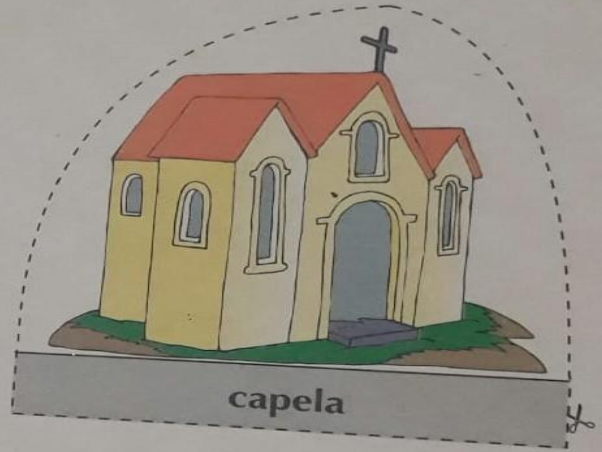
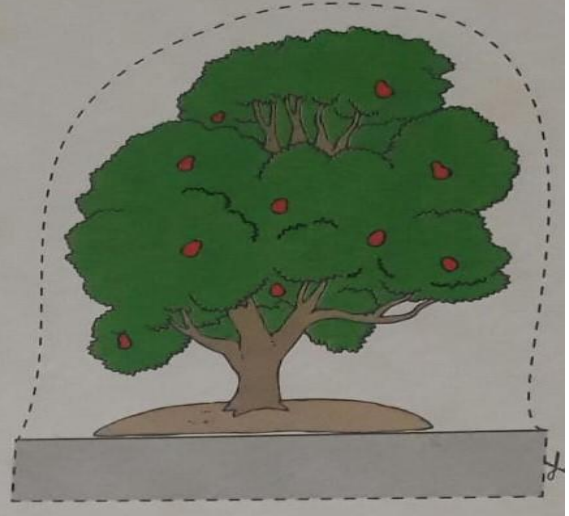
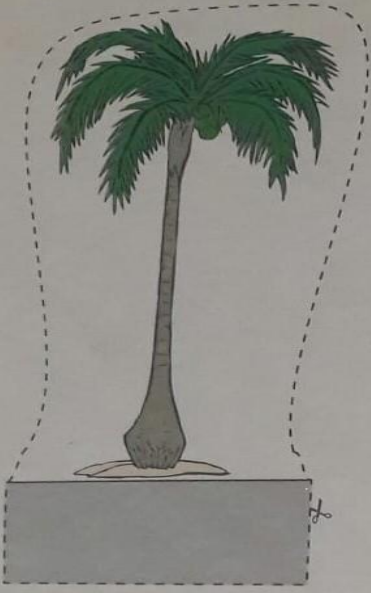


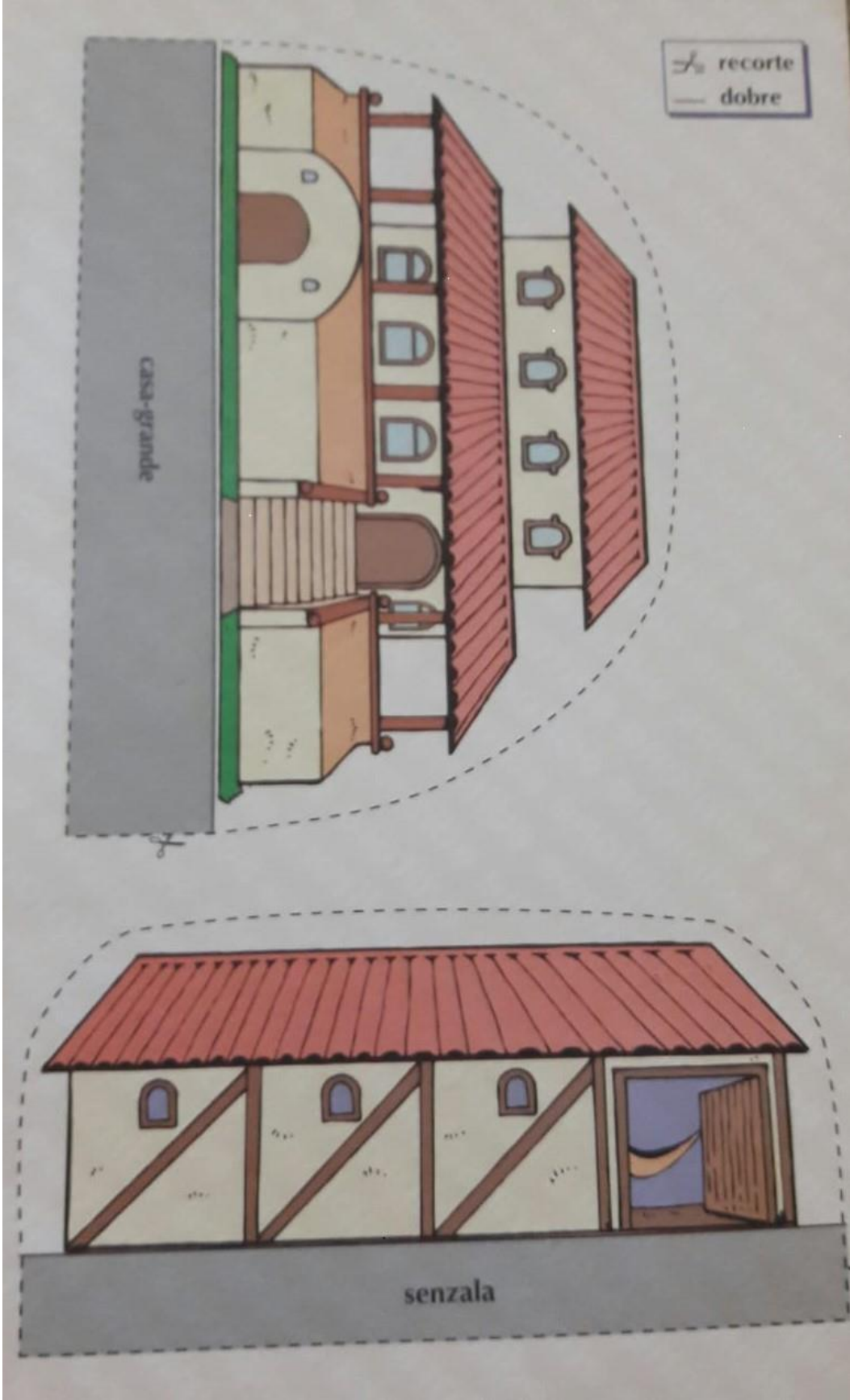
Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-20-anos-numero-de-diaristas-cresceu/>

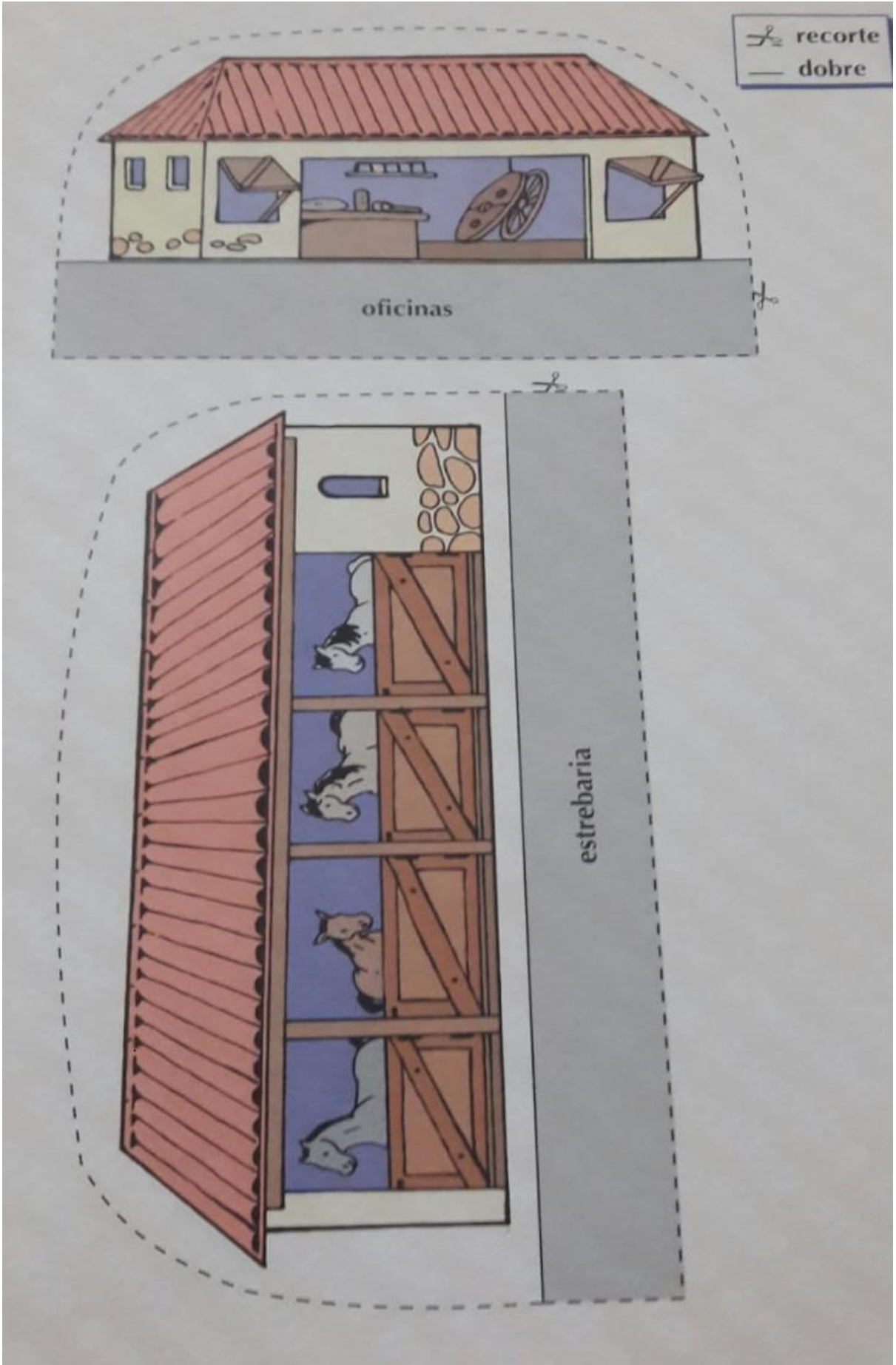


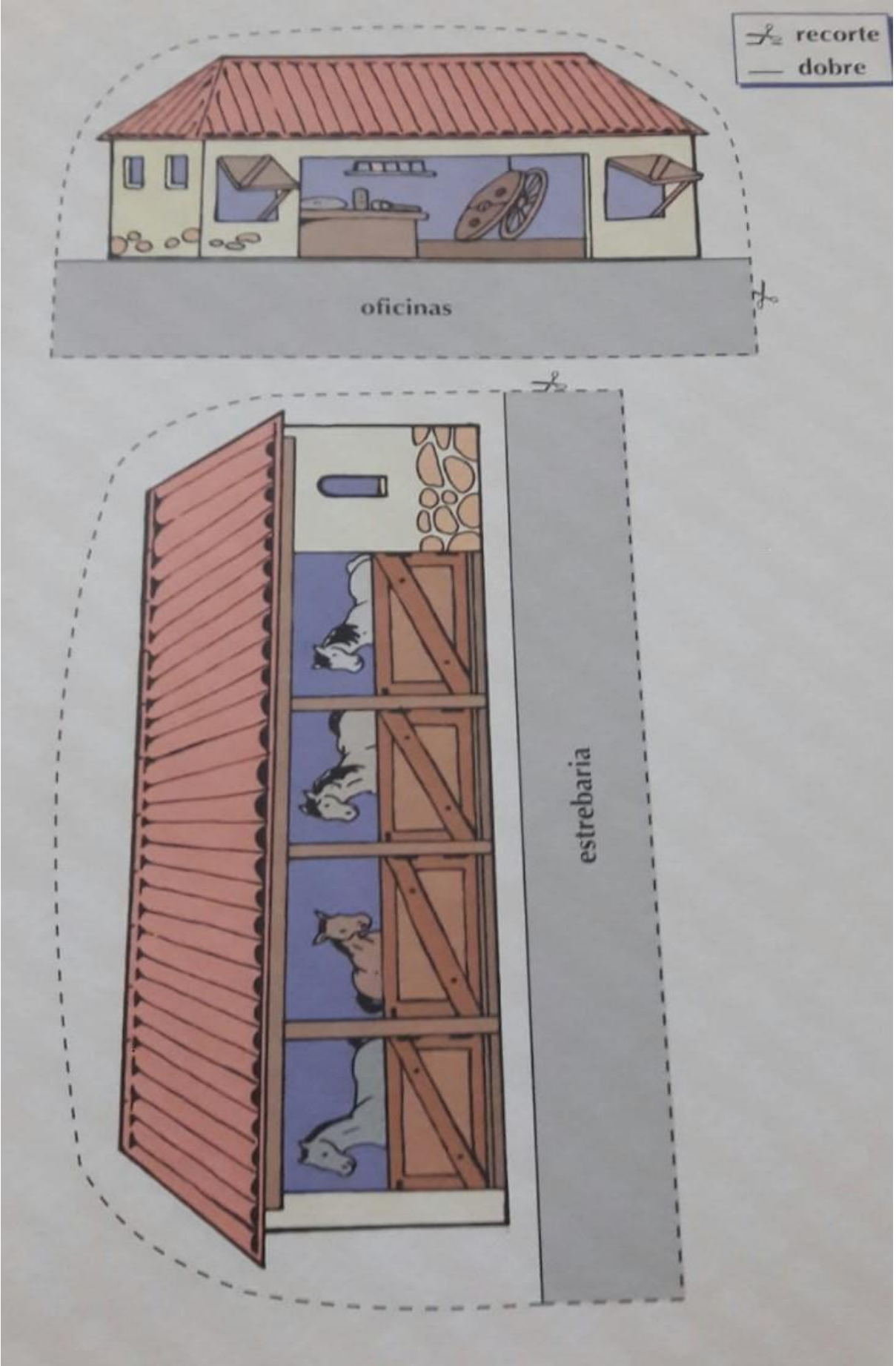
Fonte: <https://jogodavidaweb.wordpress.com/2017/02/24/castigos-publicos-de-escravos/>

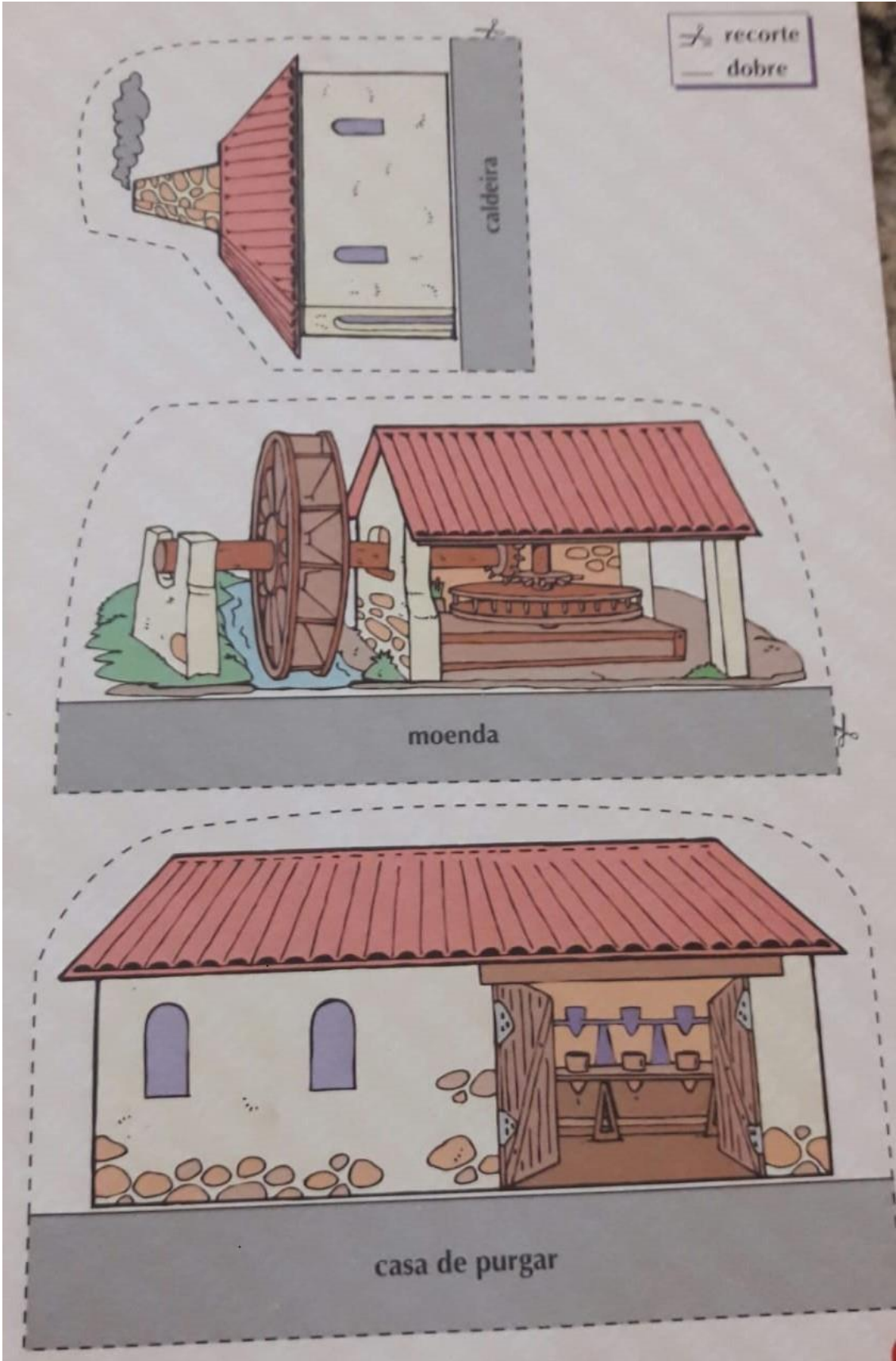
- 2 **2ª etapa:** Confecção e exposição de maquete: “O trabalho escravo no engenho”. Distribuir figuras xerografadas do “Meu caderno de Maquetes”, 4ª série, História e Geografia, da Editora Scipione, com as principais instalações e construções de um engenho por meio do trabalho escravo, sobre a cartolina, para que os alunos possam pintá-las e docorá-las como quiserem, usando sua criatividade e, em seguida, contextualiza-las com as imagens expostas na aula dialogada.

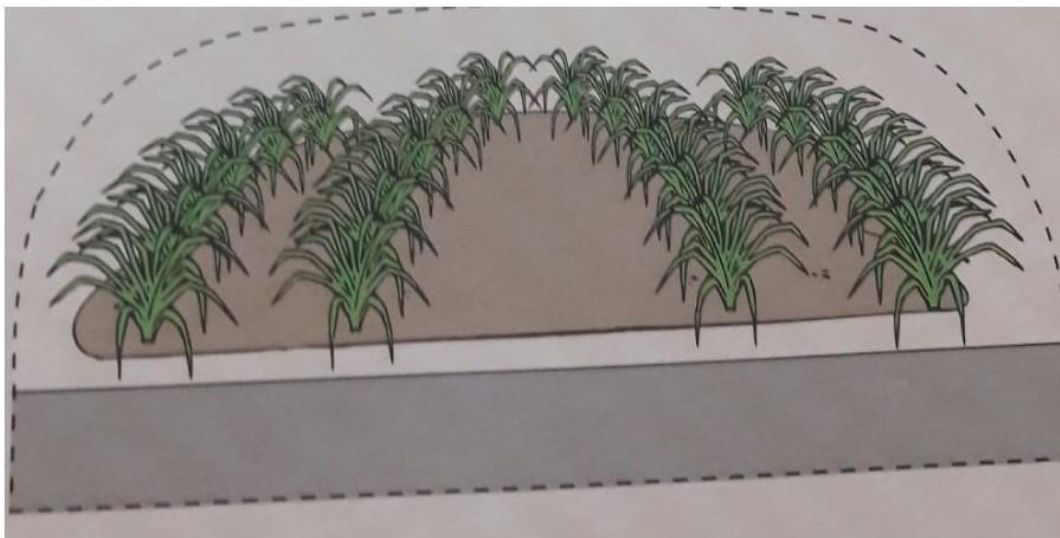












3. **3ª etapa:** Apresentação de slides com informações escritas e visuais da obra artística de Johann Moritz Rugendas, de 1835.

UM PINTOR E DESENHISTA ALEMÃO, JOHANN MORITZ RUGENTAS, ESTEVE NO BRASIL ENTRE 1821 E 1825 E, DEPOIS, EM 1845 E 1848. REGISTROU EM SEUS TRABALHOS OS COSTUMES (INDÍGENAS, PORTUGUESES E AFRICANOS) E A NATUREZA (ANIMAIS E PLANTAS) DO BRASIL NO SÉCULO XIX. NA GRAVURA A SEGUIR, RUGENTAS REPRESENTOU UM GRUPO DE INDIVÍDUOS NEGROS PRATICANDO, AO SOM DO TAMBOR, A CAPOEIRA.

Ao fundo da cena é possível avistar uma igreja e um casarão.



Dois escravos praticando movimentos básicos da capoeira na rua.

4. **4ª etapa:** Bate-papo direcionado a imagem de Rugendas, oportunizando a expressão oral de todos os educandos;
5. **5ª etapa:** Estudo em grupo: A turma será dividida em cinco grupos distintos (vocabulário, culinária, cultura, desigualdade social e racismo) para realizar uma pesquisa bibliográfica seguida de registros escritos e visuais no caderno de história;
6. **6ª etapa:** Socialização da pesquisa: os alunos organizarão uma exposição de objetos e de informações para caracterizar a pesquisa que desenvolveram sobre a temática em estudo;
7. **7ª etapa:** Resolução de atividades.

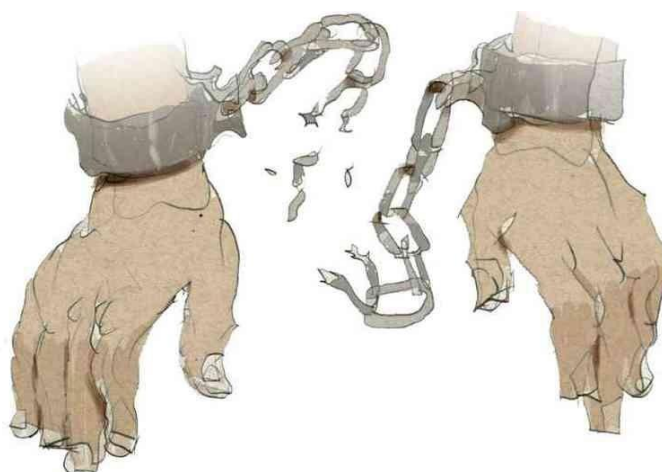
1. Relacione as fichas com as imagens sobre os fatos históricos da abolição dos escravos:

OS ESCRAVOS TRABALHAVAM NA LAVOURA.

CAPOEIRA E SAMBA SÃO DANÇAS TRAZIDAS PELOS NEGROS.

A PRINCESA ISABEL ASSINOU A LEI ÁUREA NO DIA 13 DE MAIO DE 1888.

A VINDA DOS NEGROS AFRICANOS PARA O BRASIL NOS NAVIOS
NEGREIROS.



Fonte: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/abolicao130anos/2018/05/11/noticia-abolicao>



Fonte: <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/>

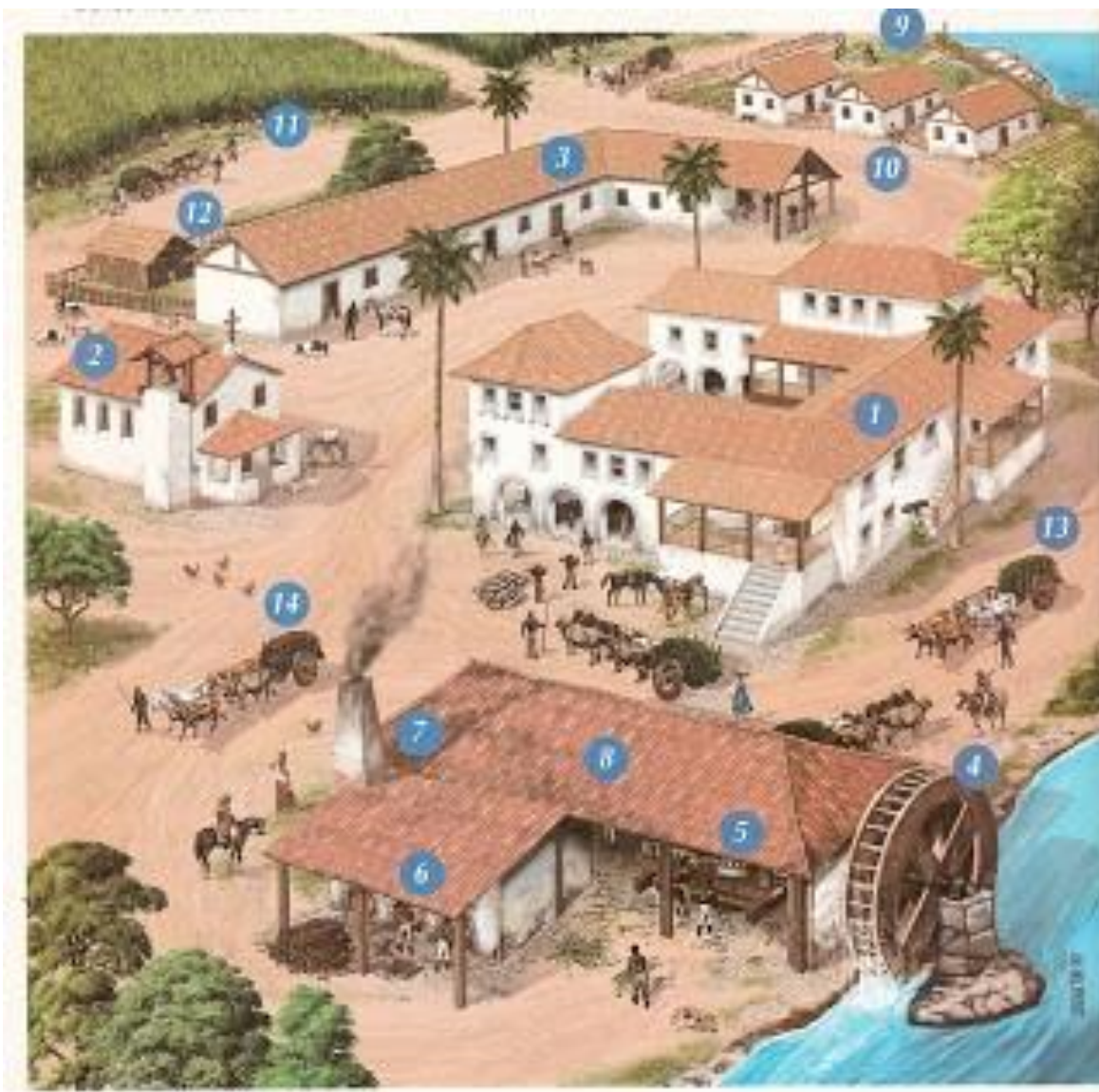


Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/em-imagens-o-horror-do-navio-negreiro>



Fonte: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/457333-trabalho-escravo-atividade>

Observe a imagem abaixo, recorte as fichas e cole-as no lugar correto:



CASA-GRANDE

CAPELA

SENZALA

ROÇA

MORADIA DOS TRABALHADORES
LIVRES

CASA DE PURGAR

COZIMENTO DO CALDO

FORNALHA

MOENDA

RODA D'ÁGUA

CANAVIAL

ROÇA DOS ESCRAVOS

TRANSPORTE DE CANA

TRANSPORTE DE LENHA PARA A
FORNALHA

2. As imagens a seguir descrevem toda jornada vivida por um africano no Brasil. Escreva um título para cada uma das imagens com base em seus conhecimentos:



3. Observe atentamente as imagens a seguir, que foram produzidas entre fins do século XVIII e início dos XIX por viajantes estrangeiros que passaram pelo Brasil em um momento em que a escravidão ainda vigorava. Baseado nas imagens e em seus conhecimentos, relacione-as aos acontecimentos:

(1)

(2)



(3)



(4)



- () A prática da capoeira.
- () O trabalho na Casa-Grande.
- () A vida no navio negreiro.
- () Os castigos.

4. Observe a pintura.



Engenho de Itamaracá, de Francis Post, para mapa de Gaspar Barlaeu, 1647.

1. Qual era o produto fabricado nos engenhos?

2. O trabalho nos engenhos era realizado por negros escravos ou por negros livres?

6. Leia as informações abaixo:

Os **ESCRAVOS** constituíam a maioria da população de um latifúndio e realizavam todos os tipos de tarefas nos canaviais, nos **ENGENHOS**, na **LAVOURA** e na **CASA-GRANDE**.

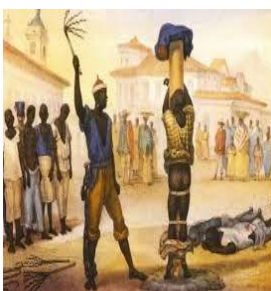
Trabalhavam de 15 a 18 horas diárias, sob vigilância do feitor. Tinham vida útil de aproximadamente 10 anos.

A escravidão esteve sempre presente associada à violência, pois essa era a única maneira de motivar um trabalho obrigatório.

Os **CASTIGOS** tinham, assim, dupla finalidade: incentivar a produção e impedir rebeliões e fugas.

A intensidade da punição dependia da falta cometida pelo escravo, sendo que os castigos mais severos eram aplicados para servir de exemplo e impedir novas “rebeldias”.

Encontre na tabela a seguir as imagens em destaque no texto anterior:



Escravo carregando feixe de cana-de-açúcar, século XIX. Gravura publicada na obra The Voyage of Abel Dupetit Thouars.



7. Leia e escute com atenção a letra de uma música do compositor, cantor e rapper Criolo, lançada no ano de 2018. Em seguida, responda às questões.

Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 Nossos ancestrais lutaram pela liberdade
 Contra tudo e contra todos
 O negro nunca foi covarde
 Fugiu das senzalas

Refugiou-se nos quilombos
Conquistou a liberdade
Mas em busca da igualdade
Ainda sofre alguns tombos
Povo guerreiro
Bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
Povo guerreiro
Bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
No pós-liberdade
O negro foi marginalizado
Teve a alma aprisionada
Com as algemas da desigualdade
Hoje refugiado em favelas
Onde a vida tem suas mazelas
Combate a miséria, o preconceito e a adversidade
A igualdade e o respeito
Mais do que anseios
Também são necessidades
Povo guerreiro
Bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
Povo guerreiro
Bate tambor Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
No pós-liberdade
O negro foi marginalizado
Teve a alma aprisionada
Com as algemas da desigualdade
Hoje refugiado em favelas
Onde a vida tem suas mazelas
Combate a miséria, o preconceito e a adversidade
A igualdade e o respeito
Mais do que anseios
Também são necessidades
Povo guerreiro
Bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
Povo guerreiro
Bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou
Povo guerreiro
Bate tambor

Comemora a liberdade
Mas a igualdade não
chegou Povo
guerreiro
Bate tambor
Comemora a
liberdade
Mas a igualdade não chegou oh
oh oh oh oh oh oh, oh oh oh oh

(CRIOLO. Povo Guerreiro. Por RABELLO, Ricardo e BORGES Willian, Oloko Records, 2018).

a) Agora é sua vez de se tornar um grande ilustrador. Usando sua criatividade crítica e artística, construa uma imagem para caracterizar a música “Povo Guerreiro” do compositor Criolo.

8. Para tentar minimizar a herança de exclusão social que tanto a escravidão quanto o pós-abolição legaram aos negros e afrodescentes no Brasil, o governo tem criado políticas públicas com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes em nossa sociedade, acumuladas ao longo de muitos anos. Reconhecendo a igualdade entre os seres humanos, complete a imagem a seguir:



9. Complete as palavras a seguir com as letras que faltam:

L B R D D

R C S M

D S G A D D

10. 8ª etapa: Correção das atividades para verificar o desempenho dos alunos na temática estudada.

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PROFESSORES

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) “Ensino de História a uma criança com síndrome de Down: uma experiência utilizando as Artes Visuais”, conduzida por Wiviany Teixeira Borges Fontana. Este estudo tem por objetivo geral discutir as contribuições ao utilizar as artes visuais no processo de ensino e aprendizagem com um estudante com síndrome de Down nas aulas de História, e como objetivos específicos: Identificar diferentes estratégias de ensino de História que utilizem artes visuais; verificar o envolvimento do estudante com síndrome de Down nas aulas de História ao utilizar as artes visuais; descrever a apropriação de conceitos relativos de História do Brasil por um aluno com síndrome de Down ao utilizar as artes visuais; produzir um portfólio com as produções iconográficas do estudante.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista, com duração estimada de uma hora, realizada pela pesquisadora. A referida entrevista será gravada e posteriormente transcrita, a fim de apreender melhor as falas. Não serão utilizados recursos de imagem, como gravação de vídeo.

Você foi selecionado(a) por ser professor de uma turma que atende a um estudante com síndrome de Down, que fará parte desta pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Segundo a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Esta pesquisa não apresenta risco direto. Indiretamente, pode-se ter o risco de constrangimento para responder aos questionários. Uma forma de minimizar esses potenciais riscos é fazendo uma abordagem qualificada, uma explicação detalhada acerca do assunto, respeitando as individualidades de cada participante e preservando a privacidade do mesmo. Espera-se, com esta pesquisa, favorecer o enriquecimento teórico e auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis nos conteúdos de história para alunos com síndrome de Down, tendo em vista a carência de pesquisas neste seguimento.

A participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O(s) pesquisador(es) responsável(eis) se compromete(m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III. 2.0, IV. 4.c, V.3, V.5 e V.6, da Resolução nº 466/12.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação

direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo tem duas vias de igual teor, sendo que uma ficará com o pesquisando e a outra com o pesquisador.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: Data: ___/___/___

(ou seu representante)

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Wiviany Teixeira Borges Fontana, via e-mail: wivianyborges@yahoo.com.br ou telefone: (28) 99966-5893.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415 FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Wiviany Teixeira Borges Fontana
ENDEREÇO: Presidente Kennedy-ES

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO RESPONSÁVEL LEGAL

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) “Ensino de história a uma criança com síndrome de Down: uma experiência utilizando as Artes Visuais”, conduzida por Wiviany Teixeira Borges Fontana. Este estudo tem por objetivo geral discutir as contribuições ao utilizar as artes visuais no processo de ensino e aprendizagem com um estudante com síndrome de Down nas aulas de História, e como objetivos específicos: identificar diferentes estratégias de ensino de História que utilizem artes visuais; verificar o envolvimento do estudante com síndrome de Down nas aulas de História ao utilizar as artes visuais; descrever a apropriação de conceitos relativos de História do Brasil por um aluno com síndrome de Down ao utilizar as artes visuais; produzir um portfólio com as produções iconográficas do estudante.

A participação do menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável nesta pesquisa consistirá em realizar atividades da disciplina de História, que deverão ocorrer em sua própria residência, três vezes na semana, pelo período de uma hora cada, no período de 1º de setembro a 30 de outubro, sendo necessário seu auxílio durante as atividades. Poderão ser utilizados meios eletrônicos de áudio e vídeo para registrar o desenvolvimento do seu filho durante a realização das atividades.

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável foi selecionado para participar da presente pesquisa por ter síndrome de Down e estar matriculado no ensino regular da rede municipal. A participação do menor não é obrigatória. A qualquer momento, ele poderá desistir de participar e você poderá retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Segundo a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Nesta pesquisa, os riscos estão associados à possibilidade de estigmatização, violação da privacidade, interferência na vida e na rotina do pesquisado, que serão minimizados com uma visão atenta da pesquisadora aos sinais verbais e não verbais de desconforto, e a garantia da proteção das informações, a fim de evitar a estigmatização e garantir que o estudo será suspenso imediatamente, caso se perceba algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa relacionado a ela, não previsto no termo de consentimento.

Espera-se, com esta pesquisa, favorecer o enriquecimento teórico e auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis nos conteúdos de História para alunos com síndrome de Down, tendo em vista a carência de pesquisas nesse seguimento.

A participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O(s) pesquisador(es) responsável se compromete(m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito Os dados obtidos por meio

desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O(s) pesquisador(es) responsável(eis) se compromete(m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde que o menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável participe desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da participação direta (ou indireta) do menor de idade pelo qual sou responsável na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, autorizar a participação do menor de idade pelo qual sou responsável a participar deste estudo. Estou consciente que ele pode deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____ Telefone: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

(responsável legal)

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador:

(ou seu representante) Data: ____/____/____

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Wiviany Teixeira Borges Fontana, via e-mail: wivianyborges@yahoo.com.br ou telefone: (28) 99966-5893.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415 FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Wiviany Teixeira Borges Fontana
ENDEREÇO: Presidente Kennedy-ES

ANEXO C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Ensino de história a uma criança com síndrome de Down: uma experiência utilizando as Artes Visuais”, que tem como objetivo primário (geral) e secundário (específicos) discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem a um estudante com síndrome de Down nas aulas de História, e como objetivos específicos: identificar diferentes estratégias de ensino de história que utilizem artes visuais; verificar o envolvimento do estudante com síndrome de Down nas aulas de História ao utilizar as artes visuais; descrever a apropriação de conceitos relativos de História do Brasil por um aluno com síndrome de Down ao utilizar as artes visuais; produzir um portfólio com as produções iconográficas do estudante.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a busca por novas metodologias que tornem o ensino mais prazeroso para estudantes com síndrome de Down.

Para este estudo, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): serão enviadas atividades relacionadas à história do Brasil, com a utilização das artes visuais.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE). Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta os seguintes riscos e benefícios para você: Segundo a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Nesta pesquisa, os riscos estão associados à possibilidade de estigmatização, violação da privacidade, interferência na vida e na rotina do pesquisado, que serão minimizados com uma visão atenta da pesquisadora aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantia da proteção das informações, a fim de evitar a estigmatização e garantir que o estudo será suspenso imediatamente, caso se perceba algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, relacionado a ela, não previsto no termo de consentimento.

Em caso de algum desconforto ou mal estar, os responsáveis pelo estudo encaminharão o participante para o serviço de atendimento médico mais próximo do local de realização da pesquisa.

Espera-se, com esta pesquisa, favorecer o enriquecimento teórico e auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis nos conteúdos de história para alunos com síndrome de Down, tendo em vista a carência de pesquisas neste seguimento.

Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0, IV.4.c, V.3, V.5 e V.6, da Resolução nº 466/12.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos através da queima dos materiais recolhidos e gravados. Este Termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e minhas dúvidas foram esclarecidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
- FVC SÃO MATEUS (ES) - CEP:
29933-415 FONE: (27) 3313-0028 /
E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Wiviany Teixeira Borges Fontana
ENDEREÇO: Presidente Kennedy-ES
FONE: (28) 99966-5893 / E-MAIL: wivianyborges@yahoo.com.br ou.

São Mateus, ____ de _____ de 20__
_____.

Nome e assinatura do(a) participante

Nome e assinatura do(s) pesquisador(es)

ANEXO D: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**
Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 256 de 15/02/2017 publicada no D.O.U. de 16/02/2017

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

São Mateus - ES, 07 de dezembro de 2019.

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, **Wiviany Teixeira Borges Fontana**, aluno (a) do curso de **Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação** da **Faculdade Vale do Cricaré**, solicito a Diretora Carmem Lúcio e ao professor Leonardo Dutra da Silva da EMEIEF "Vilmo Ornelas Sarlo" e a responsável pelo aluno Daniel Pirovani da Silva, a Senhora Luíza Pirovani do município de Presidente Kennedy - ES, autorização para realizar pesquisa, com o objetivo de desenvolver trabalho do Mestrado.

Contando com a autorização de V.S.ª colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.


Atenciosamente,




Assinatura da Pesquisadora


Secretária
Luzinete Duarte
Secretária do Mestrado
Portaria DG 002/2012
Faculdade Vale do Cricaré

ANEXO E: AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA


PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

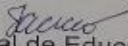
AUTORIZAÇÃO

Secretaria Municipal de Educação
Presidente Kennedy - ES
Tel.: 28 - 3535 - 1954

Eu, **FÁTIMA AGRIZZI CECCON**, Secretária Municipal de Educação de Presidente Kennedy, autorizo a pesquisadora **WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA**, aluna do curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, realizar sua pesquisa de estudo nos Setores da Secretaria de Educação com o objetivo de desenvolver trabalho do Mestrado.

Estou ciente de que a pesquisa será realizada para cumprimento de exigência do curso.

Presidente Kennedy/ES, 09 de dezembro de 2019.


Secretária Municipal de Educação
Fátima Agrizzi Ceccon
Decreto N° 189/2019

RUA ÁTILA VIVACQUA, N.º 79- CENTRO - PRESIDENTE KENNEDY- ESPÍRITO SANTO
CEP 29.350-000 - FONE (28) 3535-1954

ANEXO F: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ensino de História a uma criança com síndrome de Down: experiência a partir das artes visuais

Pesquisador: WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36479920.9.0000.8207

Instituição Proponente: INSTITUTO VALE DO CRICARE LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Outros

Detalhe: Retificação do parecer consubstanciado

Justificativa: Boa tarde,

Data do Envio: 27/08/2020

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.259.893

Apresentação da Notificação:

Este estudo pauta-se numa análise sobre a situação atual em relação ao uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem de alunos com síndrome de Down nas aulas de história, na escola municipal de Presidente Kennedy-ES, abordando aspectos como problemas e desafios enfrentados por esses alunos devido às limitações que lhes são peculiares e até que ponto essas limitações afetam seu processo de ensino e aprendizagem. É uma pesquisa de cunho qualitativa e também um estudo de caso descritivo e exploratório tendo como sujeitos o professor de História, a professora auxiliar, os familiares e o aluno com síndrome de Down, do 8º ano do Ensino Fundamental II, da EMEIEF "Vilmo Ornelas Sarlo" em Presidente Kennedy-ES.

Objetivo da Notificação:

Objetivo primário da Pesquisa:

Discutir as contribuições do uso das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem a um

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 29.933-415

UF: ES

Município: SAO MATEUS

Telefone: (27)3313-0000

E-mail: cep@jvc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.259.893

estudante com síndrome de Down nas aulas de História.

Objetivo Secundário:

Identificar diferentes estratégias de ensino de história que utilizem artes visuais;

Verificar o envolvimento do estudante com síndrome de Down nas aulas de História a partir do uso das artes visuais;

Descrever a apropriação de conceitos relativos de História do Brasil de um aluno com síndrome de Down, a partir do uso das artes visuais;

Propor uma formação continuada voltada para os professores de História sobre as necessidades básicas que envolvem os cuidados e as práticas pedagógicas necessárias para o processo de ensino e aprendizagem de alunos com síndrome de Down.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Segundo a Resolução nº 510/2016, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Nesta pesquisa, os riscos estão associados à possibilidade de estigmatização, violação da privacidade, interferência na vida e na rotina do pesquisado, que serão minimizados com uma visão atenta da pesquisadora aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantia da proteção das informações, a fim de evitar a estigmatização e garantir que o estudo será suspenso imediatamente, caso seja percebido algum risco ou danos à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento.

Benefícios: Espera-se, com esta pesquisa, favorecer o enriquecimento teórico e auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis nos conteúdos de história para alunos com Síndrome de Down, tendo em vista a carência de pesquisas neste seguimento.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

Projeto de caráter acadêmico, realizado para obtenção de título de mestrado profissional em Ciência, Tecnologia E Educação na Faculdade Vale do Cricaré. A escola e os 04 participantes da pesquisa são da cidade de Presidente Kennedy, Espírito Santo, Brasil. Conforme projeto detalhado, a previsão de início da pesquisa está em 01 de setembro 2020 e o término em 18 de dezembro de 2020.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 29.933-415

UF: ES

Município: SAO MATEUS

Telefone: (27)3313-0000

E-mail: cep@jvc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.259.893

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram apresentados: TAIC (com assinatura e carimbo responsável); TCLE dos participantes; TCLE Responsável Legal e TALE. Portanto, aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado. Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI 2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Retificacao.docx	27/08/2020 11:37:47	WIVIANY TEIXEIRA BORGES FONTANA	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO MATEUS, 04 de Setembro de 2020

Assinado por:

José Roberto Gonçalves de Abreu
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 29.933-415

UF: ES

Município: SAO MATEUS

Telefone: (27)3313-0000

E-mail: cep@ivc.br